



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO, ATUÁRIA E**  
**CONTABILIDADE**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO E**  
**CONTROLADORIA**  
**DOUTORADO ACADÊMICO EM ADMINISTRAÇÃO E CONTROLADORIA**

**JOELMA LEITE CASTELO**

**ECOSSISTEMA DE INOVAÇÃO SOCIAL, DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO**  
**E MICROCRÉDITO: PROPOSIÇÃO DE UM *FRAMEWORK***

**FORTALEZA**

**2023**

JOELMA LEITE CASTELO

ECOSSISTEMA DE INOVAÇÃO SOCIAL, DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO E  
MICROCRÉDITO: PROPOSIÇÃO DE UM *FRAMEWORK*

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração e Controladoria da Faculdade de Economia, Administração, Atuária, Contabilidade e Secretariado da Universidade Federal do Ceará, como requisito para obtenção do Título de Doutora em Administração e Controladoria.

Área de Concentração: Gestão Organizacional.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sandra Maria dos Santos

Coorientador: Prof. Dr. José Carlos Lázaro da Silva Filho

FORTALEZA

2023

JOELMA LEITE CASTELO

ECOSSISTEMA DE INOVAÇÃO SOCIAL, DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO E  
MICROCRÉDITO: PROPOSIÇÃO DE UM *FRAMEWORK*

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração e Controladoria da Faculdade de Economia, Administração, Atuária, Contabilidade e Secretariado da Universidade Federal do Ceará, como requisito para obtenção do Título de Doutora em Administração e Controladoria.

Tese aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sandra Maria dos Santos (Orientadora)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. José Carlos Lázaro da Silva Filho (Coorientador)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr. Francisco Vicente Sales Melo  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Suzanne Érica Nóbrega Correia  
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Clarissa Matte Zanardo dos Santos  
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

- C345e Castelo, Joelma Leite.  
Ecosistema de inovação social, desenvolvimento comunitário e microcrédito: proposição de um framework / Joelma Leite Castelo. – 2023.  
158 f. : il. color.
- Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Economia, Administração, Atuária, Contabilidade, Programa de Pós-Graduação em Administração e Controladoria, Fortaleza, 2023.  
Orientação: Profa. Dra. Sandra Maria dos Santos.  
Coorientação: Prof. Dr. José Carlos Lázaro da Silva Filho.
1. Ecosistemas de inovação social. 2. Desenvolvimento comunitário. 3. Atores sociais. 4. Microcrédito. I. Título.

CDD 658

---

## AGRADECIMENTOS

Certo dia, eu estava em sala de aula e um professor me questionou o motivo de eu estar fazendo o Doutorado: status, dinheiro ou propósito? Tal questionamento me fez refletir o porquê eu escolheria passar quatro anos da minha vida com renúncias, sem saber que teria que enfrentar uma pandemia (Covid-19) que durou três anos de reclusão familiar e social e, ainda, superar o luto do falecimento do meu pai.

Posso afirmar que a minha maior motivação e propósito era compartilhar uma das maiores experiências de vida que pude evidenciar. Acompanhar microempreendedores que vivem em ambientes vulneráveis e que, mesmo com muita restrição econômica e social, estereotipados como “invisíveis” da sociedade, conseguem gerar mudanças na vida de tantas pessoas. Portanto, o meu primeiro agradecimento dedico a estes atores sociais que se engajam voluntariamente por terem um propósito de vida: “ser solidário sem olhar a quem”.

A Deus, por toda força e sabedoria como guia neste processo de minha vida acadêmica.

Aos meus pais, Margarida Selma e José Castelo (*in memoriam*), por me ensinarem que os seus maiores legados seriam o incentivo e a oportunidade de ter uma Educação de qualidade. Com eles, obtive um dos meus maiores patrimônios: o conhecimento, a paixão pela docência, a dedicação em servir ao “público” indistintamente, a ética nas relações interpessoais e o amor pela família. Amo muito vocês.

Aos meus filhos, Lara e Diego, pela paciência durante este processo de autoconhecimento e de dedicação. Foram dias, meses, anos procurando conciliar o estudo com o “Ser Mãe”. Não foi fácil, mas todo o esforço valeu a pena.

Ao meu marido Henrique, a quem escolhi ser o meu companheiro de vida e o meu verdadeiro amor. Obrigada por ser um dos meus maiores incentivadores, meu alicerce, minha inspiração profissional e pessoal. Te amo.

Aos meus irmãos Plácido, Euclides, Samuel e Paulo, por representarem a força da nossa família. Amo vocês.

À minha orientadora Professora Sandra Maria, que, com muita serenidade e confiança, ajudou na conclusão deste trabalho, indicando o caminho, orando e me dando forças para eu não desistir.

Aos professores da banca, que, desde a defesa do meu projeto, contribuíram, fazendo sugestões, críticas para que eu entregasse o melhor neste processo de ensino e aprendizagem. Em especial, ao professor José Lázaro e à professora Jaqueline Lucas, que foram meus

orientadores nas disciplinas de inovação e estágio supervisionado. Com eles, adquiri conhecimento e dedicação à pesquisa. Meu muito obrigada.

Às minhas amigas docentes da Universidade Aline Duarte, Cintia Aquino, Nayana Adriano e Alexandra Siebra, que representam fonte de inspiração e entusiasmo nas pesquisas e na vida acadêmica. Ao amigo Clayton Robson, que gentilmente e de forma seminal sempre acreditou no meu potencial. Vocês foram minha rede de apoio emocional e intelectual indispensável nesta jornada. Que venham muitas publicações. Gratidão eterna!

À minha amiga-irmã Helda Kelly, por sempre ter acreditado e colaborado com esta pesquisa. Obrigada por tudo!

Às minhas amigas “mamães saradas” Celma Galeno e Ticiania Lobo, que me ajudaram a manter o equilíbrio físico com o emocional.

Às minhas bolsistas de iniciação científica da UECE/UFC e aos monitores do PET/UFC. Tê-los neste processo só reafirmou a minha paixão pela docência. Gratidão por toda ajuda. Em especial, às discentes Ana Paula Macambira, Letícia Santos e Cecília Florentino. Vocês foram incríveis!

À Universidade Estadual do Ceará, pelo apoio acadêmico, ao Banco do Nordeste do Brasil S.A e ao Instituto Nordeste Cidadania, pelo apoio institucional.

## RESUMO

Nesta tese, busca-se compreender a dinâmica do processo e do resultado de iniciativas de inovação social por meio da experiência empírica de programas de desenvolvimento comunitário e de microcrédito. Para tanto, foram desenvolvidos três artigos com a finalidade de preencher lacunas identificadas na literatura que investiga o processo e o resultado de iniciativas de inovações sociais locais. No primeiro artigo, investiga-se as características da inovação social em uma comunidade local beneficiária de programa de desenvolvimento comunitário na perspectiva de processo. Para tanto, realizou-se uma pesquisa de campo à luz do modelo teórico de Tardif e Harrisson (2005), com abordagem qualitativa, em que foram realizadas entrevistas semiestruturadas, observação direta com diário de campo e análise documental. Os resultados permitiram identificar e explorar as cinco categorias de análise presentes no modelo teórico utilizado: (i) transformações; (ii) caráter inovador; (iii) inovação; (iv) atores; e (v) processos. As análises corroboram o caráter de inovação social associado ao desenvolvimento do território. Por outro lado, os processos necessitam de maior profissionalização e formalização, o que poderia reduzir a dependência financeira de órgãos públicos. Como implicações empíricas-teóricas para agenda do campo de IS e de políticas públicas voltadas para o desenvolvimento de território, o trabalho avança na compreensão das dinâmicas de IS em comunidades locais e organizações sociais, destacando o papel de projetos sociais no combate às vulnerabilidades e às desigualdades sociais, o que permitiu traçar o perfil dos atores envolvidos e sistematizar modelos e processos aplicados no contexto da comunidade investigada, servindo de panorama para outros contextos semelhantes. O segundo artigo, avalia-se as dimensões das inovações sociais e os papéis dos atores sociais do microcrédito na perspectiva de resultado, fundamentando-se na escala de classificação da inovação social elaborada por D'Amario e Comini (2020). Com isso, realizou-se um *survey* de experiência com abordagem *mix* (quali-quanti) com beneficiários do programa de microcrédito Crediamigo/BNB, em Fortaleza/CE. Os resultados evidenciaram que as ações de inovação social promovem a inclusão socioeconômica, permitindo a geração de renda, empoderamento e melhoria na qualidade de vida. Adicionalmente, desenvolveu-se uma análise de *cluster*, que permitiu caracterizar diferentes perfis de beneficiários, contribuindo com a ampliação do entendimento das dimensões da inovação social e os papéis dos atores sociais no contexto investigado. No terceiro artigo, propõe-se um *framework* analítico de inovação social comunitário na perspectiva da abordagem ecossistêmica a partir da experiência empírica entre os projetos de desenvolvimento comunitário e de microcrédito. Esta investigação possui natureza qualitativa, com fins exploratório-descritivos. Trata-se de um estudo de caso, por meio de pesquisa de campo e avaliação qualitativa com 38 beneficiários do programa de microcrédito Crediamigo/BNB, da unidade Bom Jardim, em Fortaleza/CE. O estudo permitiu sistematizar um *framework* integrando o processo e o resultado de iniciativas de IS aplicados no contexto investigado, servindo de mecanismo para o fomento de Ecossistemas de Inovação Social Comunitários [EISC], bem como instrumento metodológico para futuras políticas públicas econômicas e sociais regionais. Como contribuições teórico-empíricas, o estudo avança na compreensão das dinâmicas de IS em comunidades locais e organizações sociais, destacando o papel de parcerias intersetoriais (público, privado e terceiro setor) no combate às vulnerabilidades e às desigualdades sociais. Além disso, o estudo contribui para a compreensão das dinâmicas de gestão e governança comunitárias, trazendo reflexões sobre o papel desempenhado dos atores da QH (governo, empresas, sociedade civil e academia) no processo de planejamento, articulação, coordenação e implementação de práticas inovadoras e empreendedoras nos campos social, cultural, educacional, ambiental e econômico. Assim, defende-se nesta tese que iniciativas de inovação social no ambiente de microfinanças e de comunidades vulneráveis ocorre a partir da articulação entre seus beneficiários e diversos atores

sociais por meio de colaborações intersetoriais (público, privado e o terceiro setor), nos quais diferentes públicos se engajam na solução de problemas sociais que podem ser explicados em uma abordagem ecossistêmica e analisados por meio de um *framework* de Ecossistema de Inovação Social Comunitário [EISC], constituindo-se, assim, uma possível política pública inovadora cocriada com os cidadãos para soluções de problemas sociais.

**Palavras-chave:** Ecossistemas de Inovação Social. Desenvolvimento Comunitário. Atores Sociais. Microcrédito.

## ABSTRACT

In this thesis, we seek to understand the dynamics of the process and the result of a social innovation initiatives through the empirical experience of community development and microcredit programs. To this end, three articles were developed with the purpose of filling gaps identified in the literature that investigates the process and the result of local social innovation initiatives. In the first article, investigates the characteristics of social innovation in a local community beneficiary of a community development program from a process perspective. For that, field research was carried out in the light of the theoretical model of Tardif and Harrison (2005), with a qualitative approach, in which semi-structured interviews, direct observation with a field diary, and documental analysis were carried out. The results allowed identifying and exploring the five categories of analysis present in the theoretical model used: (i) transformations; (ii) innovative nature; (iii) innovation; (iv) actors; and (v) processes. The analyzes corroborate the character of social innovation associated with the development of the territory. On the other hand, processes need greater professionalization and formalization, which could reduce financial dependence on public bodies. As empirical-theoretical implications for the SI and public policies aimed at territory development field agenda, the work advances in understanding the SI dynamics in local communities and social organizations, highlighting the role of social projects in combating vulnerabilities and social inequalities, which made it possible to outline the profile of the actors involved and to systematize models and processes applied in the context of the investigated community, serving as a panorama for other similar contexts. The second article evaluates the dimensions of social innovations and the roles of social actors in microcredit from the perspective of results, based on the social innovation classification scale elaborated by D'Amario and Comini (2020). With this, an experience survey with a mix approach (qualitative and quantitative) was carried out with beneficiaries of the Crediamigo/BNB microcredit program, in Fortaleza/CE. The results showed that social innovation actions promote socioeconomic inclusion, allowing income generation, empowerment, and improvement in quality of life. Additionally, a cluster analysis was developed, which allowed characterizing different profiles of beneficiaries, contributing to the expansion of understanding of the dimensions of social innovation and the roles of social actors in the investigated context. In the third article, an analytical framework for community social innovation is proposed from the perspective of the ecosystem approach based on the empirical experience between community development and microcredit projects. This investigation has a qualitative nature, with exploratory-descriptive purposes. This is a case study, through field research and qualitative evaluation with 38 beneficiaries of the Crediamigo/BNB microcredit program, from the Bom Jardim unit, in Fortaleza/CE. The study allowed systematizing a framework integrating the process and result of SI initiatives applied in the investigated context, serving as a mechanism for the promotion of Community Social Innovation Ecosystems [EISC], as well as a methodological instrument for future regional economic and social public policies. As theoretical-empirical contributions, the study advances in understanding SI dynamics in local communities and social organizations, highlighting the role of intersectoral partnerships (public, private, and third sector) in combating vulnerabilities and social inequalities. In addition, the study contributes to understanding the dynamics of community management and governance, bringing reflections on the role played by QH actors (government, companies, civil society, and academia) in the process of planning, articulating, coordinating, and implementing innovative practices and entrepreneurs in the social, cultural, educational, environmental, and economic fields. Thus, it is argued in this thesis that social

innovation initiatives in the microfinance environment and vulnerable communities occur from the articulation between their beneficiaries and various social actors through intersectoral collaborations (public, private and the third sector), in which different publics engage in the solution of social problems that can be explained in a ecosystem approach and analyzed through a Community Social Innovation Ecosystem [EISC] framework, thus constituting a possible innovative public policy co-created with citizens for solutions of social problems.

**Keywords:** Social Innovation Ecosystems. Community Development. Social Actors. Microcredit.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Descrição dos enquadramentos teóricos possíveis da inovação social adaptado de Foroudi <i>et al.</i> , (2020).....	19
Quadro 2 –	Lacunas a serem percorridas na Tese.....	26
Quadro 3 –	<i>Design</i> metodológico da Tese.....	33
<u>Artigo 1</u>		
Quadro 1 –	As cinco dimensões de análise propostas por Tardif e Harrisson (2005).....	39
Quadro 2 –	Codificação e perfil dos sujeitos da pesquisa.....	41
Quadro 3 –	Categorias e subcategorias de análise.....	42
<u>Artigo 2</u>		
Quadro 1 –	Modelo conceitual de classificação da IS de D’ Amario e Comini (2020)....	65
Quadro 2 –	Variáveis do modelo adotado na pesquisa.....	67
Quadro 3 –	Codificação e perfil dos sujeitos da pesquisa.....	68
Quadro 4 –	Dimensões e variáveis de análise.....	69
<u>Artigo 3</u>		
Quadro 1 –	Dimensões e subcategorias de análise.....	101
Quadro 2 –	Descrição dos papéis dos Atores da Quádrupla Hélice.....	111

## LISTA DE TABELAS

### Artigo 2

Tabela 1 –	Descritiva e confiabilidade das variáveis da dimensão “Tipos”.....	71
Tabela 2 –	Descritiva e confiabilidade das variáveis da dimensão “Profundidade”.....	75
Tabela 3 –	Análise de <i>Clusters</i> das variáveis de IS.....	79
Tabela 4 –	Agrupamento das variáveis sociodemográficos, por <i>clusters</i> .....	81

## LISTA DE FIGURAS

### Artigo 1

Figura 1 – Elementos-chave da inovação social para o Desenvolvimento Comunitário. 58

### Artigo 3

Figura 1 – Elementos-chave da inovação social para o Desenvolvimento Comunitário. 103

Figura 2 – Dimensões da Inovação Social..... 104

Figura 3 – Dimensão Profundidade..... 105

Figura 4 – Dimensão Tipologia..... 108

Figura 5 – Dimensão Cobertura..... 110

Figura 6 – Barreiras da Inovação Social..... 110

Figura 7 – *Framework* do Ecossistema de Inovação Social Comunitário [EISC]..... 114

## LISTA DE ABREVIATURAS

IS - Inovação Social.....	16
EI - Ecossistemas de Inovação.....	16
EIS - Ecossistemas de Inovação Social.....	20
PDIC - Programa de Desenvolvimento e Integração Comunitária.....	22
OSCIP - Organização da Sociedade Civil de Interesse Público.....	22
INEC- Instituto Nordeste Cidadania.....	22
BNB - Banco do Nordeste do Brasil S/A.....	22
EISC - Ecossistema de Inovação Social Comunitário.....	23
CRISES - <i>Centre de Recherche Sur les Innovations Sociales</i> .....	30
OECD - <i>Organisation for Economic Co-operation and Development</i> .....	37
IABS - Instituto Brasileiro de Desenvolvimento e Sustentabilidade.....	37
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.....	37
SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas.....	44
UFC - Universidade Federal do Ceará.....	49
GBJ - Grande Bom Jardim.....	76
RMF - Região Metropolitana de Fortaleza.....	76
QH - Quadrupla Hélice.....	95
SPSS - <i>Statistical Package for the Social Sciences</i> .....	116

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>18</b>
<b>1.1 Contextualização do Problema da Pesquisa</b> .....	<b>18</b>
<b>1.2 Objetivos da Pesquisa</b> .....	<b>25</b>
<i>1.2.1 Objetivo geral</i> .....	<i>25</i>
<i>1.2.2 Objetivos específicos</i> .....	<i>25</i>
<b>1.3 Declaração de Tese</b> .....	<b>26</b>
<b>1.4 Justificativa da Pesquisa</b> .....	<b>26</b>
<b>1.5 Procedimentos Metodológicos</b> .....	<b>28</b>
<i>1.5.1 Artigo 1</i> .....	<i>30</i>
<i>1.5.2 Artigo 2</i> .....	<i>31</i>
<i>1.5.3 Artigo 3</i> .....	<i>32</i>
<i>1.5.4 Estrutura da Tese</i> .....	<i>33</i>
<b>2 ARTIGO 1 - INOVAÇÃO SOCIAL EM UMA COMUNIDADE LOCAL NO BRASIL</b> .....	<b>37</b>
<b>2.1 Introdução</b> .....	<b>38</b>
<b>2.2 Método</b> .....	<b>41</b>
<b>2.3 Análise e Discussão dos Resultados</b> .....	<b>44</b>
<i>2.3.1 Dimensão “Transformações”</i> .....	<i>44</i>
<i>2.3.1.1 Contexto: macro e micro</i> .....	<i>44</i>
<i>2.3.1.2 Transformações sociais</i> .....	<i>45</i>
<i>2.3.1.3 Transformações econômicas</i> .....	<i>46</i>
<i>2.3.2 Dimensão “Caráter inovador”</i> .....	<i>47</i>
<i>2.3.2.1 Ação social</i> .....	<i>47</i>
<i>2.3.2.2 Modelo</i> .....	<i>48</i>
<i>2.3.2.3 Economia</i> .....	<i>49</i>
<i>2.3.3 Dimensão “Inovação”</i> .....	<i>50</i>
<i>2.3.3.1 Escala local</i> .....	<i>50</i>
<i>2.3.3.2 Tipo</i> .....	<i>51</i>
<i>2.3.3.3 Finalidade</i> .....	<i>51</i>
<i>2.3.4 Dimensão “Atores”</i> .....	<i>52</i>
<i>2.3.4.1 Atores sociais</i> .....	<i>52</i>
<i>2.3.4.2 Atores organizacionais</i> .....	<i>53</i>

2.3.4.3 Atores institucionais .....	53
2.3.4.4 Atores intermediários .....	54
<b>2.3.5 Dimensão “Processos” .....</b>	<b>55</b>
2.3.5.1 Modos de coordenação.....	55
2.3.5.2 Meios .....	56
2.3.5.3 Restrições .....	57
<b>2.4 Considerações Finais .....</b>	<b>58</b>
<b>3 ARTIGO 2 - DIMENSÕES DA INOVAÇÃO SOCIAL E OS PAPEIS DOS ATORES SOCIAIS NO CONTEXTO DO MICROCRÉDITO .....</b>	<b>61</b>
<b>3.1 Introdução .....</b>	<b>62</b>
<b>3.2 Referencial Teórico.....</b>	<b>64</b>
<b>3.3 Metodologia.....</b>	<b>67</b>
<b>3.4 Análise e Discussão dos Resultados.....</b>	<b>71</b>
<b>3.4.1 Dimensão “Tipos da inovação social.....</b>	<b>72</b>
3.4.1.1 Inovação social de produto .....	72
3.4.1.2 Inovação social de marketing.....	74
3.4.1.3 Inovação social organizacional .....	75
<b>3.4.2 Dimensão “Profundidade” da inovação social .....</b>	<b>76</b>
3.4.2.1 Inovação social incremental.....	76
3.4.2.2 Inovação social disruptiva .....	77
3.4.2.3 Inovação social institucional.....	78
<b>3.4.3 Dimensão “Cobertura” da inovação social .....</b>	<b>79</b>
<b>3.4.4 Análise de clusters das dimensões de inovação social .....</b>	<b>80</b>
<b>3.5 Conclusão .....</b>	<b>84</b>
<b>4 ARTIGO 3 – DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO E MICROCRÉDITO: PROPOSIÇÃO DE UM FRAMEWORK ANALÍTICO DE ECOSSISTEMAS DE INOVAÇÃO SOCIAL.....</b>	<b>87</b>
<b>4.1 Introdução .....</b>	<b>91</b>
<b>4.2 Referencial Teórico.....</b>	<b>94</b>
<b>4.2.1 O processo de criação da inovação social no desenvolvimento comunitário.....</b>	<b>94</b>
<b>4.2.2 Os resultados de inovações sociais no ambiente de microfinanças.....</b>	<b>96</b>
<b>4.2.3 Ecossistema de Inovação Social [EIS]: como promover a interconexão de seus atores e recursos? .....</b>	<b>98</b>
<b>4.3 Procedimentos Metodológicos .....</b>	<b>100</b>

<b>4.4 Análise e Discussão dos Resultados.....</b>	<b>102</b>
<b>4.4.1 Processo (Background) .....</b>	<b>103</b>
<b>4.4.2 Resultados (Outputs) .....</b>	<b>105</b>
4.4.2.1 Dimensão Profundidade .....	106
4.4.2.2 Dimensão Tipologia .....	108
4.4.2.3 Dimensão Cobertura .....	110
<b>4.4.3 Abordagem Ecológica.....</b>	<b>112</b>
<b>4.5 Conclusão .....</b>	<b>117</b>
<b>5 CONCLUSÃO.....</b>	<b>119</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>123</b>
<b>APÊNDICE I – ESTUDOS EMPÍRICOS DE ECOSISTEMA DE INOVAÇÃO SOCIAL.....</b>	
<b>SOCIAL.....</b>	<b>144</b>
<b>APÊNDICE II – ROTEIRO DE ENTREVISTAS ARTIGO 1 .....</b>	<b>149</b>
<b>APÊNDICE III – ROTEIRO DO SURVEY ARTIGO 2.....</b>	<b>152</b>
<b>APÊNDICE IV – COMPROVANTE DE PUBLICAÇÃO DO ARTIGO 1.....</b>	<b>156</b>
<b>APÊNDICE V – COMPROVANTE DE APROVAÇÃO DO ARTIGO 2 .....</b>	<b>157</b>
<b>APÊNDICE VI – COMPROVANTE DE APROVAÇÃO DO RESUMO EXPANDIDO DO ARTIGO 3.....</b>	<b>158</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Esta seção destina-se a contextualizar as principais temáticas da pesquisa, motivações e/ou lacunas constantes da literatura que direcionam sua realização. Para tanto, inicia-se com uma breve contextualização sobre o tema inovação social e sua relação com suas abordagens teóricas e empíricas entre suas dimensões, atores sociais, ecossistemas e programas sociais de desenvolvimento comunitário e de microcrédito, seguida pela questão norteadora do presente estudo. Na sequência, apresenta-se o objetivo geral e delineiam-se os objetivos específicos do estudo, todos atuantes como contribuintes à resolução da questão levantada, sendo posteriormente expostos a justificativa da pesquisa, que constitui a motivação para a sua realização, bem como as contribuições desta para os campos acadêmico e profissional. Por fim, apresenta-se uma síntese do percurso metodológico e a estrutura da tese.

### 1.1 Contextualização do Problema da Pesquisa

As cidades são construídas de modo a serem espaços que promovam mudanças em seu desenvolvimento (Andion *et al.*, 2022), na elaboração de soluções dos entraves públicos contemporâneos (e.g., desemprego, desigualdade social, poluição, doenças e violência) (Camboim *et al.*, 2019). Neste contexto, estudos sobre empreendedorismo e inovação ganham interesse acadêmico, governamental e social na compreensão de como superar e ajudar os desafios sociais atuais por meio da compreensão da formação de arranjos colaborativos e de modelos de criação de valor (Horne *et al.*, 2020; Johnson & Schaltegger, 2020; Kraemer-Eis *et al.*, 2021).

No domínio de negócios e gestão, a inovação tem sido frequentemente estudada a partir de diferentes perspectivas, desde análises no contexto individual das empresas, passando pelas abordagens de agrupamentos organizacionais, como sistemas de inovação e *clusters* (Foroudi *et al.*, 2020), até conceitos mais contemporâneos como a compreensão da formação de Ecossistemas de Inovação [EI] (Scaringella & Radziwon, 2018; Coletto *et al.*, 2022). Definido como um arranjo colaborativo em que são combinados, por parte das empresas, ofertas individuais sob forma de solução para as necessidades dos clientes (Adner, 2006). Os EI ganham interesse acadêmico por fornecerem diferentes maneiras de se analisar como um setor ou um conjunto de setores pode ser estruturado (Jacobides *et al.*, 2018), aumentando a conscientização e o foco em modelos de criação e captura de valor (Adner, 2017).

Ao refletir sobre esse contexto, pode-se vislumbrar alternativas, entretanto, quando pensamos nos desafios sociais contemporâneos, faz-se necessário delinear soluções transformadoras e duradouras para além do paradigma da inovação tradicional, comumente focada na perspectiva mercadológica (Pazetto *et al.*, 2022). Logo, percebe-se o direcionamento nas pesquisas nos dias atuais de um movimento sob uma perspectiva social gerando a necessidade/desafio de encontrar novos papéis e paradigmas de conhecimento aplicável às novas dinâmicas e às estruturas das sociedades contemporâneas e futuras (Howaldt, Domanski & Kaletka, 2016; Franzoni; Silva, 2016; Portales, 2019; Foroudi *et al.*, 2020; Torlig *et al.*, 2020; Horne *et al.*, 2020; Andion *et al.*, 2022).

Frente a esse cenário, pesquisas sobre inovação social [IS] têm sido fortalecidas, especialmente em temáticas relacionadas à gestão e ao empreendedorismo em virtude do crescente descontentamento de empreendedores e organizações em relação às soluções dos problemas sociais (Phillips *et al.*, 2014; Caroli *et al.*, 2018; Mirvis *et al.*, 2016; Portales, 2019; Kraemer-Eis *et al.*, 2021) na busca de iniciativas com soluções inovadoras voltadas para o bem maior (Foroudi *et al.*, 2020; Andion *et al.*, 2022; Pazetto *et al.*, 2022).

Dado o interesse acadêmico, observa-se que no século XIX, a IS era frequentemente apresentada como um construto ou conjunto de discursos relativos a aspectos revolucionários do socialismo, reforma social e economia social (Monteiro, 2019). Durante a década de 1930, foi associada à ascensão do estado de bem-estar social e, na década de 1960, a novos movimentos sociais de emancipação e democratização (Ardill & Oliveira, 2018; Monteiro, 2019).

Do final do século XX aos anos 2000, ganhou novo impulso e conotação positiva, primeiro no contexto de desenvolvimento local para cidades desindustrializadas, e segundo por um renovado interesse pela economia social e solidária para a prestação de assistência social após as crises financeiras de 2008 (Moulaert *et al.* 2017; Ardill & Oliveira, 2018). Embora se observe evolução na temática, destaca-se o não consenso na literatura sobre a definição de IS (Mulgan *et al.* 2007; Tardif & Harrisson, 2005; Pol & Ville, 2009; Moulaert *et al.*, 2013; Ardill & Oliveira, 2018; Batista & Correira, 2020; Andion *et al.*, 2022) constituindo-se como *locus* considerável e significativo de pesquisas.

Em sentido restrito, as definições de “social” e “inovação” não parecem menos controversas (Ardill & Oliveira, 2018). O “social” é comumente entendido como a produção de valor social para o público, ou sociedade como um todo, em contraste com o lucro econômico (Murray *et al.*, 2010; Tepsie, 2014; Comini, 2016). Quanto ao “valor social”, apresenta-se como uma resposta/mudanças às necessidades ou desafios sociais, por meio da melhoria da

capacidade de agir, de bem-estar e de qualidade de vida de indivíduos ou da sociedade (Moulaert *et al.*, 2005; Murray *et al.* 2010; Matitz *et al.*, 2012; Ciccarino *et al.*, 2022). Já “inovação” é geralmente entendida como uma nova solução relativa a processos de *redesign* ou recombinação de ativos e recursos existentes (Manzini, 2015; Ardill & Oliveira, 2018).

A adição do adjetivo “social” para criar outra categoria de inovação – e particularmente seu uso como conceito na análise de políticas públicas – é mais recente em estudos nas Ciências Sociais contemporâneas (Howaldt *et al.*, 2014; Quandt *et al.*, 2017; Andion *et al.*, 2022; Ciccarino *et al.*, 2022), em virtude da noção de que a IS pode promover benefício social e atender de forma mais eficiente os principais problemas sociais enfrentados pela humanidade (Ardill & Oliveira, 2018; Portales, 2019; Pazetto *et al.*, 2022). Ademais, embora exista grande amplitude no conceito de IS, há um risco em se considerar tudo que gera mudança social ou que ofereça benefícios à sociedade como IS (Batista & Correia, 2020; Portales, 2019).

Ardill e Oliveira (2018) ressaltam a necessidade de cautela na afirmação de que os resultados são “bons para a sociedade” devido ao seu impacto social ser contextualmente delimitado e sujeito a interpretação (Moulaert *et al.*, 2005; Evers *et al.*, 2014). Assim, com base na evolução intelectual sobre a temática da IS observa-se no estudo de Foroudi *et al.* (2020) o enquadramento teórico da IS sob 8 (oito) perspectivas vide Quadro 1:

**Quadro 1.** *Descrição dos enquadramentos teóricos possíveis da inovação social adaptado de Foroudi et al., (2020).*

<b>Enquadramento Teórico</b>	<b>Descrição</b>
<i>Empreendedorismo social</i>	As pesquisas sobre empreendedorismo social direcionam-se principalmente para abordar questões sociais e na ênfase da criação de valor social. A IS é explorada como uma ferramenta ou meio importante para criar um valor socialmente sustentável e os desafios éticos (Peredo & McLean, 2006; Zahra <i>et al.</i> , 2009).
<i>Mudança social</i>	Explora-se o mecanismo de mudança social sustentável (Moulaert, 2013) Ao contrário do empreendedorismo social, a mudança social baseia-se principalmente nos aspectos culturais, portanto, as pesquisas afirmam que a IS pode transmitir uma forte mudança cultural para criar uma mudança social significativa (Mair & Marti, 2006).
<i>Criação de valor social</i>	Aborda fortemente que a IS é o precursor para a criação de valor social (Peredo & McLean, 2006). Porter e Kramer (2018) enfatizaram o papel da IS para a construção de uma estrutura não capitalista com uma base de valores compartilhados. Aumentar o valor social para uma organização e sociedade é igualmente importante para organizações como criação de valor privado.
<i>Desenvolvimento de território</i>	A IS pode beneficiar/contribuir para o desenvolvimento territorial. Moulaert <i>et al.</i> (2005) destaca as melhorias inovadoras e os desenvolvimentos de alta qualidade nas cidades europeias em termos de governança das comunidades urbanas. Discutida sob diferentes terminologias, como desenvolvimento local, desenvolvimento bifocal e desenvolvimento social urbano, com abordagem conceitual construída em torno da integração da instituição, cidadãos e localidade.
<i>Psicologia da comunidade</i>	Visa promover a transformação social com intervenções em diferentes

	níveis (individual, comunidade, sociedade), abordando os problemas sociais, cuidando e envidando esforços com um senso de humanidade compartilhada (Seidman, 2003)
<b><i>Economia do Bem-estar</i></b>	De acordo com Pol e Ville (2009), a diferença construtiva entre inovação e inovação social é decorrente de suas diferentes abordagens para o “bem-estar”, onde a IS trata principalmente de melhorar o bem-estar para melhorar os problemas de indivíduos e comunidades, proporcionando emprego ou participação, intimamente ligados ao desenvolvimento local. Inovações empresariais, a teoria da economia do bem-estar passa a se cruzar com a IS para o benefício da sociedade.
<b><i>Teoria institucional</i></b>	A instituição é uma estrutura social que compreende principalmente um grupo de organizações ou indivíduos com uma ação de exercício particular em um ambiente que é continuamente alterado ao longo do tempo. A teoria institucional sugere que as mudanças comportamentais e estruturais são determinadas principalmente pelo nível de eficiência e legitimidade organizacional, e menos pelos concorrentes da empresa (Liang <i>et al.</i> , 2007). Além disso, apresenta uma base abrangente para estudar as mudanças transformacionais nos novos ambientes, como empresas sociais e setores públicos (Currie & Guah, 2007)
<b><i>Teoria da estruturação</i></b>	Refere-se a uma abordagem mais ampla para as ações sociais, onde oferece uma explicação para as evoluções e ações sociais (Sarason <i>et al.</i> , 2006) De acordo com Cajaíba-Santana (2014), um dos efeitos mais importantes da teoria da estruturação é sua capacidade de descrever o processo de criação e manutenção de uma ideia inovadora, bem como garantir a continuidade e as mudanças que acontecem ao longo do tempo.

Nota. Fonte: Adaptado de Foroudi *et al.* (2020).

Olhando na perspectiva de Foroudi *et al.* (2020), o estudo da IS e o seu enquadramento teórico têm se revelado multifacetado, dinâmico e em constante evolução a partir de diferentes abordagens (Mulgan *et al.*, 2007; Phillips *et al.*, 2014; Foroudi *et al.*, 2020) sendo, por este motivo, tão significativas e contributivas as pesquisas sobre o tema (Cajaíba-Santana, 2014; Neumeier, 2012; van der Have & Rubalcaba, 2016; Ziegler *et al.*, 2017; Batista, 2020) com vistas à satisfação das necessidades humanas, às mudanças nas relações sociais, ao acesso a recursos, podendo promover bem-estar social local ou global (Pol & Ville, 2009; Tardif & Harrisson, 2005; Correia, Oliveira & Gomez, 2016; Batista, 2020; Torlig *et al.*, 2020, Talmage, 2021; Pazetto *et al.*, 2022).

Na atualidade, as cidades e as comunidades enfrentam diversos tipos de desafios, considerados grandes problemas do século XXI (e.g., alterações climáticas, envelhecimento, migração, desemprego, governança democrática) que ameaçam dissolver o seu tecido social e econômico (Rey-García, Calvo & Mato-Santiso, 2019; Ravazzoli & Lopez, 2020). Além disso, os setores públicos reduzem os gastos públicos devido à austeridade em curso, e o setor privado não atende às necessidades dos cidadãos de modo que muitos sistemas de bem-estar foram confrontados com novos desafios demográficos, sociais e culturais, além de políticas de austeridade, resultando a um envolvimento mais ativo de atores não públicos na prestação de serviços sociais, por meio de programas de desenvolvimento comunitário, promovendo

iniciativas de IS e ações de empreendedores sociais (Tardif & Harrisson, 2005; Howaldt, Kopp & Schwarz, 2015; Johansson & Panican, 2016; Holland *et al.*, 2018; Ravazzoli & Lopez, 2020).

Com efeito, faz-se necessário repensar o papel da inovação de modo a integrar a IS no conceito mais amplo de sistema de inovação (Howaldt, Domanski & Kaletka, 2016; Ziegler *et al.*, 2017; Ravazzoli & Lopez, 2020; Torlig *et al.*, 2020; Andion *et al.*, 2022; Ciccarino *et al.*, 2022) podendo esta atuar como reguladora dessas relações, com uma visão que integra necessidades não levadas em consideração pelo mercado competitivo, por meio de mecanismos de solidariedade e reciprocidade em nível local, para garantir a satisfação das necessidades sociais presentes no contexto (Tardif & Harrisson, 2005; Molnár, 2017; Souza *et al.*, 2019; Batista, 2020). Frente a esse desafio, esta Tese utilizar-se-á uma abordagem ecossistêmica que ofereça uma explicação para as evoluções e ações sociais, auxiliando na compreensão do processo de criação e da manutenção de uma ideia inovadora duradoura em ambientes vulneráveis.

Para tanto, o debate teórico direciona-se em discutir as experiências de enfrentamento no campo da administração pública, especificamente com estudos sobre políticas públicas, que levam ao entendimento que a ação pública ultrapassa o governo, necessitando promover uma discussão sobre novos modelos de governança pública, emergindo o interesse no estudo sobre o que passou a ser conceituado como Ecossistemas de Inovação Social [EIS] (Andion *et al.*, 2022; Johnson & Schaltegger, 2020; Erpf & Tekula, 2019; Rey-García, Calvo & Mato-Santiso, 2019).

Atualmente, a compreensão de EIS transcende questões econômicas, financeiras e técnicas, abordando as dinâmicas da IS com objetivo de proporcionar novos estilos de desenvolvimento das cidades (North & Longhurst, 2013; Calzada *et al.*, 2013; Wolfram & Frantzeskaki, 2016, Andion, *et al.*, 2021). Desse modo, o estudo sobre EIS em nível de cidade visa fomentar conexões e parcerias entre os atores da quádrupla hélice – academia, governo, empresas e sociedade (Bellandi *et al.*, 2021; Carayannis *et al.*, 2021) – com o propósito de compreender os processos coletivos e parcerias que produzam impactos sustentáveis (Domanski *et al.*, 2020). Embora esses atores possam ter interesses conflitantes, o comportamento e o interesse comuns podem favorecer ou inibir EIS, evidenciando, assim, a necessidade de ampliar a compreensão sobre as formas de difusão da IS para além das experimentações locais (Andion *et al.*, 2022).

Corroboram com esta perspectiva, pesquisas como a de Paula *et al.* (2015) e Pol e Ville, (2009) ao destacarem iniciativas de projetos sociais, objetivando valorizar o território por meio do desenvolvimento de atividades econômicas ligadas no ambiente das comunidades, com a

compreensão de que tais iniciativas podem ser caracterizadas como inovações sociais e como práticas de desenvolvimento sustentável. Talmage (2021) acrescenta que o desenvolvimento comunitário pode ser facilmente visto como um processo que entrelaça equilíbrios sociais e econômicos.

Neste contexto, identifica-se diversos exemplos de IS na literatura, como: o microcrédito, o movimento do comércio justo, as atividades culturais, dentre outros (Mulgan, 2006). O diferencial das microfinanças, como forma de finanças, reside na criação do valor social, sendo reconhecida mundialmente como uma inovação de investimento que ajuda a alavancar valores econômicos e sociais (Molnár, 2017; Mahmuda, Baskarn & Pancholi, 2014). Logo, entende-se que os fatores contextuais (e.g., conjunto existente de recursos materiais e imateriais) que englobem as características naturais, financeiras, sociais e culturais possibilitam ou restringem a IS (Tardif & Harrisson, 2005; Ravazzoli & Lopez, 2020).

Assim, entende-se que programas de desenvolvimento comunitário voltados para o desenvolvimento de território podem ser analisados sob a **perspectiva do processo** de IS (Talmage, 2020), enquanto programas de microcrédito sob a **perspectiva de resultado** (Andrikopoulos & Triantafillou, 2021), constituindo-se uma dualidade similar na prática da proposta por Monteiro (2019) à semelhança de outros domínios da intervenção social, do desenvolvimento local e de iniciativas associadas à promoção de múltiplas experiências de inovação social.

Torlig *et al.* (2020) acrescentam que o desafio, no âmbito da IS é encontrar um ecossistema compartilhado de interações e inter-relações com base em uma abordagem integrada e sustentável para o desenvolvimento econômico, social e ambiental. Assim, dependendo dos desafios enfrentados e dos fatores contextuais que moldam as oportunidades de ação da comunidade (e.g., especificidades territoriais, recursos disponíveis e políticas) a IS persegue objetivos específicos e desenvolve diferentes tipos de atividades (Ravazzoli & Lopez, 2020; Ciccarino *et al.*, 2022).

Nesse sentido, ao estudar o microcrédito como um exemplo de IS discute-se o conceito de IS e as suas dimensões com o propósito de construir uma matriz analítica que permita sistematizar e comparar estudos de caso sobre o papel da IS no desenvolvimento dos territórios (André & Abreu, 2006), proporcionando indicadores para um estudo de carácter extensivo (D'Amario & Comini, 2020). Além disso, a análise crítica da mobilidade e da difusão das políticas de microfinanças apresentam um grande desafio metodológico, pois implica rastrear processos que são fluidos e que se movem com incertezas, sendo definidos não apenas em lugares específicos, mas por meio da participação ativa de atores como: redes de consultoria,

empreendedores sociais, ONGs internacionais, fundações filantrópicas e agentes privados (Cordeiro, 2020; Comini, Fischer & D'Amario, 2022).

Ademais, estudos sobre a IS no desenvolvimento dos territórios com o propósito na análise das práticas de seus atores e na criação de valor em diversos contextos, promovem em seu escopo muitas possibilidades de adaptações, dado a um conjunto de processos co-criativos, baseados em redes colaborativas oriundos de desafios e necessidades sociais (Tardif & Harrisson, 2005; Torlig *et al.*, 2020; Comini, Fischer & D'Amario, 2022). Logo, entende-se que a IS desempenha um papel importante no desenvolvimento de territórios, pois visa ao bem-estar coletivo por meio de atitudes, ações, estratégias, empoderamento, produtos ou processos que acolham os problemas cruciais locais e que ensejam independência e potência ao agente social (Moulaert & Sekia, 2003; Correia *et al.*, 2016; Portales, 2019; Batista, 2020).

Neste contexto, observa-se na literatura *frameworks* disponíveis com o propósito da análise do processo de desenvolvimento da IS em diversos contextos, contemplando alguns construtos (elementos-chaves, estágios e ou dimensões) fornecendo maior compreensão do fenômeno social (Cloutier, 2003; Tardif & Harrisson, 2005; Mulgan, 2006; André & Abreu, 2006; Murray *et al.*, 2010; Dawson & Daniel, 2010; Harrisson, Klein & Browne, 2010; Cajaiba-Santana, 2014; Choi & Majumdar, 2014; Howaldt *et al.*, 2014; Silva & Bittencourt, 2019; Ciccarino *et al.*, 2022). Entretanto, não se identifica na literatura um *framework* sobre EIS que sistematize o processo e o resultado de ações sociais (escala micro) a partir de colaborações intersetoriais de programas sociais voltados para o campo da criação de valor social e do desenvolvimento do território, constituindo-se uma **lacuna** a ser percorrida nesta Tese.

Assim, baseada na revisão da literatura, esta tese se fundamenta no estudo de quatro dimensões de IS: (i) Desafios Sociais (questões sociais a serem solucionadas por meio de inovações ou iniciativas sociais que gerem valor social), (ii) Processo (ações realizadas por meio de recursos, colaboração, cooperação, coordenação e aprendizagem), (iii) Rede de Atores (envolvimento das partes interessadas, contemplando atores sociais, instituições e organizações responsáveis) e (iv) Resultados (benefícios ou respostas diretas ou indiretas relacionadas na criação do valor social) que com base em uma abordagem integrada e sustentável são capazes de promover um EIS.

Para tanto, torna-se necessário tratar da IS como um resultado aplicado a necessidades sociais mediante a participação e a cooperação de todos os agentes envolvidos (D'Amario & Comini, 2020; Comini, Fischer & D'Amario, 2022). Essa integração propicia uma expansão da cidadania com vistas a reduzir a exclusão social e possibilita a constituição de novos projetos

públicos voltados para o progresso humano e para o desenvolvimento local (Tardif & Harrisson, 2005; Bignetti, 2011; Moulaert *et al.*, 2013; Andion *et al.*, 2022).

Esta tese visa contribuir para o campo teórico-empírico da IS, ao possibilitar a compreensão da dinâmica entre os atores sociais de programas de desenvolvimento comunitário e de microcrédito em suas iniciativas locais na formação de Ecossistemas de Inovação Social [EIS]. Por esse motivo, busca-se obter maior entendimento sobre o processo e o resultado da inovação social proveniente dos atores sociais, com o propósito de responder a seguinte indagação de pesquisa: **Como as interações entre os atores sociais de programas de desenvolvimento comunitário e de microcrédito podem promover um ecossistema de inovação social?**, a partir de um encadeamento metodológico cujo percurso teórico origina-se na avaliação empírica das iniciativas de IS junto à atores sociais (beneficiários) de dois programas sociais: i) Programa de Desenvolvimento e Integração Comunitária [PDIC], desenvolvido por uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público [OSCIP], intitulada de Instituto Nordeste Cidadania [INEC] e ii) Programa de microfinanças – Crediamigo, do Banco do Nordeste do Brasil S/A [BNB] e segue até a proposição teórica de um *framework* analítico para ecossistemas de inovação social comunitários.

## 1.2 Objetivos da Pesquisa

### 1.2.1 Objetivo geral

O objetivo geral desta tese é: Compreender a dinâmica do processo e do resultado de iniciativas de inovação social por meio da experiência empírica de programas de desenvolvimento comunitário e de microcrédito.

### 1.2.2 Objetivos específicos

Para tanto, serão percorridos três objetivos específicos:

- i. investigar as características da inovação social em uma comunidade local beneficiária de programa de desenvolvimento comunitário na perspectiva de processo.
- ii. avaliar as dimensões das inovações sociais e os papéis dos atores sociais do microcrédito na perspectiva de resultado.
- iii. propor um *framework* analítico de inovação social comunitário na perspectiva da abordagem ecossistêmica.

### 1.3 Declaração de Tese

Nesta tese, defende-se que iniciativas de inovação social no ambiente de microfinanças e de comunidades vulneráveis ocorre a partir da articulação entre seus beneficiários e diversos atores sociais por meio de colaborações intersetoriais (público, privado e o terceiro setor), nos quais diferentes públicos se engajam na solução de problemas sociais que podem ser explicados em uma abordagem ecossistêmica e analisados por meio de um *framework* de Ecossistema de Inovação Social Comunitário [EISC], constituindo-se, assim, uma possível política pública inovadora cocriada com os cidadãos para soluções de problemas sociais.

### 1.4 Justificativa da Pesquisa

Esta tese discute a dinâmica de um EIS proveniente das interações dos atores sociais de programas de desenvolvimento comunitário e do microcrédito a partir de suas iniciativas sociais. Tal perspectiva apresenta escassez na literatura (Moulaert & Sekia, 2003; Tepsie, 2014; Ziegler *et al.*, 2017, Talmage, 2021) e necessita de uma abordagem social inclusiva (Howaldt, Kopp & Schwarz, 2015; Ashta, Couchoro & Musa, 2014; Molnár, 2017; Foroudi *et al.*, 2020), que conduzam a uma compreensão sustentável e abrangente sobre as inovações sociais, seus atores e as relações entre estes (Ziegler *et al.*, 2017; Batista & Correia, 2020; Torlig *et al.*, 2020; Talmage, 2021; Andion *et al.*, 2022).

Tal fato foi identificado no levantamento bibliométrico (Apendice I) efetuado em 29 de dezembro de 2022 referente aos estudos sobre EIS. Neste, buscou-se na base *Scopus* os documentos que possuíssem em seu título, resumo ou palavras-chave, os seguintes termos: “**social innovation ecosystems**”, contemplando todos os tipos de documentos (artigos, livros, capítulos de livros, *conference paper*, editorial e revisões), publicados em periódicos científicos, considerando todos os anos disponíveis, resultando um montante de 35 documentos, sendo 18 artigos, 1 livro, 7 capítulos de livros, 5 *conference paper*, 1 *Review*, 1 *Short Survey* e 2 *conference review*. A partir destes documentos, aplicaram-se filtros de inclusão e exclusão, dos quais foram selecionados para fazer parte da amostra da pesquisa somente os artigos com estágio de publicação finalizado, resultando em uma amostra final de 15 artigos empíricos sobre ecossistemas de inovação social, conforme Apêndice I. Ratifica-se a utilização da plataforma

*Scopus* por ser uma ferramenta de suporte de *software* de diversas instituições nacionais e internacionais.

Com isso, evidencia-se a necessidade do aprofundamento de estudos sobre EIS em ambientes vulneráveis que sistematize o processo e o resultado de ações sociais (escala micro) a partir de colaborações intersetoriais de programas de desenvolvimento comunitário e de microcrédito, constituindo-se uma **lacuna teórica** a ser percorrida nesta Tese.

Nessa perspectiva, avaliar a IS como uma solução com efeitos duradouros (Cloutier, 2003), necessita adoção de *frameworks* que auxiliem na investigação de alguns construtos de características comuns como: análise processual (i.e., práticas, processos e serviços); organizacional (i.e., reorganização do trabalho, novos papéis, mudanças de papéis); institucional (i.e., leis, políticas, normas e regras); e material (i.e., tecnologia e produto). Para tanto, inspirada nos *frameworks* de Tardif e Harrisson (2005), Torlig *et al.*, (2020), Andion *et al.*, 2022 e na escala de classificação de IS de D’Amario e Comini (2020), o presente estudo abordará a IS em quatro dimensões: desafios sociais, processo, rede de atores e resultados, podendo ser identificadas outras subdimensões, fornecendo um suporte teórico a este estudo por possibilitar articulações teóricas-empíricas no campo do desenvolvimento de território e da criação de valor social.

Nesse sentido, justifica-se a escolha dessas bases teóricas como delimitação dos objetivos já elencados, que articulados geram três artigos científicos correlacionados para responder à indagação central desta tese que demandará no percurso do processo de pesquisa mitigar algumas **lacunas empíricas** apresentadas na literatura conforme sumarizado na Quadro 2.

**Quadro 2.** *Lacunas empíricas a serem percorridas na Tese*

Lacunas	Objetivos específicos
O estudo teórico-empírico da inovação no desenvolvimento comunitário necessita de perspectivas críticas com base no empreendedorismo social (Talmage, 2021).	1. investigar as características da inovação social em uma comunidade local beneficiária de programa de desenvolvimento comunitário na perspectiva de processo.
Escassez de análise da IS a partir de uma perspectiva de resultados e que considere como <i>locus</i> da IS empresas com fins lucrativos ou do setor público (Comini, Fischer & D’Amario, 2022).	2. avaliar as dimensões das inovações sociais e os papéis dos atores sociais do microcrédito na perspectiva de resultado.
Faz-se necessário construir uma visão integrada e sistemática de um EIS, que perpassa os contornos da inovação, resultando em políticas públicas inovadoras cocriadas com os cidadãos para o avanço de um novo paradigma de inovação abrangente (Gallouj <i>et al.</i> , 2018; Torlig <i>et al.</i> , 2020; Andion <i>et al.</i> , 2022).	3. Propor um <i>framework</i> analítico de inovação social comunitário na perspectiva de ecossistema.

*Nota.* Fonte: Elaborada pela autora (2022).

O Quadro 2 descreve as lacunas da literatura e a importância do alcance dos objetivos delineados com o propósito de conectar conceitos entre a rede de atores, o desenvolvimento comunitário, as dimensões da inovação social e o microcrédito. Logo, faz-se necessário considerar o contexto em que se analisará a IS dado o grau de subjetividade e multidisciplinariedade deste fenômeno.

Para tanto, a escolha metodológica dos objetos de desenvolvimento do estudo a partir da análise dos atores sociais dos programas de desenvolvimento comunitário [PDIC] e do microcrédito (Crediamigo) deve-se ao fato de que o PDIC visa valorizar a identidade individual e coletiva, por meio do incentivo à organização comunitária, da transformação de lugares e do cuidado com as pessoas e com a natureza (INEC, 2022), bem como o Crediamigo se propõem em contribuir para o desenvolvimento socioeconômico dos empreendedores e empreendedoras, por meio de produtos e serviços de microfinanças e orientação empresarial, de forma sustentável, oportuna e de fácil acesso (BNB, 2022). Além disso, a operacionalização de ambos os programas sociais (PDIC e Crediamigo) é realizado por uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público [OSCIP] – o INEC, que têm como foco principal o desenvolvimento sustentável de comunidades na região Nordeste do Brasil (INEC, 2022).

Logo, defende-se que, para atingir os objetivos pretendidos, o percurso desta pesquisa é assegurado por meio da triangulação de dados que garante a validade e a confiabilidade da articulação desta tese (Rubim, 2000; Lietz & Zayas, 2010; Ullrich *et al.*, 2012; Miles, Huberman & Saldaña, 2013).

Isto posto, espera-se que os resultados do estudo forneçam contribuições específicas para: 1) a literatura, ampliando os estudos recentes que mostram as interações dos atores sociais com o desenvolvimento de território por meio de práticas de inovações sociais comunitárias; 2) as instituições públicas e privadas, pois suas discussões propiciarão contribuições para a tomada de decisões estratégicas, sobre a alocação de recursos e seus efeitos na esfera social e econômica; 3) aos investidores e microempreendedores, ao verificar o impacto das inovações sociais de forma efetiva e sustentável; e 4) a sociedade, proporcionando entendimento aos microempreendedores sobre as inovações geradas por suas atividades, revelando a intenção das suas ações com a mudança social gerada pelas inovações sociais.

## **1.5 Procedimentos Metodológicos**

O caráter científico de uma pesquisa é o resultado de um processo contínuo de ruptura com as pré-concepções do senso comum. Sua autonomia será devido à especificidade de seus

métodos (estrita de seus objetos), manifestado pelo próprio movimento do conhecimento científico em sua transformação (Bruyne *et al.*, 1991).

Numa perspectiva epistemológica, os fenômenos sociais podem ser definidos em termos individuais e, num entendimento ontológico podem ser causados por indivíduos (Sell, 2016). Quanto à metodologia, os fenômenos sociais podem ser explicados no plano micro (indivíduos), a partir de seus estados físicos e psíquicos, considerando seu contexto de ação e interação (Sell, 2016).

Neste contexto, Saccol (2010) destaca a necessidade de reflexão sobre a visão de mundo e de construção do conhecimento que embasa uma pesquisa, pois só assim será possível avaliar a qualidade, a consistência e a coerência da estratégia, do processo de pesquisa e da análise dos seus resultados. Isso implica compreender e tornar clara a ontologia (entender como as coisas são), a epistemologia (compreender como o conhecimento é gerado) e, conseqüentemente, o paradigma de pesquisa (instância filosófica) que fundamentam o método de pesquisa (estratégia ou desenho da pesquisa) utilizado.

Logo, esta tese fundamenta-se na interação sujeito-objeto (ontologia), de forma construtivista (epistemologia), interpretativismo (paradigma de pesquisa), por meio do estudo de caso, aplicação de entrevistas/questionários, análise documental e de conteúdo (método e técnica de pesquisa), com o propósito de compreender o significado subjetivo da ação individual, considerando a experiência e a observação como procedimentos aplicáveis às ciências sociais (Saccol, 2010).

Com efeito, adota-se, uma abordagem qualitativa nesta tese, dado o caráter subjetivo do conhecimento entre objeto de estudo (inovação social) e das concepções dos sujeitos (atores sociais). Justifica-se esse direcionamento científico ao considerar um estudo em profundidade, de interesse múltiplos desenvolvida com aproximação entre a pesquisadora e a realidade analisada (Godoy, 1995).

Quanto aos fins, este estudo caracteriza-se como descritivo e exploratório, por ter como finalidade proporcionar maiores informações do fenômeno social (inovação social) por meio das interações entre os atores sociais (beneficiários) de programas sociais e suas iniciativas de inovação social considerando seu contexto. Para tanto, analisar-se-á às dimensões/características, resultados e atores fundamentando-se nas lentes teóricas de Tardif e Harrison (2005), D'Amario e Comini (2020) e Andion *et al.*, (2022), uma vez que o tema requer maior compreensão.

Quanto a estrutura desta tese, além dos aspectos introdutórios, está estruturada em formato alternativo, desenvolvido com a articulação de três artigos científicos interligados

(Costa, Ramos & Pedron, 2019). O primeiro artigo aborda o processo da inovação social no desenvolvimento comunitário por meio de iniciativas sociais realizadas por um conjunto de atores sociais, instituições e organizações responsáveis, fornecendo os elementos-chaves da inovação social para o desenvolvimento local. A partir disso, lacunas quanto ao resultado da inovação social em contextos vulneráveis, inspira o segundo artigo ao avaliar tipologias, profundidade e cobertura (dimensões) de inovações sociais desenvolvidas por microempreendedores beneficiários do microcrédito. Por fim, com o objetivo de propor um *framework* analítico de inovação social comunitário na perspectiva da abordagem ecossistêmica, surge o terceiro artigo com uma análise teórica do processo e do resultado proveniente das interações entre os atores sociais e as dimensões de inovação social a partir da experiência empírica de programas de desenvolvimento comunitário e de microcrédito, fornecendo evidências para o fomento de um EISC.

A seguir, têm-se os procedimentos metodológicos utilizados por cada artigo gerado nesta tese.

### ***1.5.1 Artigo 1***

Para obter uma maior compreensão das características/dimensões da IS atrelada ao desenvolvimento comunitário, realizou-se uma investigação de natureza qualitativa, com fins exploratório-descritivos, uma vez que se investiga como as dimensões da inovação social (objeto de estudo) se caracterizam em programas sociais (contexto), a fim de compreender um fenômeno que se apresenta incipiente na literatura e ampliar o seu conhecimento (Gil, 2010).

Para tanto, investigou-se as características da inovação social da comunidade de São Vicente, beneficiária do Programa de Desenvolvimento e Integração Comunitária [PDIC], situada na microrregião da Serra da Meruoca, no Estado do Ceará, na perspectiva do processo. Logo, realizou-se uma pesquisa de campo à luz do modelo teórico de Tardif e Harrisson (2005), com abordagem qualitativa, em que foram realizadas entrevistas semiestruturadas, observação direta com diário de campo e análise documental.

A inovação social, conforme Bignetti (2011), é um processo de aprendizagem coletiva, pois baseia-se no potencial dos indivíduos e dos grupos envolvidos que interagem e cooperam entre si. Sua operacionalização dá-se com a relação entre desenvolvedores e beneficiários, resultantes da interação entre os atores envolvidos. A participação ativa dos indivíduos no desenvolvimento da criação e implantação da inovação social é compreendida como fundamental ao longo do processo.

Neste contexto, os sujeitos desta pesquisa foram divididos em dois grupos: os desenvolvedores (compostos pelos indivíduos formalmente responsáveis pelo PDIC) e os beneficiários, que são ao mesmo tempo usuários e participantes ativos do processo de inovação social.

A análise dos dados desta pesquisa foi realizada mediante a técnica de análise de conteúdo e de análise documental. A categorização dos dados foi efetuada da seguinte forma: primeiramente, as cinco dimensões da IS, propostas por Tardif e Harrisson (2005), foram tomadas como “categorias norteadoras” (transformações, caráter inovador, inovação, atores e processos). Assim, realizou-se uma análise de entendimento teórico da substância dos textos coletados por meio das entrevistas, das anotações em diário de campo e da pesquisa documental, buscando-se a decomposição dos conteúdos em fragmentos mais simples, os quais foram qualificados nas categorias e subcategorias de análise.

Acrescenta-se que a operacionalização de codificação dos indicadores recolhidos foi realizada com o apoio da ferramenta *software* de análise qualitativa NVivo 12, com o intuito de buscar a validação dos resultados desta pesquisa.

Por fim, buscou-se preencher a lacuna teórica-empírica ao fornecer um estudo com perspectivas críticas de uma **abordagem de inovação social de processo** no contexto de desenvolvimento comunitário.

### ***1.5.2 Artigo 2***

Sob a ótica da criação de valor em iniciativas de inovação social avaliou-se as dimensões da inovação social proveniente da concessão de microcrédito, em termos de tipologia, profundidade e cobertura, fundamentando-se na escala de classificação da inovação social elaborada por D’Amario e Comini (2020), bem como identificou-se os papéis desenvolvidos pelos seus atores sociais na perspectiva de resultado.

Para tanto, realizou-se uma pesquisa com abordagem *mix* (quali-quanti) caracterizada como descritiva e exploratória. Definiu-se o estudo de caso como método de pesquisa, por contemplar informações detalhadas e sistemáticas sobre o fenômeno (Yin, 2015). Realizada por meio de aplicação de um *survey* de experiência (Gil & Reis Neto, 2021) e entrevistas com 38 beneficiários do programa de microcrédito urbano do Banco do Nordeste do Brasil S/A [BNB] – o Crediamigo, na unidade Grande Bom Jardim do Município de Fortaleza (CE).

Definiu-se o estudo de caso como método de pesquisa, por contemplar informações detalhadas e sistemáticas sobre o fenômeno (Yin, 2015). Adicionalmente, desenvolveu-se uma análise de *cluster*, que permitiu caracterizar diferentes perfis de beneficiários, ampliando o entendimento das dimensões da inovação social e os papéis dos atores sociais no contexto investigado.

Os resultados evidenciaram o entendimento das dimensões da inovação social e os papéis dos atores sociais quanto ao alcance/impacto do microcrédito no desenvolvimento local como resposta à lacuna teórica-empírica ao **avaliar as inovações sociais a partir de uma perspectiva de resultado** (Comini, Fischer & D'Amario, 2022), por considerar como *lócus* da inovação social microempresas com fins lucrativos.

### 1.5.3 Artigo 3

Trata-se de uma investigação de natureza qualitativa, com fins exploratório-descritivos (Yin, 2015), uma vez que se propõe um *framework* analítico de inovação social comunitário (objeto de estudo), a partir da experiência empírica entre programas de desenvolvimento comunitário e de microcrédito (contexto) na perspectiva da abordagem ecossistêmica, a fim de compreender um fenômeno que se apresenta emergente na literatura e ampliar o seu conhecimento (Gil, 2010).

Com isso, discute-se a dinâmica comum pela qual tais programas intersetoriais de IS são desenvolvidos e caracterizados a partir de uma abordagem integrativa, contemplando três dimensões de análise (processo, resultado e abordagem ecossistêmica) e subcategorias interrelacionadas, devido à abrangência da análise adotada em uma Instituição Pública e dos resultados coletados nos artigos 1 e 2. Para o desenvolvimento do *framework* realizou-se uma análise de entendimento teórico da substância dos textos coletados no *survey* de experiência (Gil & Reis Neto, 2021), os quais foram qualificados nas dimensões e subcategorias de análise de conteúdo, consoante Bardin (2011).

Acrescenta-se que o uso do *survey* de experiência constitui-se um dos procedimentos mais recomendados na realização de estudos exploratórios, já que sua utilidade é amplamente reconhecida para proporcionar uma nova visão do problema proposto, para sugerir hipóteses de pesquisa e para aprimorar os procedimentos a serem adotados em pesquisas futuras (Gil & Reis Neto, 2021).

Por fim, acredita-se que iniciativas de inovação social no ambiente de microfinanças e de comunidades vulneráveis ocorre a partir da articulação entre seus beneficiários e diversos

atores sociais por meio de colaborações intersetoriais (público, privado e o terceiro setor), nos quais diferentes públicos se engajam na solução de problemas sociais que podem ser explicados em uma abordagem ecossistêmica e analisados por meio de um *framework* de Ecossistema de Inovação Social Comunitário [EISC], constituindo-se, assim, uma possível política pública inovadora cocriada com os cidadãos para soluções de problemas sociais.

#### ***1.5.4 Estrutura da Tese***

O formato alternativo estruturado desta tese, desenvolvido com a articulação de três artigos científicos interligados, é justificado por oferecer à comunidade científica uma visualização sistematizada e coerente do conhecimento produzido. Costa, Ramos e Pedron (2019) ressaltam que esta estrutura facilita a posterior mineração de dados e informações por parte dos leitores, sistemas de informação, bibliotecas e repositórios. Assim, com o intuito de sintetizar o percurso da pesquisa, o Quadro 3 apresenta o *design* metodológico que delinea a elaboração da presente tese.

**Quadro 3. Design metodológico da Tese**

<b>MODALIDADE: TRÊS ARTIGOS</b>					
<b>ECOSSISTEMA DE INOVAÇÃO SOCIAL, DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO E MICROCRÉDITO: PROPOSIÇÃO DE UM <i>FRAMEWORK</i></b>					
<b>PROBLEMA DE PESQUISA:</b>					
Como as interações entre os atores sociais de programas de desenvolvimento comunitário e de microcrédito podem promover um ecossistema de inovação social?					
<b>OBJETIVO GERAL DA PESQUISA:</b>					
Compreender a dinâmica do processo e do resultado de iniciativas de inovação social por meio da experiência empírica de programas de desenvolvimento comunitário e de microcrédito.					
<b>OBJETIVOS ESPECÍFICOS DA PESQUISA</b>	<b>ARTIGOS DESENVOLVIDOS</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>	<b>NATUREZA E MÉTODOS DA PESQUISA</b>	<b>COLETA DE DADOS</b>	<b>ANÁLISE DE DADOS</b>
<b>Investigar as características da inovação social em uma comunidade local beneficiária de programa de desenvolvimento comunitário na perspectiva de processo.</b>	ARTIGO 1 Inovação Social em uma Comunidade Local no Brasil	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Abordagem da Inovação Social (Cloutier, 2003; Mulgan, 2006; CRISES, 2010; Howaldt <i>et al.</i>, 2017).</li> <li>• Dimensões da Inovação Social (Tardif &amp; Harrisson, 2005; Murray <i>et al.</i>, 2010; Caulier-Grice <i>et al.</i>, 2012; Correia <i>et al.</i>, 2016; Moreira, 2017; Souza <i>et al.</i>, 2019).</li> <li>• Desenvolvimento de Território (Sen, 1993; Moulart &amp; Sekia, 2010; Medeiros &amp; Gómez, 2019; Ravazzoli &amp; Valero, 2020; Talmage, 2021).</li> </ul>	Estudo exploratório e descritivo com abordagem qualitativa por meio do Estudo de Caso	Revisão da literatura, entrevistas semiestruturadas e pesquisa documental (triangulação de dados)	Análise de conteúdo ( <i>Software NVivo</i> ) e análise documental.

<p><b>Avaliar as dimensões das inovações sociais e os papéis dos atores sociais do microcrédito na perspectiva de resultado.</b></p>	<p>ARTIGO 2 Dimensões da Inovação Social e os Papéis dos Atores Sociais no Contexto do Microcrédito</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Abordagem da Inovação Social (TEPSIE, 2014; Howaldt <i>et al.</i>, 2016; Foroudi <i>et al.</i>, 2020).</li> <li>• Criação de Valor Social (Christlieb, 2012; Nicholls <i>et al.</i>, 2015; Comini, 2016, Comini <i>et al.</i>, 2022).</li> <li>• Escala de Classificação da Inovação Social (Ziegler <i>et al.</i>, 2017; D'Amario, 2018; D'Amario &amp; Comini, 2020; Agostini, 2020).</li> <li>• Microfinanças (Ashta <i>et al.</i>, 2014; Mahmuda <i>et al.</i>, 2014; Cervantes <i>et al.</i>, 2017; Mólnar, 2017; Salgado &amp; Aires, 2018; Cordeiro, 2020).</li> </ul>	<p>Estudo exploratório e descritivo com abordagem <i>mix (quali-quant)</i> por meio do Estudo de Caso</p>	<p>Revisão da literatura,entrevist as semiestruturada e aplicação de <i>survey</i> de experiência (triangulação de dados)</p>	<p>Análise de conteúdo e documental (<i>Software Atlas.ti</i>) - Análise de <i>cluster</i> (<i>Software SPSS</i>)</p>
<p><b>Propor um <i>framework</i> analítico para inovação social na perspectiva da abordagem ecossistema.</b></p>	<p>ARTIGO 3 Desenvolvimento Comunitário e Microcrédito: Proposição de um <i>Framework</i> Analítico de Ecossistemas de Inovação Social</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Abordagem da Inovação Social (Cajaiba-Santana, 2014; Foroudi <i>et al.</i> 2020).</li> <li>• Abordagem Ecossistêmica (Andion <i>et al.</i>, 2022; Carayannis, 2021; Terstriep, Rehfeld &amp;, Kleverbeck, 2020; Domanski, Howaldt &amp; Kaletka, 2020; Unceta <i>et al.</i>, 2020).</li> </ul>	<p>Ensaio teórico com abordagem qualitativa do <i>framework</i> proposto</p>	<p>Revisão da literatura</p>	<p>Discussão teórica e Análise de conteúdo (<i>Software Atlas.ti</i>).</p>

Nota. Fonte: Elaborada pela autora (2022).

Conforme descrito no Quadro 3, o *desing* da pesquisa exprime uma síntese do percurso metodológico empregado, embasadas nas lentes teóricas que direcionam para o atingimento dos objetivos pretendidos e da estrutura desta tese, correlacionando os três artigos resultantes com vistas ao cumprimento dos objetivos específicos deste estudo e, conseqüentemente, ao objetivo geral.

Ao final deste trabalho, tem-se as conclusões da pesquisa, suas limitações e implicações para estudos futuros.

## 2 ARTIGO 1 - INOVAÇÃO SOCIAL EM UMA COMUNIDADE LOCAL NO BRASIL<sup>1</sup>

### RESUMO

O estudo investigou as características da inovação social da comunidade de São Vicente, beneficiária do Programa de Desenvolvimento e Integração Comunitária, situada na microrregião da Serra da Meruoca, no Estado do Ceará, nordeste brasileiro. Para tanto, realizou-se uma pesquisa de campo à luz do modelo teórico de Tardif e Harrisson (2005), com abordagem qualitativa, em que foram realizadas entrevistas semiestruturadas, observação direta com diário de campo e análise documental. Os resultados permitiram identificar e explorar as cinco categorias de análise presentes no modelo teórico utilizado: (i) transformações; (ii) caráter inovador; (iii) inovação; (iv) atores; e (v) processos. As análises corroboram o caráter de inovação social associado ao desenvolvimento do território. Por outro lado, os processos necessitam de maior profissionalização e formalização, o que poderia reduzir a dependência financeira de órgãos públicos.

**Palavras-chave:** Inovação Social. Desenvolvimento Local. Programa Social.

### ABSTRACT

This study investigates the characteristics of social innovation in the community of São Vicente, which benefits from the Community Development and Integration Program, situated in the micro-region of Serra da Meruoca in the Brazilian state of Ceará. To accomplish this, we have conducted a field study along the lines of the technical model used by Tardif and Harrisson (2005), adopting a qualitative approach using semi-structured interviews and direct observations as well as a field diary along with documental analysis. The results make it possible to explore the five analysis categories present in the theoretical model used: (i) transformations; (ii) innovative character; (iii) innovation; (iv) actors and (v) processes. The analyses corroborate the nature of social innovation associated with the development of this community. On the other hand, the processes need to be more professional and formalized, and also should reduce their financial dependence on public bodies.

**Keywords:** Social Innovation. Development. Community. Social Program.

---

<sup>1</sup> Artigo publicado no periódico *Community Development* (Qualis CAPES 2017-2020: A3). Publicado em abril de 2022, conforme comprovante em anexo.

## 2.1 Introdução

O século XX foi marcado pelo reconhecimento dos direitos humanos, mas também por extremos sociais, como a pobreza. Logo, o desenvolvimento deve ser considerado em seus aspectos pluridimensionais, observando que o crescimento econômico não pode mais buscar o crescimento pelo crescimento, mas se vincular a um objetivo social (Sachs, 1998). Contudo, com o advento da Modernidade e da Era Industrial, pesquisas sobre desenvolvimento, relacionadas ao bem-estar humano em conjunto com o progresso, estão atravessando certa crise, como resultado da incapacidade de resolver demandas sociais prementes (Zuckerman, 2020; Quandt, Ferraresi, Kudlawicz, Martins & Machado, 2017).

Debates sobre noção de desenvolvimento, sua origem e fundamentos explicam problemas na sociedade atual alusivas ao bem-estar da população (Satrústegui, 2013). Nesse ensejo, emerge a Inovação Social (IS), que auxilia no desenvolvimento social e territorial, exprimindo propostas para a solução dos problemas que afligem a sociedade (Souza, Lessa, & Silva Filho, 2019; Fortunato, 2015; Moulaert, 2009).

A busca por mudança no âmbito social pressupõe a satisfação de atributos técnicos e institucionais, constituindo-se, pois, em uma IS de sucesso (Butkevičienė, 2009; Neumeier, 2012). Logo, a IS aplica-se às necessidades sociais por meio da participação e da cooperação de todos os atores envolvidos, que propicia uma expansão da cidadania atrelada à redução da exclusão social, permitindo construir novos projetos públicos voltados ao progresso humano e ao desenvolvimento (Quandt *et al.*, 2017; Jackson, 2013; Moulaert, Maccallum, Mehmood, & Hamdouch, 2013; Bignetti, 2011).

Murray, Caulier-Grice e Mulgan (2010) indicam que iniciativas de IS podem ser consideradas como vetores de indução a mudanças sociais positivas. Além disso, Medeiros e Gómez (2019) consideram a singularidade de cada processo de desenvolvimento das iniciativas de IS, ao destacar que cada território tende a agir e reagir de forma única, devido às especificidades de sua cultura e dos atores envolvidos, que diferem em relação aos contextos específicos onde a IS poderá ser desenvolvida. Essa ideia é reforçada por Ravazzoli e Valero (2020).

Nesse sentido, compreende-se que a IS no território visa o bem-estar coletivo por meio de atitudes, ações, estratégias, produtos ou processos que acolham os problemas cruciais locais e que promovem a independência e potência ao agente social. Portanto, é de extrema importância compreender o fomento e o compromisso com o desenvolvimento do território

(Moulaert & Sekia, 2003), sobretudo em contextos em que a pobreza e a desigualdade são problemas históricos, como é o caso do nordeste brasileiro (Silva & Crisóstomo, 2019; Souza *et al.*, 2019) e de países em desenvolvimento (Andion *et al.*, 2022).

Desse modo, as iniciativas de IS promovidas por programas sociais podem contribuir para a transformação social e econômica das pessoas e das comunidades onde estão inseridas. Ravazzoli e Valero (2020) enfatizam que os impactos nas comunidades estão no centro da definição do IS no que diz respeito às mudanças em: relações existentes no capital social, a distribuição de poder na reconfiguração das práticas sociais e a melhoria do bem-estar social da comunidade. Um exemplo é o Programa de Desenvolvimento e Integração Comunitária [PDIC], desenvolvido pelo Instituto Nordeste Cidadania [INEC], que tem como objetivo valorizar a identidade individual e coletiva, por meio do incentivo à organização comunitária, da transformação de lugares e do cuidado com as pessoas e com a natureza (INEC, 2019).

Nesse contexto, o propósito desta pesquisa reside na busca por uma maior compreensão da IS atrelada à qualidade de vida de grupos excluídos e parte da seguinte questão norteadora: como se caracteriza a IS em um programa social desenvolvido em uma comunidade local? Para responder a esta questão, delineou-se o objetivo de investigar as características da IS em uma comunidade local no nordeste brasileiro. Trata-se da comunidade de São Vicente, situada na microrregião da Serra da Meruoca, no Estado do Ceará, beneficiária do PDIC. Esta comunidade faz parte de um cenário de exclusão e vulnerabilidade, conforme matéria veiculada no Jornal Diário do Nordeste (2018). Para investigar a IS de processo nessa comunidade, buscou-se um *framework* na literatura

Os principais *frameworks* utilizados para analisar a IS são: Cloutier (2003), Tardif e Harrisson (2005), Mulgan (2006), André e Abreu (2006), Murray *et al.* (2010), Dawson e Daniel (2010), Harrisson, Klein & Browne (2010), Cajaiba-Santana (2014), Choi e Majumdar (2014), Howaldt *et al.*, (2014) e Silva e Bittencourt (2019). Com base nos *frameworks* analisados, verificaram-se alguns construtos de características comuns, como: análise processual (i.e. práticas, processos e serviços); organizacional (i.e. reorganização do trabalho, novos papéis, mudanças de papeis); institucional (i.e. leis, políticas, normas e regras); e material (i.e. tecnologia e produto). Assim, a área da IS passa por três níveis distintos de análise: atores sociais, sistema político e modalidades organizacionais (Tardif & Harrisson, 2005; Lévesque, 2008; Butkevičienė, 2009).

Alguns *frameworks* são propostos para avaliar a IS como uma solução com efeitos duradouros (Cloutier, 2003). Por isso, a pesquisa sobre projetos de desenvolvimento local

sustentável tem sido amplamente discutida sobre os arranjos institucionais estabelecidos e as práticas adotadas com vistas à mudança social (CRISES, 2010; Quandt *et al.*, 2017). Dentre os modelos citados, foi escolhido o modelo de Tardif e Harrisson (2005) para realização deste estudo, pois apresentou maior aderência ao escopo dessa investigação. Destacamos que o *framework* de Tardif e Harrisson (2005) é resultado de uma síntese de diversos estudos relacionados à inovação e mudança social realizados pelo *Centre de Recherche Sur les Innovations Sociales* [CRISES], no Canadá. As cinco dimensões de IS classificadas por Tardif e Harrisson (2005) estão descritas no Quadro 1.

**Quadro 1.** *As cinco dimensões de análise propostas por Tardif e Harrisson (2005).*

<b>Dimensão</b>	<b>Objetivo de análise</b>
<b>Transformações</b>	Identifica-se um contexto de mudanças, que podem ser econômicas ou sociais, enfatizando-se as crises, rupturas e descontinuidades, que podem ocorrer em contexto local, regional ou nacional.
<b>Caráter inovador</b>	Trata-se das inovações que se estabelecem como respostas dadas pelos atores às crises. Considera-se o meio em que surgem, bem como soluções inovadoras, inéditas e exigem novos arranjos institucionais e normas sociais, e são chamadas na fase de implantação, de tentativas e experimentos. Programas ou políticas públicas podem apoiar, promover ou criar restrições a emergência de novas práticas sociais e econômicas.
<b>Inovação</b>	Faz-se a diferenciação de vários tipos de experimentos em IS, como: técnica, sociotécnica, social, organizacional e institucional. Sua finalidade é o bem comum, o interesse geral e coletivo, e ainda a cooperação.
<b>Atores</b>	Descreve-se que, devido a multiplicidade de interesses e particularidades individuais dos sujeitos, a inovação aqui é um processo de aprendizagem coletivo e que o objetivo final é a cooperação, seja o envolvimento nas negociações, nos acordos formais e ou nas parcerias, com o intuito de gerar adequada governança.
<b>Processos</b>	Analisa-se o impacto do projeto de IS, dos modos de coordenação, dos meios envolvidos e das restrições a sua implantação. Tratam da mobilização e a participação de atores e suas complexidades, a incerteza da dinâmica, as resistências, tensão dos atores, as limitações institucionais, os meios pelos quais se estabelece a inovação.

*Nota.* Fonte: Adaptado de Tardif e Harrisson (2005).

As cinco dimensões de Tardif e Harrisson (2005) contemplam o processo de IS desde sua concepção, a partir da análise do ambiente que motivou o seu desenvolvimento, incluindo sua implementação e atores envolvidos neste processo. Avalia-se, também, os impactos dessas ações, incluindo a busca pelo aprimoramento das práticas adotadas no alcance de seus objetivos.

O estudo contribui na compreensão da IS de processo em comunidades locais, trazendo reflexões sobre como essas iniciativas impactam na melhoria do bem-estar de indivíduos em situação de vulnerabilidade social, possibilitando a redução das desigualdades. O INEC desenvolve suas atividades na comunidade de São Vicente, por meio do PDIC, que apresenta um modelo inovador de gestão participativa, cuja capacidade de mobilização da comunidade local tem contribuído para o desenvolvimento territorial do Município (INEC, 2019). Desse modo, estudos dessa natureza contribuem na identificação de inovações sociais no contexto

territorial, destacando os desafios e os riscos na senda de desenvolvimento regional e propiciando oportunidades na criação de inovações sustentáveis (*Organisation for Economic Co-operation and Development* [OECD], 2012; Bellemare & Klein, 2011).

## 2.2 Método

Esta investigação possui natureza qualitativa, com fins exploratório-descritivos, uma vez que pretende investigar como as dimensões da inovação social (objeto de estudo) se caracterizam em programas sociais (contexto), a fim de compreender um fenômeno que se apresenta incipiente na literatura e ampliar o seu conhecimento (Gil, 2010).

Trata-se de um estudo de caso realizado no PDIC, desenvolvido pelo INEC, que já obteve o prêmio Mandacaru II, realizado pelo Instituto Brasileiro de Desenvolvimento e Sustentabilidade [IABS], sendo considerado como projeto e prática inovadora em acesso à água e convivência com o Semiárido (IABS, 2014; INEC, 2019). Dessa forma, dada sua relevância social nos processos de mitigação da desigualdade regional e potencial para gerar ações sociais, um olhar particular para esse caso, já reconhecido pela sociedade, é fundamental para a ampliação e consolidação da temática IS no campo científico.

O estudo tem como unidade de análise não só uma organização, o INEC, mas também um grupo dentro de uma comunidade que se beneficiou das atividades desenvolvidas pelo PDIC/INEC. A comunidade é formada pelos moradores de São Vicente, localizada na microrregião da Serra da Meruoca, no estado do Ceará. Meruoca é um município com área territorial de 151.651 km<sup>2</sup>, população de aproximadamente 15.309 habitantes e IDH de 0,618 (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2022). A comunidade de São Vicente está localizada no distrito de Anil, no município de Meruoca, e é composta por aproximadamente 177 famílias (INEC, 2019). Os sujeitos desta pesquisa foram divididos em dois grupos: Grupo A, composto pelos desenvolvedores (indivíduos formalmente responsáveis pelo PDIC/INEC) e Grupo B, pelos beneficiários (usuários e participantes ativos do processo de IS).

Identificam-se como desenvolvedores do PDIC os funcionários da área socioambiental do INEC, responsáveis pelo desenvolvimento de estratégias de políticas ambientais, educacionais, culturais, socioambientais, empresariais e financeiras. No grupo dos beneficiários, estão incluídos membros da Associação Comunitária Sônia Maria e do Portal Vida. Tais organizações situam-se na comunidade de São Vicente e têm como atividades

comunitárias, por meio de mutirões, o desenvolvimento de ações de educação, arte, geração de renda e permacultura, em parceria com o INEC, estimulando o bem-estar social, com enfoque coletivo e de alcance macrossocial. No Quadro 2, há informações sobre a codificação e o perfil dos sujeitos entrevistados, correspondentes aos grupos acima definidos

**Quadro 2.** *Codificação e perfil dos sujeitos da pesquisa.*

Grupo	Código	Sexo	Idade	Escolaridade	Relação com o Programa
A	D1	F	43	Especialização	Coordenadora Socioambiental
	D2	F	34	Especialização	Gerente Socioambiental e de Comunicação
	D3	M	46	Superior completo	Analista Social
B	B1	F	29	Especialização	“Portal Vida”
	B2	F	56	Especialização	“Portal Vida”
	B3	M	32	Fundamental incompleto	Participante da associação
	B4	M	29	Ensino médio	Presidente da associação
	B5	F	51	Superior completo	Participante da associação
	B6	F	32	Superior completo	Responsável pelo restaurante comunitário.
	B7	F	22	Ensino médio completo	Participante da associação
	B8	M	73	Fundamental incompleto	Vice-presidente da associação
	B9	F	21	Ensino médio completo	Participante da associação
	B10	F	45	Fundamental incompleto	Participante da associação

*Nota.* Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Foram entrevistados três sujeitos do Grupo A e dez do Grupo B. No grupo dos desenvolvedores (Grupo A), foram entrevistados a gerente socioambiental e de comunicação, a coordenadora socioambiental e o analista social, todos funcionários do INEC. No que se refere ao grupo dos beneficiários (Grupo B), foram entrevistados dois membros do Portal Vida e oito membros da Associação Comunitária Sônia Maria.

Os instrumentos de coleta de dados adotados foram: entrevista semiestruturada, pesquisa documental e técnica de observação direta. Em relação à entrevista semiestruturada, o roteiro teve como lente teórica principal o trabalho de Tardif e Harrisson (2005), que versa sobre as dimensões da IS. Além deste, foram inspirados como instrumentos de coleta, os trabalhos de duas dissertações anteriores: Maurer (2011) e Souza (2014). O roteiro de entrevista foi composto por 25 questões abertas, abrangendo tópicos sobre o perfil do entrevistado, descrição das atividades realizadas no programa e caracterização das dimensões segundo o *framework* de Tardif e Harrison (2005). A pesquisa documental foi desenvolvida com amparo na análise das fontes acadêmicas nacionais e internacionais (artigos, dissertações e teses), bem como exame de documentos oficiais (manuais e cartilhas de procedimentos do PDIC).

A coleta de dados foi realizada em três momentos: inicialmente, em uma visita exploratória no INEC, em março de 2019; e, posteriormente, em duas visitas de campo à comunidade, a primeira em abril e a segunda em maio de 2019. No primeiro momento,

ocorreram conversações esclarecedoras da atuação do programa e, em seguida, realizou-se a entrevista com as três desenvolvedoras. As dez entrevistas com os beneficiários ocorreram na visita de campo. As entrevistas, juntamente com as informações registradas no diário de campo, constituem o conjunto dos dados primários coletados nesta pesquisa. Todas as entrevistas foram gravadas com recurso de áudio, mediante autorização prévia dos sujeitos, que, também, assinaram os respectivos termos de consentimento livre e esclarecido.

Na pesquisa documental, catalogaram-se matérias sobre o PDIC, publicadas em livros, cartilhas e jornais. Optou-se por coletar as publicações relativas à comunidade de São Vicente a partir do ano de 2014, período de implantação do PDIC. O corte realizado justifica-se em virtude da ampla quantidade de jornais arquivados e devido ao foco desse estudo remeter, em especial, aos primeiros anos de implantação das ações comunitárias.

A análise dos dados desta pesquisa foi realizada mediante a técnica de análise de conteúdo e de análise documental. A categorização dos dados foi efetuada da seguinte forma: primeiramente, as cinco dimensões da IS, propostas por Tardif e Harrisson (2005), foram tomadas como “categorias norteadoras”; em seguida, essas categorias norteadoras (transformações, caráter inovador, inovação, atores e processos) desdobram-se em três ou quatro subcategorias de análise, de acordo com os elementos em destaque na Tabela 3. Assim, realizou-se uma análise de entendimento teórico da substância dos textos coletados por meio das entrevistas, das anotações em diário de campo e da pesquisa documental, buscando-se a decomposição dos conteúdos em fragmentos mais simples, os quais foram qualificados nas categorias e subcategorias de análise conforme exposto no Quadro 3.

**Quadro 3.** *Categorias e subcategorias de análise*

<b>Categorias de Análise</b>	<b>Dimensão Transformações</b>	<b>Dimensão Caráter Inovador</b>	<b>Dimensão Inovação</b>	<b>Dimensão Atores</b>	<b>Dimensão Processos</b>
Subcategorias de Análise	- Contexto* - Social - Econômico	- Modelo - Ação Social - Economia	- Escala - Finalidade - Tipo	- Sociais - Instituições - Organizacionais - Intermediárias	- Coordenação - Restrições - Meios

*Nota.* \*Contexto Micro e Macro. Fonte: Adaptado de Tardif e Harrisson (2005).

Acrescenta-se que a operacionalização de codificação dos indicadores recolhidos foi realizada com o apoio da ferramenta *software* de análise qualitativa NVivo 12, com o intuito de buscar a validação dos resultados desta pesquisa. O processo de codificação consistiu em codificação aberta, na qual inserimos o conteúdo das entrevistas no *software* para codificar as seções de dados, mantendo a fala dos participantes (Miles, Huberman, & Saldaña, 2013). Esse

processo resultou em uma lista de códigos provisórios, que foram examinados em busca de semelhanças. Em seguida, uma lista de códigos foi consolidada, permitindo a identificação de categorias e subcategorias de análise (Miles *et al.*, 2013), conforme o *framework* de Tardif e Harrison (2005).

## **2.3 Análise e Discussão dos Resultados**

### **2.3.1 Dimensão “Transformações”**

Esta dimensão se refere a um conjunto de restrições e oportunidades contextuais que despertem nos atores um novo sistema de ação, motivando a criação de inovações sociais (Tardif & Harrison, 2005).

#### *2.3.1.1 Contexto: macro e micro*

A comunidade de São Vicente, que pertence ao distrito de Anil, microrregião da Serra da Meruoca, na zona norte do Estado do Ceará, abrangendo em torno de 177 famílias, foi considerada por muito tempo o lugar mais sujo da serra, onde o lixo misturava-se com a rica paisagem do semiárido, gerando um aspecto de abandono ao pequeno povoado e negligência ao meio ambiente. Problemas com queimadas, falta de água, violência doméstica, alto índice de suicídio e falta de geração de renda, caracterizavam o ambiente social e econômico desta região, em 2013 (*Diário do Nordeste*, 2016; INEC, 2019).

De início, os entrevistados destacaram a falta de consciência por parte da comunidade em relação aos problemas econômicos e sociais ora identificados. Na época, não era percebido o dano gerado ao meio ambiente por parte das queimadas, as doenças adquiridas em virtude do lixo acumulado, além da péssima imagem adquirida (Entrevistados B4 e B8). Nesse sentido, argumenta-se que a conscientização é uma etapa do processo em que o indivíduo passa a refletir sobre seu papel de agente condutor de melhorias no contexto em que está inserido, levando-os a refletir sobre quais caminhos percorrer para alcançar seus objetivos (Ibrahim, 2017; Batista & Correia, 2020).

As principais fontes de sustento das famílias vinham do Bolsa Família (programa de transferência direta de renda, direcionado às famílias em situação de pobreza e de extrema pobreza no Brasil) e da agricultura de subsistência. O êxodo rural para o sul e sudeste do País era uma prática social, em busca de uma vida melhor (*Diário do Nordeste*, 2016). Tal dependência

econômica governamental, propiciava um estado de inércia por parte da comunidade, gerado pelo pensamento de assistencialismo (Entrevistado B4).

O INEC iniciou suas atividades na comunidade em 2014, com atividades de arte e espaço de leituras, promovendo vários cursos, ambientações e doações para o festival de Arte e Ecologia – evento promovido pela comunidade em parceria com diversos entes, trabalhando ações sociais, culturais e ambientais na região (*Diário do Nordeste*, 2018; Entrevistados D2 e D3).

### 2.3.1.2 Transformações sociais

O motivador contextual que levou o início do PDIC, na comunidade de São Vicente, foi o diagnóstico dado pela Prefeitura como a mais suja da serra da Meruoca, principalmente, pelo descarte e acúmulo do lixo na comunidade (Entrevistados D3 e B2).

Assim, determinados atores locais, ao identificarem um ambiente problemático, iniciam um processo de mudança social, propiciando a reconstrução dos laços sociais por meio de inserção de novas práticas sociais (Tardif & Harrison, 2005). O Entrevistado D3 mostrou que, nas reuniões comunitárias realizadas com os membros da Associação Comunitária Sônia Maria, a necessidade de mudança deste diagnóstico era um desejo latente, contudo, faltava uma orientação de como fazer esta mudança de cenário. Nessa seara, o processo criativo de IS está associado à forma como as ideias emergem entre os atores de um grupo social, levando-os a implementar alternativas e práticas que contribuam para a superação do problema inicial (Souza *et al.*, 2019; Cajaiba-Santana, 2014).

Desse modo, identificada a necessidade da comunidade, o INEC inseriu-se como facilitador deste processo, mediante o planejamento de ações comunitárias. De início, a ideia da preparação de um festival de arte e cultura serviu de instrumento de inserção e integração comunitária (Entrevistada B2). O primeiro festival de Arte e Ecologia teve apoio também do Instituto Semente das Artes, que trabalha no desenvolvimento humano, utilizando-se da cultura, arte e formações ligadas à música e eventos; e do Núcleo de Artes Educação e Eventos, trabalhando no desenvolvimento humano e socioeconômico, por meio de ações culturais, ambientais e criativas. Ambos são ligados ao Portal Vida, que divulga as ações e atividades realizadas, ao longo do ano, na comunidade (*Diário do Nordeste*, 2016).

A Entrevistada B2 relatou que tal ação motivou a comunidade para realização de um mutirão de limpeza, pois não seria apenas uma festa comunitária, mas o início da transformação social, englobando os eixos do festival com a metodologia do PDIC. Entende-se como mutirão,

uma iniciativa coletiva para execução de serviço não remunerado em torno de um objetivo comum (INEC, 2019; Andrade, 2013).

Assim, quando os atores locais perceberam a necessidade de inclusão sociocultural e ambiental, a tentativa inicial foi adaptada para esta nova perspectiva e ideias aparentemente não relacionadas, como música, arte, ações ambientais e educação infantil, começaram a ser usadas em conjunto. Nesse processo, a catalisação e combinação de ideias envolve não só a empatia, mas também as motivações pessoais dos atores que desempenharam um papel crítico. Destaca-se que o compromisso firmado pelo INEC e a sensibilidade dos integrantes da Associação Comunitária Sônia Maria e do Portal Vida proporcionaram oportunidades contra o isolamento cultural e socioambiental desta comunidade.

### *2.3.1.3 Transformações econômicas*

Nesta subcategoria, analisam-se as mudanças de maior ou menor impacto quanto às estruturas econômicas locais, regionais e nacionais, e quanto às relações de trabalho, de produção e de consumo. Tais transformações vão desde a adaptação (ajustamento) das estruturas econômicas, passando pela adoção de novas trajetórias (reconversão), até a criação de estruturas de produção completamente novas (emergência) (Tardif & Harrisson, 2005).

Em relação à comunidade São Vicente, os sujeitos entrevistados descrevem que, no período considerado, a economia era baseada pela agricultura de subsistência (roçado, lavoura) e artesanato (chapéus): “o negócio era ir para São Paulo, fazer chapéu, principalmente as mulheres, e fazer roçado, basicamente isso... completou dezoito anos, nem estudava direito não, ia embora, as meninas fazer chapéu, casavam e os outros iam pro roçado” (Entrevistado B4).

Antes da atuação do INEC na região, iniciativas com objetivos voltados à educação e à cultura eram raras. O incentivo econômico limitava-se ao auxílio do Bolsa Família, Bolsa Escola e ações isoladas de infraestrutura local por parte do Governo (Entrevistadas B2 e B9).

A partir da implementação dos espaços de leituras, dos mutirões de limpeza e dos cursos de biodança, possibilitaram-se ações de conscientização da comunidade no tratamento do lixo, dos resíduos sólidos por meio da reciclagem e da bioconstrução (baseados no princípio da permacultura), proporcionando um ambiente de aprendizagem e de oportunidades com arte, música, meio-ambiente e educação biocêntrica (Entrevistados B1, B2, B4 e B8).

O impacto da atuação do PDIC tem proporcionado crescimento da atividade turística na comunidade de São Vicente e o seu papel no desenvolvimento comunitário e solidário tem proporcionado às famílias uma geração de renda complementar. Sobre este aspecto, o

Entrevistado B4 destacou que “a bioconstrução que tá gerando renda, os caras chegam de São Paulo e ‘vê’ que a gente tá fazendo isso ficam abismados e entram na ‘vibe’, e também tem essa parte da arte, que a gente viu que a arte dá renda para as pessoas”. Já o Entrevistado B8 esclareceu que “hoje mudou muito, porque todo mundo tá melhor de vida, tudo muda quando se organiza, muda o problema financeiro das pessoas, muda tudo”.

Desta forma, a implementação das ações desenvolvidas pelo PDIC na comunidade São Vicente colaborou com a diminuição do êxodo rural, a geração de renda, a conscientização ambiental e sociocultural e, por fim, a ascensão do turismo local proveniente dos festivais de Arte e Ecologia. Destaca-se que ações de impacto coletivo em comunidades podem ser desenvolvidas a partir da articulação entre os atores sociais, em que os agentes externos identificam os desafios e necessidades vivenciados no território, enquanto os membros da comunidade se engajam e viabilizam a transformação (Souza *et al.*, 2019; Raderstrong & Boyea-Robinson, 2016).

### **2.3.2 Dimensão “Caráter inovador”**

Esta dimensão se refere às soluções inovadoras para problemas identificados como ações sociais desenvolvidas, por meio de implementação de novos arranjos institucionais e de regulação social (Tardif & Harrisson, 2005).

#### **2.3.2.1 Ação social**

A partir do reconhecimento do dano ambiental, no que se refere às queimadas e ao lixo acumulado, os desenvolvedores do PDIC planejaram ações e respostas para o problema identificado. Dessa forma, desencadeou-se uma dinâmica para a ação social, caracterizada por coesão e sentimento de adesão entre os atores, capacidade de mobilização de recursos e de superação dos problemas, autonomia e relacionamentos interpessoais mediante consenso social (Tardif & Harrisson, 2005).

Esta dinâmica foi descrita na reportagem veiculada no Jornal Diário do Nordeste (2016), em que as ações se desenvolvem nos mutirões, possibilitando atitudes inovadoras, dando sentido às pessoas e criando oportunidades de transformação social, econômica e ambiental. Estabelece-se um sentimento de coesão e de pertencimento entre os atores envolvidos. A Entrevistada B10 destacou que “a praça ecológica, que já foi depois do INEC, teve apoio grande, mas foi feita com nossas mãos: os jovens, as mulheres, os meninos... tudo a gente, com a nossa cara, do nosso jeito”.

No que se refere à capacidade de mobilizar recursos internos e externos, as primeiras ações foram desempenhadas pela própria comunidade, assim como relatou a Entrevistada B10: “a igreja daqui foi construída pelo povo, a casa de farinha daqui [...], a sede da associação [...], os campos de futebol daqui foram construídos pela comunidade”. Vale destacar que a Prefeitura também ajudou pela seguinte fala “porque nós fomos lá pedir um trator para levar nossa pedra”.

As iniciativas governamentais como, “Banheiro para Todos”, políticas públicas de saúde e o apoio no trânsito dos estudantes às escolas foram reconhecidas na comunidade, como relatou a Entrevistada B2. Contudo, no aspecto de desenvolvimento de projetos socioculturais e ambientais, os projetos ficavam só na ideia, sem a concretização e sustentabilidade da ação idealizada, conforme mencionou a Entrevistada B10, gerando frustração para comunidade.

Já o Entrevistado B4 destacou ações provenientes do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas [SEBRAE], como cursos de gastronomia. Contudo, na questão de conscientização de relações interpessoais afetivas, voltadas ao desenvolvimento comunitário, só foi inserido por meio dos projetos do INEC. O desenvolvimento comunitário proporcionou ações inovadoras, consciência ecológica, união e empoderamento nos moradores de São Vicente, difundidos pelos eventos e cursos regionais, o que já é sugerido pela literatura (Ziegler, Molnár, Chiappero-Martinetti, & Von Jacobi, 2017). Sobre esta percepção, em entrevista ao *Jornal Diário do Nordeste* (2016), um membro do Portal Vida destacou que se trata de uma proposta inovadora aplicada com o público jovem mediante a realização de cursos, oficinas e vivências pedagógicas.

Tardif e Harrisson (2005) destacam que, durante a fase de implementação, o início de novas práticas pode ser favorecido, apoiado ou restringido por novos programas ou políticas públicas. Logo, a trajetória inicial das ações do PDIC proporcionou novos arranjos e regulações sociais, contribuindo como apoiador e facilitador das iniciativas locais.

### 2.3.2.2 *Modelo*

De acordo com Tardif e Harrisson (2005), passado esse período inicial, o conjunto das soluções adotadas que demonstraram benefícios tendem a se institucionalizar. A partir disso, dá-se origem a novos modelos de trabalho, de desenvolvimento e de governança. As novas parcerias entre a sociedade civil e instituições públicas e privadas não podem colocar em risco a autonomia da iniciativa, de modo que modelos baseados em autogestão e cogestão são vistos como a melhor forma de estabelecer essas novas relações (Oliveira, 2009).

Moreira (2017) argumenta que a autogestão incorpora diversos aspectos: social, econômico, político e técnico. Na sua dimensão social, a autogestão se dá pela construção social, que faz com que os resultados atingidos sejam aceitos por todos os envolvidos. A dimensão econômica é caracterizada pela formação de relações sociais de produção, que privilegiam o trabalho em detrimento do capital. A política relaciona-se com valores, princípios e práticas, que favorecem a tomada de decisão coletiva. E a técnica indica que há outra possibilidade de divisão de trabalho e de organização.

Dessa forma, pode-se afirmar que o modelo de gestão implementado na comunidade São Vicente é baseado na autogestão, pois, do ponto de vista social, foi, desde o início, construído de forma coletiva, participativa e inclusiva. No que se refere à dimensão econômica, não só a participação no PDIC é completamente voluntária, como também, destaca-se que cada participante é um integrante relevante nos processos de tomada de decisão, o que atende à dimensão política. Por fim, em relação à dimensão técnica, o PDIC subverte-se ao formato tradicional de organização, ao configurar-se flexível, contestando a hierarquia e a complexidade de processos burocráticos.

Quanto aos recursos, a comunidade São Vicente desenvolve a capacidade empreendedora responsável e criativa local, em parceria com os membros da sociedade civil, instituições públicas e privadas, construindo um modelo inclusivo, conforme a necessidade local. As capacidades são determinantes para o sucesso ou o insucesso de inovações sociais (Sen, 1993; 1999), de modo que a articulação entre inovação social e empreendedorismo social leva ao avanço das capacidades (Ziegler, 2010).

O processo de planejamento e a gestão das ações comunitárias em São Vicente foram instituídos mediante reuniões comunitárias, que ocorrem, pelo menos, uma vez por semana, conforme a necessidade das atividades demandadas (Entrevistados B1, B2, B4 e B10). Portanto, mesmo não sendo uma instância formal de planejamento, decisão e execução, são as relações entre os membros da Associação Comunitária Sônia Maria, Portal Vida e demais parceiros, que levam à prática as ações do PDIC, por meio de uma dinâmica de integração diária e de uma cultura voltada para a construção coletiva.

### 2.3.2.3 *Economia*

A institucionalização das soluções bem-sucedidas pode dar origem a uma “nova economia”. As economias decorrentes de processos de inovação, por sua vez, caracterizam-se como economia do conhecimento, economia social ou economia mista (Tardif & Harrison,

2005). No caso da comunidade São Vicente, a “nova economia”, que decorre de suas ações, foi identificada como sendo uma economia do conhecimento. Segundo Guile (2008), esse conceito foi usado por Drucker (1969) para se referir à aplicação do conhecimento, de qualquer campo ou fonte, novo ou velho, como estímulo ao desenvolvimento econômico.

Os capitais econômico (i.e. recursos disponíveis), social (i.e. redes de confiança e reciprocidade) e cultural (i.e. educação, estilo e intelectos dos atores sociais) são fundamentais para o funcionamento e desenvolvimento institucional (Bourdieu, 1986). No contexto investigado, o desafio do INEC era sistematizar uma ação educativa, desempenhando um papel fundamental no desenvolvimento econômico local e, sobretudo, de transformação social e política.

Sobre esta percepção, um membro da Associação Comunitária Sônia Maria, em entrevista ao Jornal Diário do Nordeste (2016) destacou que houve mudança da realidade econômica a partir da implantação dos projetos sociais: “Nós precisávamos de entidades que acreditassem no potencial da comunidade e hoje conseguimos, com muito esforço esse desenvolvimento. Mas ainda há muito a realizar com a participação de todos”.

Portanto, a “nova economia” institucionalizada pelo INEC é difundida na comunidade, desde a geração de conhecimento e cultura, dentro da Associação Comunitária Sônia Maria, que vai da educação infantil até a profissionalização e o suporte na geração de novos negócios.

### **2.3.3 Dimensão “Inovação”**

Esta dimensão se refere às subcategorias de análise: escala (onde essas inovações se originam), tipo (principais inovações difundidas) e finalidade (propósitos) (Tardif & Harrisson, 2005).

#### **2.3.3.1 Escala local**

O processo de inovação analisado é entendido como local e localizado quando seus atores compartilham de uma proximidade geográfica, relacional, organizacional e institucional, assim como cultural (Tardif & Harrisson, 2005). Nesse sentido, o Entrevistado B4 enfatizou que é importante “conscientizar as pessoas e dar uma melhor qualidade de vida, de mostrar que pra gente viver bem não precisa de um luxo, mas que podemos viver bem com o que a gente já tem aqui”.

A escala de impacto das ações do PDIC, portanto, é a própria comunidade São Vicente, situada a sete quilômetros da Serra da Meruoca, com 187 famílias. Trata-se de uma

microrregião do semiárido cearense. Por analogia, enquadra-se na ideia de “bairro”, colocado por Silva (2007), visando a sua participação ativa na vida cultural da cidade e solução dos problemas cotidianos dos cidadãos.

Além disso, observa-se a difusão das ações sociais nas proximidades geográficas de São Vicente, uma vez que o Entrevistado B4 afirma que essas ações também existem em outras cidades, como Alcântaras, Massapê e Bela Cruz.

### 2.3.3.2 Tipo

Os principais tipos de inovações sociais elencados por Tardif e Harrisson (2005) são: técnica (i.e. de produto ou tecnologia); sociotécnica (i.e. uma tecnologia dentro do contexto organizacional); organizacional (i.e. uma tecnologia dentro do contexto organizacional que traga melhorias especificamente aos trabalhadores); institucional (i.e. soluções a partir da atuação do Estado); e social (i.e. desenvolvidas por atores da sociedade civil). Neste contexto, pode-se afirmar que a inovação desenvolvida na comunidade São Vicente é do tipo social, pois são inovações que inserem mudanças nas relações e práticas sociais, a partir de ações coletivas, sustentadas na participação ativa de membros da sociedade civil, com o objetivo de proporcionar melhorias voltadas ao bem comum (Souza *et al.*, 2019; Ziegler *et al.*, 2017; Raderstrong & Boyea-Robinson, 2016).

Para o Entrevistado B6, o objetivo do programa proporcionou interação, união, educação e consciência ecológica. A Entrevistada B7 reforça esse papel de integração e isonomia comunitária: “um projeto que todo mundo seja igual, que abranja todo mundo. Isso é comunidade para mim, se ‘tá’ acontecendo um projeto, toda a comunidade deve se envolver”. A colaboração é uma capacidade relevante para o processo de IS, uma vez que a cooperação entre os atores possibilita a articulação entre os parceiros para um objetivo comum, gerando bons resultados (Batista & Correia, 2020; Ibrahim, 2017).

O desenvolvimento humano e social, os vínculos afetivos constituídos e a consciência ambiental são algumas falas dos sujeitos entrevistados quanto à experiência nos projetos comunitários desenvolvidos (Entrevistada B9). Neste contexto, Cloutier (2003) destaca que o objetivo final das inovações sociais é proporcionar bem-estar a indivíduos e/ou comunidade. Desta forma, o PDIC na comunidade de São Vicente tem conseguido cumprir esse papel para a sociedade, uma vez que valoriza a identidade individual e comunitária.

### 2.3.3.3 Finalidade

Tardif e Harrison (2005) ratificam a finalidade das inovações sociais, que são o bem comum em escala local e de interesse geral dos atores envolvidos. Para tanto, os atores buscam interações por meio de um processo de cooperação, conciliando interesses individuais e coletivos. De acordo com a Entrevistada D1, a finalidade principal do PDIC é: “contribuir para a inclusão e o desenvolvimento sociocultural e econômico das pessoas, potencializando a força coletiva, promovendo a cidadania e o respeito à vida”.

Dessa forma, o modo de ingresso nas atividades de desenvolvimento comunitário é simples: basta querer participar voluntariamente e ativamente para o desenvolvimento local e para a preservação da cultura e ambiente regional. No depoimento do Entrevistado B4, enfatiza-se esta percepção: “usando as coisas que nós temos aqui, aí a gente foi vendo que isso era o que era importante e aí despertou isso na gente, e pensamos em gerar renda com o que tínhamos aqui, aí foi surgindo várias coisas”. Portanto, desde 2014, as ações do PDIC na comunidade de São Vicente promovem transformações na melhoria da condição de vida de suas famílias.

### **2.3.4 Dimensão “Atores”**

Esta dimensão se refere aos representantes da sociedade civil, do setor público e das organizações em geral que estabelecem relações de parceria para viabilizar os processos de IS, além dos contratos estratégicos e das redes de inovação decorrentes destes. Esses atores da IS, podem ser múltiplos (sociais, organizacionais, institucionais e intermediários). Destaca-se que o foco dos pesquisadores do CRISES, na dimensão “Atores”, concentra-se no estudo das interações estabelecidas, entre eles, durante o processo de inovação, nos diferentes setores e em níveis variados (Tardif & Harrison, 2005).

#### **2.3.4.1 Atores sociais**

Os atores sociais podem incluir atores da sociedade civil, de movimentos cooperativistas ou associativistas, de sindicatos ou de associações comunitárias (Tardif & Harrison, 2005). Os primeiros atores sociais a se envolverem com o desenvolvimento comunitário foram os participantes da Associação Comunitária Sônia Maria, da comunidade de São Vicente. Os Entrevistados B4, B8 e B10 representam os atores da sociedade civil que, a partir do contexto motivacional presente, constituíram novos arranjos institucionais e práticas sociais. Há, também, relações estabelecidas com diversos profissionais que atuam nas áreas da arte, música e cultura, como professores que ministram oficinas, além das famílias de crianças beneficiadas

com os projetos dos espaços de leitura, escola comunitária de biodança, dentre outros. O entrevistado B3 desenvolveu oficinas de leitura junto com B4, B8 e B10.

Para viabilizar a realização de oficinas, a associação procura estabelecer relações com instituições de ensino, parceiros locais e órgãos públicos, mediante participação de editais públicos de concorrência. A Entrevistada B1 relata isso no seguinte trecho “a associação participa de editais... então, no ano passado, a gente inscreveu, que aí foi uma ação bem em parceria entre Portal Vida e a associação, que inscreveu a associação em dois editais, e os dois foram aprovados”. Atualmente, os atores sociais envolvidos com as práticas de desenvolvimento comunitário difundem os objetivos do PDIC. A busca por parcerias contribui para o desenvolvimento da cooperação entre os agentes, auxiliando no processo de aprendizagem coletiva (Souza *et al.*, 2019).

#### 2.3.4.2 Atores organizacionais

Os atores organizacionais envolvem empresas, organizações da economia social, organizações coletivas e beneficiários/destinatários (*shareholders*) das organizações privadas (Tardif & Harrisson, 2005). Os primeiros atores organizacionais nas ações do PDIC foram o Banco do Nordeste do Brasil S.A [BNB] e o INEC. Reconhece-se o papel do BNB na comunidade como o grande responsável pelo início das ações sociais, a exemplo do projeto “Espaços Nordestes”, disseminando atividades de educação e desenvolvimento social, conforme relatado em depoimentos do Entrevistado D3.

O INEC desempenha o principal papel no PDIC em São Vicente, por ter sido o idealizador e o desenvolvedor de diversas ações sociais e por continuar apoiando novas iniciativas locais, a exemplo do “Restaurante Comunitário” (Entrevistado B4). Outros atores organizacionais como a Universidade Federal do Ceará [UFC] e o SEBRAE, em parceria com a associação, praticam ações ministrando e ofertando cursos para a formação dos facilitadores em desenvolvimento comunitário, como: práticas integrativas empreendedoras, educação biocêntrica, permacultura e abordagem sistêmica, conforme relataram os Entrevistados B2 e B6. Percebe-se então que diversos depoimentos dos sujeitos da pesquisa destacam a presença e apoio do INEC, nas transformações e difusão das práticas de IS local.

#### 2.3.4.3 Atores institucionais

Os atores institucionais englobam instituições como o Estado, assim como a identidade e as normas ou valores de cada ator (Tardif & Harrisson, 2005). O primeiro ator institucional a

estabelecer relação com as ações de desenvolvimento comunitário foi a Prefeitura Municipal de Meruoca, ao financiar o transporte de pedras no contexto da ação de revitalização da praça ecológica da comunidade São Vicente, conforme relatado pela Entrevistada B10. Em relação ao festival de “Arte e Ecologia” na comunidade, a Prefeitura Municipal prestou auxílio na iniciativa, conforme depoimento da Entrevistada B1: “no festival, por exemplo, se a gente fosse custear tudo, não daria enquanto grupo comunitário, né, mas aí a gente consegue uma parceria com a prefeitura que cede os transportes”.

Estabelece-se, também, parcerias com o Estado quando da ocorrência de cursos de arte e cultura, conforme depoimento do Entrevistado B4: “só teve um que foi fora daqui... que foi uma parceria que o INEC fez com a Prefeitura Municipal, e aí a gente fez um curso e arte que foi de arte identidade que foi lá na Secretaria de Cultura de Meruoca, lá a gente passou dois dias fazendo, ambientando tudo”.

Assim, compreende-se, por meio dos discursos, a necessidade de maior apoio governamental nas ações locais (Entrevistados B1, B4, B6 e B10), bem como melhor comunicação de como são adquiridos os incentivos financeiros, conforme depoimentos dos Entrevistados B5 e B9.

#### *2.3.4.4 Atores intermediários*

As relações entre os atores podem levar ao surgimento de novos atores, os chamados atores híbridos ou intermediários, esses podem ser comitês (comissões bipartites ou tripartites) ou redes sociais de alianças ou de inovação, formadas por diferentes atores provenientes dos mais diversos níveis e setores da sociedade (Tardif & Harrisson, 2005).

Observa-se que as ações do PDIC estão inseridas em várias redes sociais, sendo estabelecidas novas parcerias a fim de disseminação das atividades comunitárias. Neste contexto, identificam-se as ações promovidas pelo Portal Vida e da Cáritas Diocesana.

O Portal Vida é um microempreendedor individual que promove cursos de práticas integrativas, bioconstrução e permacultura, biodança, abordagem sistêmica e psicologia ambiental, conforme relatado pelas Entrevistadas B1 e B2. Tais cursos são promovidos em parcerias com instituições de ensino, como também com o apoio do INEC.

A Cáritas Diocesana de Sobral é uma entidade de promoção e atuação social que trabalha na defesa dos direitos humanos, da segurança alimentar e do desenvolvimento sustentável solidário. A Entrevistada B10 destaca a recente ação “Costume & Artes, que é um grupo de mulheres trabalhando como reaproveitar roupas usadas”, em parceria com a Cáritas.

Dessa forma, o PDIC tem feito parte de diversas redes sociais, desencadeando novas parcerias e constituição desses atores intermediários. A formação de redes é uma ferramenta catalisadora dos processos de IS, pois, por meio dessas trocas, que vão além de recursos financeiros, difunde-se a atuação dos projetos e os resultados são mais rapidamente alcançados.

### **2.3.5 Dimensão “Processos”**

Esta dimensão se refere à compreensão do modo de coordenação do processo de IS (mobilização, participação, avaliação e aprendizagem), aos meios percorridos para o alcance dos objetivos (negociação, parceria, integração, empoderamento e difusão) e, por fim, às restrições que afetaram ou reduziram o potencial inovador do projeto (Tardif & Harrisson, 2005).

#### *2.3.5.1 Modos de coordenação*

Tardif e Harrisson (2005) destacam a relevância da participação voluntária dos atores, a capacidade de mobilização na articulação de recursos internos e externos, bem como os meios de negociação estabelecidos no processo de IS.

O modo de coordenação do PDIC se inicia pela demanda da comunidade em busca de soluções para os problemas ou necessidades. Para tanto, um analista social do INEC insere-se na comunidade, elabora um diagnóstico por meio de um questionário de sondagem socioeconômica e, em seguida, na matriz do INEC, realiza-se o planejamento de ação das atividades a serem implementadas na unidade demandante.

O PDIC na comunidade de São Vicente foi implementado em 2014, com a demanda de transformação de um ambiente visto como negligente no aspecto ambiental, além de um cenário com casos de suicídio e alcoolismo (Entrevistada B2). A parceria estabelecida entre o INEC e a Associação Comunitária Sônia Maria possibilitou o desenvolvimento de várias atividades sociais, com o propósito de modificar o cenário carente diagnosticado. A Entrevistada B1 descreve, de forma geral, as ações implementadas: “ele tem alguns braços: ele tem um braço que ele mexe com a cultura; ele tem um braço que ele mexe com a geração de renda; e ele tem um braço que ele mexe com saúde e desenvolvimento humano”.

A partir do “I Festival de Arte e Cultura” na comunidade de São Vicente, as ações foram se institucionalizando, e começaram a acontecer de forma espontânea. Mulgan (2007) advoga que a liderança é importante mesmo nos movimentos mais igualitários e democráticos, todavia, a mudança social só acontece quando muitas pessoas estão dispostas a seguir os mesmos

objetivos e adotar novas práticas. Neste contexto, destaca-se a interação entre a Associação Comunitária Sônia Maria com o Portal Vida, em parceria com o INEC, na materialização de várias atividades, conforme depoimento da Entrevistada B2: “nasceu esse ano o grupo Customizarte, o restaurante que tá nascendo e tem muita gente envolvida no trabalho... não é uma coisa que fica o ano inteiro, aí tem o grupo de mosaico, que fizeram até agora setecentas peças de jogos. Foi ótimo! Já gerou renda para eles”.

Assim, a coordenação destas atividades acontece nas reuniões comunitárias promovidas pela associação, com periodicidade de uma ou duas vezes por semana, conforme a demanda. Observa-se a necessidade de aprimoramento na coordenação de todos os projetos construídos, além de maior controle das funções que cada ator exerce nos programas, conforme relatou o Entrevistado B6: “porque aqui a gente faz muita coisa... cada um faz uma coisa diferente”. O processo de IS é um processo de construção social, por isso, pressupõe a participação de todos os atores envolvidos, incluindo os seus usuários/beneficiários, durante todo o curso do projeto (Bignetti, 2011; Cloutier, 2003). Para tanto, quanto mais cedo os beneficiários/usuários se inserem nos projetos, mais inovadores se tornarão.

#### 2.3.5.2 Meios

De acordo com Tardif e Harrisson (2005), a interação entre os atores sociais nos projetos de inovação torna-se um dos objetivos estratégicos para o alcance do processo de IS. Para tanto, diálogos são desenvolvidos (negociação), acordos são firmados (concertação) e parcerias são estabelecidas (difusão).

O PDIC utiliza como abordagem para implementação de suas ações sociais o método de processo, que se baseia na compreensão da realidade complexa do contexto em análise. A interação no meio comunitário possibilita a percepção dos fenômenos e dos indivíduos (Andrade, 2013). Dessa forma, o objetivo é a inserção e não a intervenção comunitária. Inserir representa caminhar juntos, com diálogo, reflexão e vivência (Entrevistada D3).

Atingir o nível de integração necessário a uma rede de inovação pressupõe lidar com oposições e resistências. Para tanto, os atores precisam confrontar suas concepções do que deve ser feito em um processo permanente de aprendizagem e cooperação, que resulta na elaboração de regras e acordos e na sedimentação de compromissos (Tardif & Harrisson, 2005).

Logo, a integração por meio de acordos de convivência estabelecidos nas reuniões comunitária em São Vicente, após a implementação do PDIC, possibilitou a difusão das ações sociais desenvolvidas pelo INEC. Nesse contexto, o Entrevistado B4 argumenta que: “é um

envolvimento muito ‘massa’ porque hoje a gente é como se fosse uma família, o que um sente, todo mundo sente, porque a gente trabalha muito a biocêntrica, e a gente trabalha muito a afetividade. Então a gente tem muito o movimento de família, de amor.”

Verifica-se então o sentimento de integração nas relações interpessoais exercendo um vínculo afetivo no contexto da realização das ações sociais. O discurso da Entrevistada B1 destaca isso: “o relacionamento humano, porque tem alegria, tem a dor e a delícia, né... Não é um relacionamento que é de negócios, profissional, não é... É um relacionamento que gera vínculos, que troca afetos, que a gente se transforma”. Portanto, a integração e o fortalecimento das relações entre os agentes sociais é um impulsionador do desenvolvimento (Ibrahim, 2017). Além disso, a integração possibilita uma perspectiva de participação, intercâmbio e colaboração, em que a emancipação de seus beneficiários por meio das iniciativas de IS transcendem as fronteiras organizacionais (Batista & Correia, 2020; Voorberg, Bekkers & Tummers, 2015).

#### *2.3.5.3 Restrições*

As restrições a um processo de IS são compreendidas como os acontecimentos que tenham afetado negativamente o projeto, ou que reduzam o seu potencial inovador. Tardif e Harrison (2005) dissertam que essas restrições podem decorrer da complexidade e da incerteza das dinâmicas, da resistência dos atores, das tensões provocadas pela novidade, das exigências para a formulação de compromissos e da rigidez institucional.

As principais limitações quanto às iniciativas do PDIC na comunidade São Vicente foram a participação do público masculino e o suporte financeiro nas ações comunitárias (Entrevistada B2). A questão da conscientização das pessoas na participação das ações comunitária também foi identificada como um fator limitante (Entrevistado B4).

Observa-se também forte dependência na aquisição de recursos governamentais para implementação das atividades sociais, o que sugere a necessidade de desenvolvimento do empreendedorismo econômico local, firmando parcerias com entidades privadas. A falta de consciência empresarial de entes privados também foi vista como um fator limitante, conforme relatou a Entrevistada B1: “existem empresas que crescem com essa consciência e que se nós, população, consumíssemos dessas empresas, a gente necessariamente estaríamos obrigando as outras a copiar aquela tendência de mercado, que é apostar na retribuição da sociedade”.

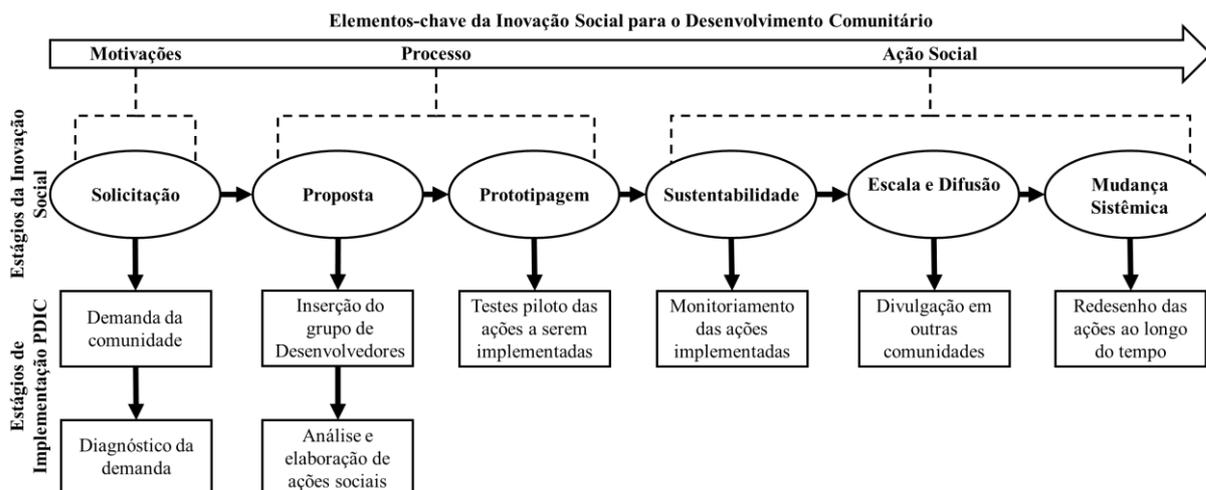
## 2.4 Considerações Finais

A investigação das características da IS na comunidade de São Vicente, apontados no modelo de Tardif e Harrisson (2005), mostrou que o PDIC se apresenta de forma institucionalizada. Identificaram-se os fatores que motivaram o início da iniciativa em estudo, a ação social desencadeada em busca de soluções para mitigar aos problemas sociais presentes, a escala de atuação da iniciativa, o tipo e a finalidade de IS desenvolvido e os atores envolvidos.

Logo, na perspectiva do modelo desenvolvido por Tardif e Harrisson (2005), o PDIC configura-se como uma IS e encontra-se em estágio avançado de institucionalização na comunidade de São Vicente. No entanto, suas ações apresentam elevado grau de formalização e profissionalização, o que poderia reduzir o seu caráter inovador. Além disso, identificam-se como restrições a falta de suporte financeiro e a forte dependência de recursos públicos para implementação de suas atividades. Dessa forma, embora as mudanças sociais venham acontecendo na comunidade, o programa requer maior coordenação dos resultados das ações já implementadas, como também das novas iniciativas quanto à mensuração e profissionalização dos processos.

Além disso, identificou-se os elementos-chave da IS para o desenvolvimento comunitário (ou seja, motivações, processo e ação social) e associou-se aos estágios de inovação social na perspectiva de Caulier-Grice *et al.*, (2012), que compreende os seguintes aspectos: solicitação, proposta, prototipagem, sustentabilidade, escala e difusão e mudança sistêmica. Compreende-se que esses seis estágios percorrem os elementos-chave da IS para o desenvolvimento comunitário.

Além disso, resumiu-se a implantação do PDIC em oito etapas: (i) demanda da comunidade; (ii) diagnóstico da demanda; (iii) inserção do grupo de desenvolvedores; (iv) análise e elaboração de ações sociais; (v) testes piloto das ações a serem implementadas; (vi) monitoramento das ações implementadas; (vii) divulgação do programa em outras comunidades; e (viii) redesenho das ações ao longo do tempo. Em seguida, articulou-se as etapas de implantação do PDIC com as etapas de inovação social. Na Figura 1, resume-se a perspectiva construída no estudo sobre os elementos-chave da IS para o desenvolvimento comunitário.



**Figura 1.** Elementos-chave da inovação social para o Desenvolvimento Comunitário.

Nota. Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Considerando os elementos-chave da IS para o desenvolvimento comunitário, defende-se que as “motivações” incluem a demanda da comunidade e o diagnóstico das necessidades e desafios sociais. Além disso, o “processo” consiste na inserção do grupo de desenvolvedores no planejamento (ou seja, análise, elaboração e testes piloto) das iniciativas de IS na comunidade. Por fim, a “ação social” reúne iniciativas que promovem a IS por meio de esforços conjuntos de cocriação, envolvimento, empoderamento do cidadão e colaboração intersetorial.

Como contribuições sociais, o trabalho avança na compreensão das dinâmicas de IS em comunidades locais e organizações sociais, destacando o papel de projetos como o PDIC no combate às vulnerabilidades e às desigualdades sociais. Do mesmo modo, o estudo permite traçar o perfil dos atores envolvidos no contexto da IS, assim como possibilita traçar um panorama de modelos e processos aplicados no contexto da comunidade investigada, servindo de panorama para outros contextos semelhantes. Além disso, o estudo permitiu articular interseções entre as práticas de IS e a sustentabilidade ambiental, uma vez que, no contexto investigado, a implementação de práticas de IS levou a comunidade ao avanço no que diz respeito à preservação e conservação dos recursos naturais, que eram aspectos antes negligenciados pela comunidade local.

Do ponto de vista gerencial, o estudo contribui para a compreensão das dinâmicas de gestão e governança comunitárias, trazendo reflexões sobre o papel dos atores no processo de planejamento, articulação, coordenação e implementação de práticas inovadoras e empreendedoras nos campos social, cultural, educacional, ambiental e econômico. No âmbito das políticas públicas, a pesquisa elucida o papel dos agentes governamentais e institucionais no processo de IS, evidenciando a importância do fomento de iniciativas dessa natureza. Além

disso, essas iniciativas proporcionam o desenvolvimento de comunidades locais e contribuem para a redução das desigualdades e o avanço do bem-estar social.

Além das contribuições apontadas neste estudo, pode-se elencar algumas implicações empíricas-teóricas para agenda do campo de IS e de políticas públicas voltadas para o desenvolvimento de território. Primeiro, o PDIC é uma ferramenta que pode ser usada para o desenvolvimento local, pois cultiva ativos e abordar desafios comunitários. Em segundo lugar, o PDIC é um modelo que promove o desenvolvimento local comunitário destacando-se os arranjos institucionais constituídos e práticas dos diversos atores socioeconômicos, além disso, corrobora com estudos anteriores sobre desenvolvimento comunitário e empreendedorismo social (Holland *et al.*, 2018; Ravazzoli & Valero, 2020; Talmage, 2021; Souza *et al.*, 2021). Terceiro, a crença na criação de impacto social é a força motriz do PDIC. Ao fornecer consciência ambiental, empreendedorismo, espaços de aprendizagem, treinamentos e inclusão social. Pode-se dizer que o PDIC proporcionou mudança na vida dos moradores da comunidade de São Vicente (CE). O impacto social é a motivação que impulsiona os desenvolvedores do PDIC, pois empreendedores sociais veem possibilidades, não problemas (Holland *et al.*, 2018; Talmage, 2021).

No que se refere às limitações desta pesquisa, cita-se o acesso à comunidade São Vicente (CE), pois situa-se em uma região distante e de vulnerabilidade. Logo, recomenda-se um tempo maior de observação para ampliar a percepção quanto ao alcance dos resultados dos processos já institucionalizados. Para pesquisas futuras, sugere-se a continuidade da pesquisa em outras comunidades que tenham ações de IS para combater as desigualdades, a fim de realizar comparações em diferentes contextos de IS, com foco do desenvolvimento do território.

### 3 ARTIGO 2 - DIMENSÕES DA INOVAÇÃO SOCIAL E OS PAPEIS DOS ATORES SOCIAIS NO CONTEXTO DO MICROCRÉDITO<sup>2</sup>

#### RESUMO

O estudo avaliou a inovação social proveniente da concessão de microcrédito, em termos de tipologia, profundidade e cobertura, bem como os papéis desenvolvidos pelos seus atores sociais. Com esse propósito, realizou-se uma pesquisa de campo fundamentando-se na escala de classificação da inovação social elaborada por D’Amario e Comini (2020), por meio um *survey* de experiência com abordagem *mix* (quali-quanti) com 38 beneficiários do programa de microcrédito Crediamigo/BNB, na unidade Grande Bom Jardim, do Município de Fortaleza (CE). Os resultados evidenciaram que as ações de inovação social realizadas pelos beneficiários promovem inclusão social e econômica, permitindo a geração de empregos adicionais, empoderamento e melhoria na qualidade de vida. Em termos de profundidade de inovação, foram identificadas ações incrementais, disruptivas e institucionais. Quanto à tipologia, foram desencadeadas na estrutura social e econômica ações comunitárias de transformações mercadológicas, técnicas e organizacionais, com cobertura local. Em adição, desenvolveu-se uma análise de *cluster*, considerando as variáveis da escala de classificação da IS, em que se caracterizaram três perfis de beneficiários com orientação à IS: “Inovadores, Visionários e Conservadores”. Assim, o estudo amplia o entendimento das dimensões da inovação social e os papéis dos atores sociais no que concerne à relevância-influência do microcrédito no desenvolvimento local e social.

**Palavras-chaves:** Inovação Social. Atores Sociais. Microcrédito. Impacto Social.

#### ABSTRACT

The study assesses the social innovation arising from the granting of microcredit, in terms of typology, depth and coverage, as well as the roles played by its social actors. With this purpose, a field research was carried out based on the social innovation classification scale elaborated by D'Amario and Comini (2020), through an experience survey with qualitative evaluation with 38 beneficiaries of the Crediamigo microcredit program/ BNB, at the Grande Bom Jardim unit, in the city of Fortaleza (CE). The results showed that the social innovation actions carried out by the beneficiaries promote social and economic inclusion, allowing the generation of

---

<sup>2</sup> Artigo aprovado ao XLVI Encontro da ANPAD – EnANPAD 2022 em abril/2022, conforme comprovante em anexo.

additional jobs, empowerment and improvement in the quality of life. In terms of innovation depth, incremental, disruptive and institutional actions were identified. As for the typology, community actions of market, technical and organizational transformations were triggered in the social and economic structure, with local coverage. In addition, a cluster analysis was developed, considering the variables of the IS classification scale, in which three beneficiary profiles were characterized orientation to IS: “Innovative, Visionaries and Conservative”. Thus, the study broadens the understanding of the dimensions of social innovation and the roles of social actors with regard to the relevance-influence of microcredit on local and social development.

**Keywords:** Social Innovation. Social Actors. Microcredit. Social Impact.

### 3.1 Introdução

Em decorrência da eclosão de conflitos sociais, evidencia-se a insuficiência de um entendimento centrado de mudança social, tornando-se cada vez mais latentes o interesse científico em investigar as mudanças sociais e as inovações técnicas e sociais inseridas em seus respectivos contextos socioeconômicos (Foroudi *et al.*, 2020; Howaldt, Kopp & Schwarz, 2015). A demanda por mais opções sustentáveis na solução de problemas sociais, mediante adoção de práticas que propiciem mudanças nas instituições e nos agentes, visando à melhoria da qualidade de vida e à inclusão social de grupos excluídos, é entendida como Inovação Social [IS] (Agostini *et al.*, 2020; Avelino *et al.*, 2017; Bignetti, 2011; Moulaert *et al.*, 2005).

Com efeito, a temática sobre IS proveniente de ambientes vulneráveis tem relevância, pois seu propósito descansa em melhorar as condições de vida de pessoas e comunidades (Foroudi *et al.*, 2020), promovendo a cooperação entre os cidadãos, a tomada de decisões democráticas, a justiça social, a coesão social, identidade coletiva e o empoderamento dos cidadãos (Agostini *et al.*, 2020; Ziegler *et al.*, 2017; Mahmuda, Baskaran & Pancholi, 2014).

Diversos exemplos de inovações sociais são identificados na literatura, como: o microcrédito, o movimento do comércio justo, as atividades culturais, dentre outros (Mulgan, 2006). O diferencial das microfinanças, como modalidade de finanças, reside na criação do valor social, sendo reconhecida mundialmente como uma inovação de investimento que ajuda a alavancar valores econômicos e sociais (Molnár, 2017; Mahmuda, Baskarn & Pancholi, 2014).

Pesquisas sobre IS carecem de análises sustentadas e sistemáticas que verifiquem suas características (tipologias, profundidade e cobertura) e impactos (Tepsie, 2014; Howaldt, Domanski & Kaletka, 2016; Ziegler *et al.*, 2017; D’Amario & Comini, 2020), para uma abordagem social multidimensional inclusiva (Tepsie, 2014; Howaldt, Kopp & Schwarz, 2015; Ashta, Couchoro & Musa, 2014; Molnár, 2017; Foroudi *et al.*, 2020). Assim, com o propósito de obter maior entendimento sobre o influxo da IS proveniente dos beneficiários do microcrédito, o objetivo desta pesquisa reside em avaliar a inovação social proveniente da concessão de microcrédito, em termos de tipologia, profundidade e cobertura, bem como os papéis desenvolvidos pelos seus atores sociais.

A escolha de uma abordagem que capture as características essenciais da IS promovidas pelos seus operadores como membros da sociedade civil, para o desenvolvimento de uma IS, é necessária por compreender as modalidades de articulação e de envolvimento destes agentes no desenvolvimento de novas soluções para os desafios sociais (Correia, Oliveira & Gomez, 2016). Além disso, compreende-se que as ações de IS incrementadas por beneficiários de programas de microcrédito são suscetíveis de contribuir para a transformação social e econômica das pessoas e das localidades onde estão inseridas (Schönerwald & Vernengo, 2016).

Neste âmbito, estão os pesquisadores D’Amario e Comini (2020), que desenvolveram a escala de classificação das IS, possibilitando identificar três dimensões - tipologia (produtos, *marketing* e organizacional), profundidade (disruptiva, institucional e incremental) e cobertura (local, regional, nacional e global) - como instrumentos de análise do fenômeno da IS.

Opta-se, no decurso da pesquisa, pela escala de classificação de D’Amario e Comini (2020), a fim de examinar as dimensões de tipologia, profundidade e cobertura da IS, com beneficiários do Programa Crediamigo, do Banco do Nordeste do Brasil S/A [BNB], em razão da abrangência da análise adotada por empreendedores sociais.

Evidencia-se, por oportuno, o fato de que o público-alvo primário de beneficiários do Programa Crediamigo compõe uma realidade de exclusão e vulnerabilidade. Ademais, dentre as instituições comprometidas com a causa do desenvolvimento regional, sobressai-se o BNB como o agente operador do maior programa de microcrédito produtivo e orientado urbano da América do Sul – o Crediamigo (BNB, 2021).

O fundamento desta investigação está respaldado na necessidade de evidências úteis sobre o influxo social do microcrédito por meio do desenvolvimento de capacidades de seus beneficiários (Molnár, 2017; Mahmuda, Baskaran & Pancholi, 2014). Ademais, a contribuição deste estudo radica, decerto, em estimular empreendedores sociais ou novos

microempreendedores na melhor alocação de seus recursos, a fim de obter melhores resultados sociais e econômicos para seus empreendimentos (Foroudi *et al.*, 2020; Howaldt, Kopp & Schwarz, 2015; Howaldt, Domanski & Kaletka, 2016). De tal maneira, essa pesquisa embasará de modo empírico as lacunas da literatura.

### 3.2 Referencial Teórico

No coração do paradigma de inovação da sociedade industrial, há inovações técnicas relacionadas a produtos e processos que "[...] são considerados (quase) a única esperança de desenvolvimento social" (Gillwald, 2000). Com o surgimento desse novo paradigma de inovação, entretanto, não foram apenas a perspectiva dos processos de inovação e sua integração nas estruturas e resultados que mudaram, mas também se modificou o objeto da inovação.

Com efeito, nos estudos do Howaldt *et al.* (2017), verifica-se o entendimento do novo paradigma de inovação caracterizado por três elementos: (i) conteúdo (reconhecimento focado em inovações não tecnológicas dirigidas para mudança nas práticas sociais), (ii) processo (sendo aberto à sociedade) e (iii) objetivos (sua orientação pelos principais desafios da sociedade).

Em decorrência da expansão e das novas demandas sociais dramáticas - reforçadas pelos desafios de globalização, crescimento da população, conflitos sociais, guerras, mudanças climáticas - observa-se a necessidade de medidas e políticas sociais para o seu controle (Howaldt *et al.*, 2017). De tal sorte, o desenvolvimento e a implementação de mais ideias (produtos, serviços e modelos) emergem como opções para atender às necessidades sociais, com ênfase no termo de IS (Howaldt *et al.*, 2017; Ziegler *et al.*, 2017).

A IS aparece como resultado positivo após um momento de crise, quando os agentes são empurrados para a ação e resolução de determinada situação problemática (Agostini *et al.*, 2020; Avelino *et al.*, 2017; Correia, Oliveira & Gomez, 2016). Acrescentam esses especialistas a ideia de que novas soluções surgem como opções na fase inicial de implementação, porém, em longo prazo, tendem a ser institucionalizadas, dando ensejo a renovados modelos de trabalho, desenvolvimento e governança. Portanto, independentemente do tipo de IS, Tardif e Harrisson (2005) mencionam que essas inovações têm característica local ou localizada.

O desafio a ser estudado nas Ciências Sociais visa compreender a difusão da IS, com os principais agentes e condutores, identificando as mudanças sociais estabelecidas, as influências sociais operadas (D'Amario & Comini, 2020; Van der Have; Rubalcaba, 2016), bem como o

avanço teórico-empírico de um novo paradigma de inovação abrangente (Torlig *et al.*, 2020; Ziegler *et al.*, 2017; Franzoni & Silva, 2016).

Neste âmbito, estão os pesquisadores Tardif e Harrisson (2005), que estudam acerca das dimensões da IS com o propósito de verificá-la desde sua concepção, com suporte na análise do ambiente que motivou o seu desenvolvimento, sua implementação e agentes/atores envolvidos. Avaliam-se os efeitos dessas ações, incluindo a procura pelo aprimoramento das práticas adotadas no alcance de seus objetivos (Agostini *et al.*, 2020; Avelino *et al.*, 2017; Ziegler *et al.*, 2017).

Dessa forma, os atores vinculados ao conceito de IS são categorizados em organizacionais, institucionais, intermediários e sociais (Tardif; Harrisson, 2005). Correia, Oliveira e Gomez (2016) destacam que os atores sociais se configuram como membros/pessoas da sociedade civil, de cooperativas e associações, de sindicatos ou associações comunitárias que estimulam a descoberta de soluções para atendimento das necessidades sociais por meio da articulação de agentes habilitados a alcançar resultados sociais.

Este estudo, com efeito, desperta o interesse em identificar as dimensões e os papéis desempenhados pelos atores sociais em iniciativas de IS, constituindo um desafio a ser enfrentado, para atender às demandas sociais e contribuir efetivamente para as melhorias.

Procedida, entretanto, à revisão sistemática da literatura sobre estudos quantitativos para melhor compreensão da IS gerada por microempreendedores beneficiários de programas de microcrédito, não foi observado nenhum estudo que verifique os tipos, profundidade e cobertura da IS desenvolvida neste contexto, constituindo uma lacuna na literatura.

Acrescenta-se que a maioria dos estudos sobre escalas para avaliar IS ou empreendedorismo social é abordada na seara da avaliação da criação de valor em empreendimentos sociais (D'Amario & Comini, 2020; Christlieb, 2012), sendo representada majoritariamente por instituições do terceiro setor, mas também é factível de se encontrar no âmbito das políticas públicas instituídas pelo Governo e medidas de responsabilidade social adotadas por empresas privadas (Quirino *et al.*, 2015; Correia, Oliveira & Gomez, 2016, Comini, Fischer & D'Amario, 2022).

Neste contexto, os pesquisadores D'Amario e Comini (2020), desenvolveram e validaram uma escala de classificação das IS geradas por organizações sociais, composta por 23 itens que classificam e identificam IS caracterizadas quanto a tipologia, profundidade e cobertura. Foi escolhido o estudo dos autores mencionados, para efetivar esta investigação, em virtude da

ausência de modelos de análise quantitativa com o objetivo de identificar IS utilizadas por beneficiários do microcrédito.

A IS, como um fenômeno incipiente e espontâneo do meio social ou das práticas de certos agentes/atores, desperta o interesse de exame por parte dos pesquisadores a respeito de como ele emerge das iniciativas de inovação, experiências e processos em meio a situações de problemas estruturais de exclusão social e desigualdade (Comini, Fischer & D’Amario, 2022; Agostini *et al.*, 2020; Ziegler *et al.*, 2017; Moulaert *et al.*, 2013).

Consoante mencionado anteriormente, a escala de classificação das IS dos pesquisadores D’Amario e Comini (2020) possibilita a identificação de três dimensões: tipologia (produtos, *marketing* e organizacional), profundidade (disruptiva, institucional e incremental) e cobertura (local, regional, nacional e global), conforme ilustrado no Quadro 1.

**Quadro 1.** *Modelo conceitual de classificação da IS de D’Amario e Comini (2020)*

Dimensão	Objetivo de análise	Subcategoria de análise
<b>Tipos</b>	A dimensão “tipos” abrange três construtos de primeira ordem que são produto, marketing e organizacional.	Produto
		Marketing
		Organizacional
<b>Profundidade</b>	A dimensão “profundidade” abrange três construtos de primeira ordem que são disruptivas, institucionais e incrementais	Disruptiva
		Incremental
		Institucional
<b>Cobertura</b>	A dimensão “cobertura” abrange quatro construtos de primeira ordem que são locais, regionais, nacionais e globais	Local
		Regional
		Nacional
		Global

*Nota.* Fonte: Adaptado de D’Amario e Comini (2020).

D’Amario e Comini (2020) consideraram como fonte de classificação dos tipos de IS a descrição tradicional oferecida pelo Manual de Olso (1997), adaptando-a para um objetivo social subdividida em três construtos: (i) produto (introdução de um bem ou serviço novo ou significativamente aprimorado em termos de suas características ou usos); (ii) *marketing* (implementação de um novo método de *marketing* com mudanças significativas no *design* do produto ou em sua embalagem, no posicionamento do produto, na promoção ou na fixação de preços para atender às metas sociais); e (iii) organizacional (implementação de um novo método organizacional nas práticas de negócios da empresa, na organização do local de trabalho ou nas relações externas para atender às metas sociais).

Além das tipologias, a IS é também classificada de acordo com sua profundidade, ocorrendo em vários níveis, com base no foco de conhecimento. D’Amario e Comini (2020) basearam-se, principalmente, no estudo de Nicholls e Murdock (2012), dentre outros estudos correlatos, considerando três construtos de análise: (i) disruptivo (altera estruturas cognitivas

de referência para alterar sistemas e estruturas sociais – foco político), (ii) incremental (lida com falhas de mercado identificadas de maneira mais eficaz- foco produtos) e (iii) institucional (reconfigura as estruturas e padrões de mercado – foco mercado).

D’Amario e Comini (2020) decidiram utilizar a taxinomia de cobertura para as ocorrências das IS consoante Comini (2016), que consiste em observar a IS sob quatro perspectivas: (i) local (atendem problemas sociais e/ou ambientais de uma determinada comunidade ou cidade), (ii) regional (atendem uma região ou algumas regiões: Norte, Sul etc), (iii) nacional (encontram-se em todo o país) e (iv) global (atendem a vários países).

Ademais, as três dimensões de D’Amario e Comini (2020) privilegiam a classificação de IS com suporte na análise do ambiente que motivou o seu desenvolvimento, tipos, bem como sua interação com as estruturas sociais, mercadológicas e seu respectivo alcance. Avaliam-se os impactos dessas ações, incluindo a procura pelo aprimoramento das práticas adotadas, no alcance de seus objetivos.

### 3.3 Metodologia

Esta pesquisa é de natureza *mix* (quali-quantitativa) e caracteriza-se como descritiva e exploratória. Conforma um estudo de campo, realizada por meio da aplicação de um *survey* de experiência (Gil & Reis Neto, 2021) e por via de entrevistas junto aos beneficiários do programa de microcrédito urbano do Banco do Nordeste do Brasil S/A [BNB] – o Crediamigo.

O BNB, instituição financeira múltipla, operacionaliza o maior programa de microcrédito produtivo e orientado urbano da América do Sul – o Crediamigo, com o objetivo de promover o desenvolvimento sustentável em sua área de atuação (nordeste e norte dos Estados de Minas Gerais e Espírito Santo), contribuindo decisivamente para reduzir as desigualdades socioeconômicas em relação às outras regiões do País, superar a pobreza e apoiar atividades produtivas geradoras de renda (BNB, 2021).

O recolhimento dos indicadores foi operacionalizado no mês de agosto de 2021, por meio da técnica da observação direta (Cooper & Schindler, 2011), aplicação de um *survey* de experiência (Gil & Reis Neto, 2021) e realização de entrevistas. Obteve-se uma amostra de 38 beneficiários do Programa Crediamigo, na unidade Grande Bom Jardim, do Município de Fortaleza (CE).

Em relação ao *survey* de experiência, destaca-se que o seu uso no campo da Administração com propósitos profissionais e acadêmicos, constitui-se uma nova visão em

estudos exploratórios (Gil & Reis Neto, 2021). Com efeito, nessa modalidade de pesquisa, a realidade é apresentada segundo a perspectiva das diferentes pessoas que são pesquisadas, com o propósito de conhecer a experiência de vida dos participantes (Gil & Reis Neto, 2021).

O *survey* foi estruturado em duas seções: a) Características sociodemográficas dos respondentes, b) Escala *Likert* de seis pontos para avaliação das tipologias, profundidade e cobertura das IS, que variou de 1 "discordo totalmente" a 6 "concordo totalmente" (D'Amario & Comini, 2020). No Quadro 2, evidenciam-se os itens da escala que compuseram a entrevista.

**Quadro 2.** *Variáveis do modelo adotado na pesquisa*

<b>Dimensão</b>	<b>Tipos</b>
<b>Subcategoria</b>	<b>Produto</b>
ITprod1	Nossos produtos/serviços possuem características funcionais inovadoras que atendem às demandas e/ou perfil do consumidor em situação de vulnerabilidade social.
ITprod2	Nossos produtos/serviços apresentam alterações que não alteram sua função ou uso pretendido, mas melhor atendem às demandas dos consumidores em situação de vulnerabilidade social.
ITprod3	Nossos produtos/serviços apresentam alterações em suas características que são percebidas como valiosas pelos consumidores, principalmente aqueles em situações de vulnerabilidade social.
<b>Subcategoria</b>	<b>Marketing</b>
ITmkt1	Utilizamos o marketing para gerar uma nova concepção do produto e/ou serviço, a fim de facilitar o uso por pessoas em situação de vulnerabilidade social e/ou causar menos impacto ambiental.
ITmkt2	Utilizamos um novo método de promoção ou venda de preços, a fim de possibilitar o consumo de pessoas em situação de vulnerabilidade social e/ou causar menor impacto ambiental.
ITmkt3	Nossos produtos/serviços têm um novo design que se encaixa no perfil do consumidor em situação de vulnerabilidade social e/ou que o impacto ambiental é mínimo.
ITmkt4	Pretendemos aumentar o volume de vendas através de mudanças no posicionamento de nossos produtos/serviços, a fim de torná-los acessíveis aos consumidores em situação de vulnerabilidade social.
<b>Subcategoria</b>	<b>Organizacional</b>
ITorg1	Nossa organização atinge seus objetivos sociais e/ou ambientais utilizando novos métodos de parceria com outras organizações para aprender novas formas de trabalhar.
ITorg2	Buscamos adquirir conhecimento e interagir com outras organizações para atingir nossos objetivos sociais e/ou ambientais.
ITorg3	Nossa organização emprega novos métodos de interação com outras empresas para compartilhar conhecimento e alcançar objetivos sociais e/ou ambientais.
ITorg4	Nossos produtos/serviços fazem parte de novas iniciativas e parcerias que visam reduzir problemas sociais e ambientais.
<b>Dimensão</b>	<b>Profundidade</b>
<b>Subcategoria</b>	<b>Incremental</b>
IPincr1	Nossos produtos/serviços já existiam, mas nós os aprimoramos e reduzimos custos para que pessoas que estão em situação de vulnerabilidade social possam ter acesso a eles.
IPincr2	Desenvolvemos novos produtos/serviços mais baratos que os que já existiam e que atendem às populações socialmente vulneráveis.
IPincr3	Melhoramos os produtos e/ou serviços que já existiam para reduzir o impacto ambiental e/ou conhecer pessoas em situação de vulnerabilidade social.
<b>Subcategoria</b>	<b>Disruptiva</b>
IPdisr1	Nossos novos produtos/serviços possibilitam a participação social e/ou política de pessoas em situação de vulnerabilidade social.

IPdisr2	Nossos novos produtos/serviços transformam a vida das pessoas em situações de vulnerabilidade.
IPdisr3	Nossos novos produtos/serviços enfrentam um desafio que cria igualdade, justiça social e empoderamento.
IPdisr4	Nossos produtos/serviços são novas alternativas oferecidas a indivíduos e organizações como forma de alcançar mudanças sociais em suas comunidades.
IPdisr5	Nossos novos produtos/serviços mudaram a estrutura do mercado para atender pessoas em situação de vulnerabilidade social.
<b>Subcategoria</b>	<b>Institucional</b>
IPinst1	Nossos novos produtos/serviços promovem mudanças nas relações sociais, aumentando o nível de participação de grupos socialmente vulneráveis
IPinst2	Realizamos atualizações em produtos/serviços que levam à inclusão de grupos historicamente excluídos.
IPinst3	Nossos novos produtos/serviços se concentram na reconfiguração das estruturas sociais e econômicas existentes, com novas tecnologias mais direcionadas às minorias que estão em situação de vulnerabilidade social.
IPinst4	Nossos novos produtos/serviços reescrevem e criam novos mercados para atender pessoas que estão em situação de vulnerabilidade social.
<b>Dimensão</b>	<b>Cobertura</b>
Icober1	Nossos produtos/serviços atendem os consumidores de abrangência local, regional, nacional ou global.

Nota. Fonte: Adaptado de D'Amario e Comini (2020)

O estudo tem como sujeitos os beneficiários do Programa Crediamigo/BNB da unidade Grande Bom Jardim (CE). Identificam-se como opções de microcrédito (produtos) ofertadas pelo Programa: (a) capital de giro (giro individual e solidário); (b) recursos para capacitações e capital de giro (Crediamigo mais); e (c) investimentos em capitais fixos (investimento fixo), tais como: aquisição de móveis, utensílios, máquinas, reformas e instalações físicas - dentre outras opções de produtos e serviços para os microempreendedores.

No Quadro 3, há informações sobre a codificação e o perfil dos sujeitos entrevistados, correspondentes aos grupos acima definidos.

**Quadro 3.** Codificação e perfil dos sujeitos da pesquisa.

Código	Gênero	Idade	Escolaridade	Produto adquirido no Programa
B1	F	35	Ensino médio completo	Giro individual
B2	F	51	Ensino médio incompleto	Giro individual
B3	F	58	Ensino médio incompleto	Giro individual
B4	F	29	Ensino médio incompleto	Giro individual
B5	M	60	Ensino fundamental incompleto	Investimento fixo
B6	M	29	Ensino médio completo	Investimento fixo
B7	F	36	Ensino médio completo	Investimento fixo
B8	M	31	Ensino médio completo	Crediamigo mais
B9	M	50	Ensino fundamental completo	Giro individual
B10	F	44	Ensino superior completo	Giro individual
B11	F	52	Ensino superior completo	Giro individual
B12	F	39	Ensino fundamental incompleto	Giro individual
B13	F	43	Ensino médio completo	Giro individual
B14	M	33	Ensino superior completo	Giro individual
B15	F	33	Ensino médio completo	Giro individual
B16	M	43	Ensino fundamental incompleto	Giro individual

B17	F	42	Ensino fundamental completo	Giro individual
B18	F	33	Ensino fundamental incompleto	Giro individual
B19	M	49	Ensino médio completo	Giro individual
B20	F	58	Ensino médio completo	Giro individual
B21	F	48	Ensino médio incompleto	Giro individual
B22	F	43	Ensino médio completo	Giro individual
B23	F	67	Ensino fundamental incompleto	Giro individual
B24	F	37	Ensino fundamental incompleto	Giro individual
B25	F	30	Ensino médio completo	Giro individual
B26	M	52	Ensino fundamental completo	Crediamigo mais
B27	M	33	Ensino superior incompleto	Crediamigo mais
B28	M	50	Ensino médio incompleto	Crediamigo mais
B29	F	35	Ensino médio completo	Crediamigo mais
B30	F	64	Ensino superior incompleto	Investimento fixo
B31	F	48	Ensino superior completo	Giro individual
B32	F	63	Ensino fundamental incompleto	Giro individual
B33	F	36	Ensino médio completo	Giro individual
B34	F	53	Ensino médio incompleto	Giro individual
B35	F	34	Ensino fundamental incompleto	Giro individual
B36	F	50	Ensino superior completo	Giro individual
B37	F	56	Ensino médio completo	Giro individual
B38	F	51	Ensino superior incompleto	Giro individual

Nota. Fonte: Elaboração própria (2022).

No Quadro 3, percebe-se a predominância do sexo feminino (73,7%), com idade média acima de 40 anos (60,0%), ensino médio completo (34,2%) e com preferência de captação de recursos para o produto do giro individual (73,7%). O perfil da amostra corrobora estudos anteriores, em que o público-alvo do microcrédito é de mulheres, com baixa escolaridade e com o propósito de captação de recursos para o giro de mercadorias ou abertura de seus negócios (Salgado & Aires, 2018, Schönerwald & Vernengo, 2016).

Ademais, efetivou-se a segmentação dos dados conforme as três dimensões de classificação IS, propostas por D’Amario e Comini (2020), consideradas como “dimensões norteadoras” (Tipos, Profundidade e Cobertura) que se desdobram em três ou quatro variáveis de análise, de acordo com os elementos em destaque no Quadro 4.

#### **Quadro 4. Dimensões e variáveis de análise**

<b>Dimensões norteadoras</b>	<b>Variáveis de análise</b>			
Tipos	Produto	Marketing	Organizacional	
Profundidade	Incremental	Disruptiva	Institucional	
Cobertura	Local	Regional	Nacional	Global

Nota. Fonte: Adaptado de D’Amario e Comini (2020).

Os dados foram analisados mediante as técnicas de Análises de Conteúdo e Documental. Desse modo, caracterizou-se, exploratoriamente, o perfil dos respondentes, privilegiando aspectos sobre sexo, idade, escolaridade, produto adquirido, faturamento do negócio, tempo no

programa, ramo da atividade, propósito do microcrédito, capacitações financeiras realizadas e o valor social do microcrédito no microempreendimento.

Assim, procedeu-se a uma análise de entendimento teórico da substância dos textos recolhidos por via das entrevistas, anotações em diário de campo e pesquisa documental, com vistas à decomposição dos conteúdos em fragmentos mais simples, os quais foram qualificados nas categorias e subcategorias de análise, conforme classificação adotada na etapa inicial. Acrescenta-se o fato de que a operacionalização de codificação dos indicadores recolhidos foi realizada com o apoio da ferramenta *software* de análise qualitativa Atlas.ti, para organização dos relatos e criação das categorias temáticas, com o escopo de validar os resultados.

Posteriormente, realizou-se uma análise de *cluster*, considerando as variáveis das escalas de classificação da IS, cujo principal objetivo cingiu-se a definir a estrutura dos indicadores, de modo que observações mais semelhantes sejam alocadas no mesmo grupo (Fávero *et al.*, 2009). Procedeu-se não hierarquicamente, por meio do método *K-means* para formação dos agrupamentos, o qual se baseia na representação de k grupos formados pelas observações mais próximas às suas médias (Williams, 2011). De acordo com Fávero *et al.* (2009), os procedimentos não hierárquicos são aplicados para agrupar participantes humanos, cujo número inicial de *clusters* é definido pelo pesquisador. De tal modo, adotaram-se, neste passo, três *clusters* para caracterizar a amostra.

Com vistas a verificar as características sociodemográficas dos *clusters*, foi efetuada uma análise descritiva por meio de uma tabulação cruzada entre os *clusters* e as frequências de sexo, faixa etária, escolaridade, renda, tempo no programa, atividade e produto. Ademais, as análises estatísticas das respostas foram realizadas com o auxílio do *software Statistical Package for the Social Sciences - [SPSS]*, versão 23.0.

### **3.4 Análise e Discussão dos Resultados**

Esta seção destina-se à discussão dos resultados da pesquisa e ao entendimento dos seus conceitos centrais. De efeito, aplica-se a escala de classificação das IS de D'Amario e Comini (2020), ao privilegiar suas dimensões e subcategorias de análise. Demais disso, são expressos os resultados obtidos pela análise de *clusters*.

### 3.4.1 Dimensão “Tipos da inovação social”

Para a dimensão “Tipos”, D’Amario e Comini (2020) consideraram como fonte de classificação de IS as definições oferecidas pelo Manual de Olso (1997), adaptando-a para um objetivo social com foco no resultado. Justifica-se tal escolha por se cuidar de matéria ainda em constituição e, conseqüentemente, ainda não revelar consenso sobre o significado específico (Comini, 2016). Acrescenta-se o argumento de que, pelo fato de, em sua maioria, os estudos associarem a IS apenas para organizações sem fins lucrativos (D’Amario & Comini, 2020), esta pesquisa intenta aprofundar o entendimento da IS adotada em amostra diferente.

Portanto, pretendeu-se entender o modo como os modelos de negócios de microempreendimentos são geradores de inovação socioambiental, observando as soluções de produtos, de *marketing* e organizacionais que tivessem o potencial de ensejar valor socioambiental para uma comunidade.

Inicialmente, calculou-se as médias de respostas, por itens da escala, conforme as subcategorias de IS. A Tabela 1 revela a dimensão “Tipos”, que são analisadas nesta pesquisa.

**Tabela 1.** *Descritiva das variáveis da dimensão “Tipos”*

Variável	Média	Mínimo	Máximo	Desvio Padrão
<b>Produto</b>	4,991	3,000	6,000	0,979
<b>Marketing</b>	4,428	1,000	6,000	1,588
<b>Organizacional</b>	3,954	1,000	6,000	1,539

Fonte: Dados da pesquisa.

Na Tabela 1, verifica-se à média de cada item, relacionada às subcategorias de IS de *produto*, *marketing* e *organizacional* como variável a ser comparada entre os microempreendedores com base nas características do perfil da amostra. Logo, evidencia-se que a média de maior valor nesta dimensão foi a da variável *produto* (média = 4,991), seguida de *marketing* (média = 4,428) e *organizacional* (média = 3,954) analisadas separadamente a seguir.

#### 3.4.1.1 Inovação social de produto

A IS de produto é compreendida como a introdução de um bem ou serviço novo ou significativamente aprimorado em termos de suas características ou usos (*Manual de Oslo*, 1977). Observaram-se, *in hoc sensu*, as melhorias significativas em especificações técnicas, componentes e materiais, *softwares* incorporados, facilidade de uso ou características funcionais nos microempreendimentos.

De acordo com a Tabela 5, todas os itens da subcategoria *produto* revelaram médias de respostas superiores a “4”, demonstrando concordância de que seus produtos/serviços possuem características funcionais inovadoras, com o escopo de atender melhor as demandas dos consumidores e que são percebidas como valiosas, principalmente aqueles em situações de vulnerabilidade social.

O entrevistado B1 (2021), do ramo comercial de armação de óculos de grau, destaca a oferta de serviço de levar o cliente para fazer o exame de vista em clínicas conveniadas, facilitando a acessibilidade na consulta oftalmológica e agilidade na fabricação dos óculos. Já o B26 (2021), que opera com artesanato, utiliza, como matéria-prima, papelão, tecidos e plásticos de produtos que seriam descartados, e transforma-os em cachepôs, porta-chaves, arranjos de jardinagem e guirlandas, despertando a conscientização ambiental dos consumidores.

O entrevistado B27 (2021), do ramo de aluguel de brinquedos infláveis, reforça o papel da inovação na funcionalidade do *design* de seus produtos, integrando três características em único produto: gerando redução do peso, do barulho do motor e atualização do maquinário em virtude do investimento realizado.

Já B34 (2021), do segmento de confeitaria, evidencia que a criação de sabores é baseada na experiência e nos testes de degustação. Acrescenta que, com a ajuda de sua filha, por meio do conhecimento da *internet*, consegue aperfeiçoar sua técnica de decoração e, conseqüentemente, realiza os sonhos de seus clientes.

Observa-se que a interação com o cliente é uma estratégia comum para criação de um *design* de produto/serviço. Conforme relatado pela B15 (2021), do ramo de fabricação de móveis, “[...] o processo criativo de um novo produto é feito em conjunto com o cliente em atenção aos seus desejos atrelados a pesquisa do novo produto”. Tal fato é considerado como um diferencial na execução de um novo projeto.

Molnár (2017) relata que o acesso ao microcrédito permite satisfazer necessidades não satisfeitas por via do mercado, introduzindo novos produtos, aprimorando processos, implementando mudanças significativas no posicionamento do produto, caracterizando tipologias de inovações sociais para o alcance de suas metas sociais

Assim, identificada a necessidade dos consumidores, os microempreendedores ressaltam que as alterações pretendidas ou realizadas em seus produtos/serviços visam a melhor atender as demandas dos consumidores em que os valores percebidos por seus clientes geram afeto,

sentimento de confiança, gratidão, satisfação, sonhos, alegria e felicidade, ao reunir qualidade na prestação do serviço/produto (B1; B13; B14; B15; B27; B29; B34, 2021).

Tais relatos corroboram o estudo de Cervantes, Lemus e Montalvo (2017), pois evidenciam que as microfinanças impulsionam o desenvolvimento de estratégias mais populares, fomentando a inovação em produtos, principalmente na criação de valor nas alterações das características percebidas pelos seus beneficiários.

#### 3.4.1.2 Inovação social de marketing

A IS de *marketing* é analisada como a implementação de um novo método de *marketing* com mudanças significativas no *design* do produto ou em sua embalagem, no posicionamento do produto, na promoção ou na fixação de preços (*Manual de Oslo*, 1977).

Todos os itens da subcategoria de *marketing* exibiram médias de respostas superiores a “4”, entretanto a média geral entre os itens desta subcategoria foi menor em comparação aos dos itens da IS de produtos.

Com o advento da pandemia da covid-19, muitos microempreendedores necessitaram de adaptação na maneira de revender seus produtos/serviços. Destacam-se o uso e a interação por meio das mídias digitais e das ferramentas tecnológicas em seus negócios (B1, B8, B10, B19, B29, 2021).

Embora a crescente interação dos beneficiários com as mídias digitais tenha sido ocasionada com o advento da pandemia da covid-19, observa-se nos estudos correlatos o interesse da mobilidade global das políticas de microfinanças como uma nova abordagem de mercado (Cordeiro, 2020).

Assim, B29 (2021) destaca a criação do perfil da *pizzaria* no *instagram* e a parceria realizada com *digital influencer* do bairro como meio para divulgação de seus produtos e serviços. Quando da ausência de recursos ou conhecimento com mídias digitais, destaca-se o recurso aos *sites* comunitários do bairro como meio para divulgar os negócios da localidade, conforme relatado por B28 (2021).

Entrementes, B31 (2021), do ramo de cosméticos e perfumaria, além do uso das mídias digitais, relata que a venda de seus produtos por meio da criação de *kits* compactos ofertados como estratégia de promoção em datas comemorativas foi percebida como novo *design*, encaixando-se no perfil de seus consumidores, proporcionando aumento no seu consumo.

Em contrapartida, identifica-se certo receio/medo por parte de alguns microempreendedores com o emprego das mídias digitais, conforme relatos dos entrevistados

B12, B30, B35, B36 e B38 (2021). Tal fato procede do medo de captar clientes de má índole, procurando-se evitar futuros calotes.

Outra estratégia comum entre os beneficiários é a realização de bingos, bazares, brindes, sorteios de produtos com seus consumidores (B2, B3, B4, B11, B35, 2021). Ademais, alguns beneficiários relataram a dificuldade de redução de preço de revenda de seus produtos/serviços por já serem oferecidos com baixa margem de lucro (B11, B14, B28, B35, 2021), de modo a priorizar a fidelidade de seus clientes por meio do atendimento de qualidade, em vez do aumento do volume de vendas.

Portanto, ressalta-se que os estudos com ênfase nos atores de IS não se restringem a negociações provindas de agentes meramente econômicos, mas também são fundamentados no entendimento sobre articulação e cooperação (Batista & Correia, 2020).

#### *3.4.1.3 Inovação social organizacional*

Nesta subcategoria, a IS organizacional é caracterizada por meio da implementação de um novo método organizacional nas práticas de negócios da microempresa, na organização do local de trabalho ou nas relações externas (*Manual de Oslo*, 1977).

As médias de respostas dos itens desta subcategoria expressaram-se abaixo de “4”, demonstrando baixa capacidade organizacional por parte dos microempreendedores, principalmente em relação aos itens ITorg 2 e 3 para identificar se a organização procura adquirir novos conhecimentos e novos métodos de interação com objetivos sociais e/ou ambientais.

Tal fato é factível de ser justificado em relação ao perfil da amostra dos entrevistados, por serem sujeitos maduros com idade média acima de 40 anos (60,0%), contabilizando de dez anos (69,0%) de relação com o programa de microcrédito. Ajunta-se a falta de necessidade de novas capacitações ou novos métodos de interação, por já se enquadrarem como “satisfeitos” com os resultados de seus negócios ou por já terem clientela fidelizada (B2, B3, B9, B10, B11, B13, B16, B17, B20, B21, B23, B31, B32, B36, B37, B38, 2021).

Consoante Tardif e Harrisson (2005), os principais tipos de inovações sociais são: técnica (de produto ou tecnologia); sociotécnica (uma tecnologia no contexto organizacional); organizacional (uma tecnologia no âmbito organizacional que traga melhorias especificamente aos trabalhadores); institucional (soluções procedentes da atuação do Estado) e social (desenvolvidas por agentes da sociedade civil). Neste contexto, é válido assinalar que a inovação desenvolvida pelos microempreendedores beneficiários do microcrédito no Grande Bom

Jardim é do tipo técnica, pois conforma inovações que inserem melhorias nos produtos/serviços em termos de suas características ou usos, com o objetivo de ensejar melhorias direcionadas ao bem comum.

### 3.4.2 Dimensão “Profundidade” da inovação social

A dimensão “Profundidade” envolve análise das inovações que promovem mudanças, mas nem todos os formatos de mudança são qualificáveis como inovação, pois somente as de teor qualitativo que desconstruem práticas e conhecimentos comuns em uma área específica são denominadas de inovações (D’Amario & Comini, 2020).

Desse modo, as IS foram classificadas de acordo com a sua magnitude, categorizadas em três níveis, com base no foco de conhecimento passível de ter carácter incremental, disruptivo e institucional (D’Amario & Comini, 2020; Nicholls & Murdock, 2012). As médias de respostas por itens da escala, conforme as subcategorias de IS da dimensão ‘Profundidade’, são identificadas na Tabela 2.

**Tabela 2.** *Descritiva das variáveis da dimensão “Profundidade”*

Variável	Média	Mínimo	Máximo	Desvio Padrão
<b>Incremental</b>	4,632	2,000	6,000	1,321
<b>Disruptiva</b>	4,832	2,800	6,000	0,989
<b>Institucional</b>	4,750	2,250	6,000	1,069

Fonte: Dados da pesquisa.

Como se observa na Tabela 2, a média de maior valor nesta dimensão foi a da variável *disruptiva* (média = 4,832), seguida da *institucional* (média = 4,750) e, por fim, a variável *incremental* (média = 4,632) detalhadas a seguir.

#### 3.4.2.1 Inovação social incremental

As inovações incrementais são direcionadas para suprir uma falha de mercado, sendo caracterizadas como qualquer tipo de melhoria em produtos e/ou serviços que já tinham curso, mas que não afetam o seu uso (D’Amario, 2018). Considerada relevante sob o ponto de vista da produtividade, não introduzem mudanças estruturais na economia, entretanto, os seus produtos e/ou serviços visam a atender as necessidades de maneira mais eficiente e efetiva (Nicholls, Simon & Gabriel, 2015).

A concessão do microcrédito proporcionou aos beneficiários do programa o desenvolvimento do empreendimento, a saída da informalidade, a mudança de vida, a estruturação física do negócio e a redução de custos de aquisição das matérias-primas e/ou maquinários (B1, B8, B13, B14, B15, B17, B21, B26, B27, B29, 2021). Destaca-se como a

principal melhoria por meio da captação do microcrédito a redução do endividamento familiar, pois a maioria dos microempreendedores recorria à agiotas para abertura de seus negócios em virtude da falta de garantias reais para o mercado financeiro.

Tal fato corrobora investigações correlatas de que o microcrédito contribui com a geração de renda e emprego para o desenvolvimento das regiões vulneráveis, principalmente em razão da falta de acesso a recursos financeiros, constituindo-se como barreira para o empreendedorismo, manutenção e expansão das atividades comerciais (Salgado & Aires, 2018; Schönerwald & Vernengo, 2016).

Observa-se baixa redução do impacto ambiental e/ou conhecimento de estratégias que visem a tal inovação, consoante resultado do item IPcrem3, com média de resposta “3,87” da amostra analisada. Esse achado é justificável pela falta de conhecimento ou importância percebida por parte dos microempreendedores.

Foram identificadas, entretanto, ações que visam a melhorias no impacto ambiental e/ou conhecimento, como: uso de energia solar, reciclagem de matéria-prima, parcerias com empresas que adotam coleta seletiva de embalagens, bem como capacitação na comunidade para tratamento de resíduos (B8, B13, B15, B17, B21, B26, 2021).

Com procedência no reconhecimento do dano ambiental, no que se refere ao descarte de resíduos e gastos de energia, os microempreendedores planejam ações e respostas para o problema identificado. Efetivamente, se desencadeou uma dinâmica para a ação social, caracterizada por empatia, capacidade de mobilização de recursos, autonomia e relacionamentos interpessoais mediante consenso social (Tardif & Harrison, 2005).

#### 3.4.2.2 *Inovação social disruptiva*

As inovações sociais disruptivas são aquelas que alteram o sistema social, envolvendo empreendedores que identifiquem problemas sistêmicos e que propõem soluções transformacionais (D’Amario, 2018). Um *case* de sucesso de inovação disruptiva na área de microcrédito é a do banco *Grameen*, fundado por *Muhammad Yunus*, referência de inclusão financeira e social para beneficiários de comunidades vulneráveis (Cervantes, Lemus & Montalvo, 2017; Schönerwald & Vernengo, 2016).

A influência social proveniente do microcrédito é evidenciada em estudos correlatos, com ênfase nas melhorias proporcionadas no ambiente familiar e no desenvolvimento socioeconômico (Cervantes, Lemus & Montalvo, 2017; Schönerwald & Vernengo, 2016). Observam-se nos relatos deste estudo o retorno e a permanência das crianças na escola, o

estabelecimento de ambientes saudáveis nas comunidades locais, empoderamento, principalmente, em decorrência da participação das mulheres na força de trabalho (B1, B2, B3, B8, B11, B12, B13, B15, B17, B21, B29, B30, B34, B35, B36, 2021).

Salgado e Aires (2018) relatam que o empoderamento é destacado na lógica das provisões de microcrédito para as mulheres, pois reflete a capacidade de estas realizarem novas atividades econômicas. O desenvolvimento humano e social, os vínculos afetivos constituídos, empoderamento feminino, solidariedade, utilidade e oportunidade são algumas falas dos sujeitos entrevistados, relativamente à experiência no programa desenvolvidos (B1, B2, B3, B8, B11, B12, B13, B15, B17, B21, B29, B30, B34, B35, B36, 2021).

Tardif e Harrisson (2005) ratificam a finalidade das IS, configurada no bem comum em escala local e de interesse geral das pessoas envolvidas. De tal maneira, os agentes demandam interações por meio de cooperação, conciliando interesses individuais e coletivos.

No discurso da entrevistada B1(2021), ao realizar parceria com instituições organizacionais (escolas, projetos sociais e igrejas) com o propósito de oferta de tênis e óculos de valor acessível às crianças de baixa renda, percebeu-se que tal iniciativa proporcionou àquelas socialmente excluídas do ambiente escolar o retorno à sala de aula. Logo, o estímulo à volta ao ambiente escolar possibilitou melhora na condição do desenvolvimento social e ambiental de famílias em situações de vulnerabilidade.

B21 (2021), a seu turno, relata que empregar usuários de drogas, indivíduos que viviam no crime ou de situação de risco é uma iniciativa realizada com o intuito de dar uma oportunidade de mudança de vida. Acrescenta que, semanalmente, ocorre o momento de oração em parceria com o pastor da sua igreja, como estratégia de educação religiosa. Tais ações obtêm, reiteradamente, bons resultados na redução do índice de criminalidade de seu bairro, além do desenvolvimento econômico de seu negócio.

Assim, determinados agentes locais, ao identificarem um ambiente problemático, iniciam a mudança social, propiciando a reconstituição dos laços sociais por meio de inserção de outras práticas sociais (Tardif & Harrisson, 2005).

#### *3.4.2.3 Inovação social institucional*

As inovações institucionais são aquelas que reconfiguram as estruturas e padrões de mercado (D'Amario, 2018), geralmente pelo reposicionamento de novas tecnologias mais direcionadas ao social em vez do econômico (Nicholls & Murdock, 2012).

O desafio de programas de microfinanças era de proporcionar uma inclusão financeira para os mais pobres, desempenhando um papel fundamental no desenvolvimento econômico local e, sobretudo, de transformação social e política (Mahmuda, Baskarn & Pancholi, 2014). Sobre esta percepção, destacou a entrevistada B29 (2021) a mudança da realidade econômica quando da concessão do microcrédito: “[...] nós precisávamos de uma oportunidade, graças ao Crediamigo, hoje conseguimos, com muito esforço esse desenvolvimento”.

Observa-se nos relatos das entrevistadas B13 e B38 (2021) que a principal mudança proveniente da captação do microcrédito foi no ambiente familiar, pois possibilitou empoderamento feminino (filhas e/ou irmãs), criando oportunidade de emprego por meio do empreendedorismo. Acrescentam que são exemplos de inspiração/motivação para os moradores da comunidade, destacando que, no início do negócio, eram sacoleiras e, com o desenvolvimento, tornaram-se empreendedoras.

Portanto, o papel do microfinanciamento objetiva reduzir a pobreza, desenvolver o microempreendedor, que vai desde a concessão do microcrédito até a abertura do negócio e o suporte no desenvolvimento de novos negócios, propondo medidas políticas que melhorem o capital e a produtividade de seus beneficiários de maneira sustentável (Molnár, 2017; Mahmuda, Baskarn & Pancholi, 2014).

### ***3.4.3 Dimensão “Cobertura” da inovação social***

A dimensão “Cobertura”, conforme Comini (2016), é descrita em IS com atendimento local, regional, nacional ou global, verificando a abrangência predominante do atendimento para os tipos de organizações (associação, fundação, cooperativa, empresa).

O Grande Bom Jardim [GBJ] é um composto espacial, com dimensões regionais, formado por cinco bairros oficiais da cidade de Fortaleza: Granja Lisboa, Granja Portugal, Bom Jardim, Canindezinho e Siqueira. Abriga população de 211 mil habitantes (IBGE, 2010) e os mencionados bairros compõem o quadro dos dez mais pobres da cidade de Fortaleza.

Acrescenta-se que a discrepância de renda entre a população rica e a mais pobre da Região Metropolitana de Fortaleza [RMF] aumentou durante o período de isolamento social em decorrência da pandemia de covid-19. A RMF é a quinta Região Metropolitana do País com maior índice de desigualdade no segundo trimestre deste ano (Albuquerque & Ribeiro, 2020).

Assim, compreende-se que o fenômeno da inovação analisado na unidade GBJ é entendido como local e localizado, pois seus agentes compartilham de uma proximidade geográfica, relacional, organizacional e institucional.

Encerra-se, portanto, a seção 4 deste estudo, mediante a avaliação dos elementos das dimensões da IS, conforme proposto no modelo de D’Amario e Comini (2020), analisados no Programa Crediamigo/BNB, na unidade Grande Bom Jardim (CE).

#### 3.4.4 Análise de clusters das dimensões de inovação social

Este módulo destina-se à discussão dos resultados da pesquisa relativos à análise de *clusters* para o agrupamento das variáveis observadas referentes à escala de classificação das IS de D’Amario e Comini (2020), associando-se os *clusters* obtidos aos dados sociodemográficos das observações que compõem a amostra.

O objetivo da escolha da técnica de análise de agrupamentos foi identificar os grupos de beneficiários do programa de microcrédito mais propensos à orientação da IS, de modo a traçar um perfil desses agentes sociais em relação com cada dimensão taxionômica da IS. Para este estudo, decidiu-se por três *clusters*. Desse modo, verifica-se o comportamento das seis variáveis em cada um dos agrupamentos, conforme a Tabela 3.

**Tabela 3.** Análise de Clusters das variáveis de IS

Variável	Cluster 1	Cluster 2	Cluster 3	ANOVA	
				F	Valor-p
<b>Produto</b>	4,361	5,614	4,381	12,463	< 0,001
<b>Marketing</b>	3,563	5,684	2,500	40,089	< 0,001
<b>Organizacional</b>	2,583	4,842	3,893	13,132	< 0,001
<b>Incremental</b>	3,333	5,175	5,381	14,955	< 0,001
<b>Disruptiva</b>	3,983	5,379	4,800	11,471	< 0,001
<b>Institucional</b>	4,146	5,461	3,857	15,075	< 0,001
<b>Orientação à IS</b>	Conservadores	Inovadores	Visionários	<b>Total de Observações</b>	
<b>Número de Beneficiários</b>	12	19	7	38	

Nota. Fonte: Dados da pesquisa.

Os valores da Tabela 3 indicam a média de cada variável (construto) em cada um dos *clusters* finais, e possibilitam identificar e avaliar os agrupamentos obtidos (Fávero *et al.*, 2009). Nota-se que todos os construtos utilizados no estudo se mostraram estatisticamente significantes (Valor-p < 0,001) para a formação dos três agrupamentos. O *cluster 1* cobre 12 casos (31,58%); o *cluster 2* possui 19 casos (50,00%) e o *cluster 3* contém 7 casos (18,42%), evidenciando uma divisão não equilibrada das observações nos *clusters*.

No *cluster 1*, verifica-se que, de modo geral, as variáveis observadas da escala de classificação de IS exprimem valores inferiores à média entre os demais *clusters* agrupados. Ao se examinar, porém, as variáveis de IS de *marketing* e institucional, verificou-se que as médias do *cluster 1* foram superiores às do *cluster 3*. Desse modo, evidencia-se que os agentes desse

agrupamento se destacam quanto às iniciativas de IS voltadas para ações de *marketing* e de mudanças institucionais (*e.g.*, aumento do volume de vendas por meio de ações de promoção ou alterações no posicionamento de seus produtos/serviços), quando comparados com o *cluster* 3. Tal fato é positivo para o comportamento inovador, pois demonstra que tais participantes procedem de maneira engajada em relação à estrutura de mercado, e ainda mobilizam pessoas a agirem nessa vertente, falando sobre a importância da atualização do portfólio de produtos/serviços (Paiva *et al.*, 2019), em prol do consumo de pessoas em situação de vulnerabilidade social, a fim de torná-los mais acessíveis.

Nota-se que o índice mais elevado desse *cluster* se refere ao construto da IS Institucional, apontando para o fato de que as pessoas exprimem comportamento com foco na mudança nas relações sociais em virtude da oportunidade gerada com a captação do microcrédito, possibilitando inclusão em estruturas sociais e econômicas por meio de novas tecnologias direcionadas às minorias, ou seja, que precisam do estímulo da mudança frequente, mas que preferem trabalhar com um problema de cada vez. O menor índice, por outro lado, foi quanto à IS Organizacional, evidenciando-se um baixo comportamento no que se refere à capacidade de utilizar novos métodos de parcerias ou de compartilhamento de conhecimentos. De modo geral, este é o *cluster* que mostra o menor comportamento no que se refere à propensão de IS, se comparado aos outros dois agrupamentos. Com base nessas características comportamentais, o *cluster* 1 é denominado de “**Conservadores**”.

O *cluster* 2 se configura por um comportamento ligado à oportunidade de mudanças sociais relevantes em sua comunidade, com ações direcionadas à criatividade e a preocupação com o meio ambiente, caracterizado por aspectos como reciclagem de resíduos e uso de energia renovável, com o intento de reduzir seus custos operacionais. Esse grupo se caracteriza, também, por expressar alto índice quanto à variável de IS Disruptiva, o que perfaz um comportamento positivo no que tange à justiça social, pois evidencia ações de participação social e/ou política de pessoas em situação de vulnerabilidade social (Cervantes, Lemus & Montalvo, 2017; Schönerwald & Vernengo, 2016).

No que concerne à tipologia da IS desse *cluster*, verifica-se elevado índice nas três variáveis (isto é, produto, *marketing* e organizacional) indicando a preferência ao dinamismo e à criatividade, pois são pessoas que exprimem comportamentos inovadores por se caracterizarem como estimulantes, criativas e dinâmicas. Desse modo, preferem trabalhar com vários problemas ao mesmo tempo, do que com um de cada vez.

A maneira de integrar pessoas entre grupos heterogêneos foi analisada por Jang (2017), evidenciando que o avanço no conhecimento teórico da criatividade coletiva de equipes multiculturais, em que haja um membro multicultural, promove a integração entre as pessoas. Esse fato destaca o efeito da maior criatividade em equipes multiculturais, adicionando vantagem competitiva em pontos acerca da relevância da diversidade (Rock, Grant & Gray, 2016). Assim, com base nas características desse agrupamento, o *cluster 2* é denominado de “**Inovadores**”.

No *cluster 3*, evidenciam-se integrantes de comportamento variado em todos os construtos de IS, uma vez que são verificados índices baixos quanto à IS de *marketing* e institucional e índices altos quanto à IS de produto, organizacional, disruptiva e incremental, evidenciando neste aspecto que não se comportam de modo a se preocupar com estruturas de mercados (*verbi gratia*, ações focadas no posicionamento do preço de produtos e serviços), mas que demonstraram engajamento em reduzir o impacto ambiental e de aprimorar novos produtos/serviços.

Evidencia-se a ideia de que a solução para problemas ambientais não provém, impreterivelmente, da tecnologia, mas sim da alteração do comportamento, já que procedimentos inadequados ou mal adaptados favorecem a ocorrência das negativas ocorrências de ordem ambiental (Maloney & Ward, 1973). Ressalta-se que as ações de IS incremental desse *cluster* é o que exhibe melhor índice, comparado aos demais agrupamentos, de tal maneira que se caracteriza por ser composto de gente capaz de desenvolver e aprimorar produtos/serviços com o intuito de reduzir custos e impactos ambientais. Desse modo, esse *cluster* é denominado de “**Visionários**”.

A Tabela 4 mostra o cruzamento entre os três *clusters* e os dados sociodemográficos dos 38 pesquisados, sendo, então, verificáveis as características de cada grupo no que se refere a sexo, faixa etária, renda, tempo no programa, produto captado, ramo de atividade e escolaridade.

**Tabela 4.** Agrupamento das variáveis sociodemográficos, por *clusters*

Característica	Classificação	Cluster 1		Cluster 2		Cluster 3	
		N	%	N	%	N	%
Gênero	Masculino	3	25,00	13	68,42	1	14,29
	Feminino	9	75,00	6	31,58	6	85,71
Faixa Etária	Até 35 anos	3	25,00	7	36,84	1	14,29
	36 a 45 anos	3	25,00	4	21,05	2	28,57
	46 anos ou mais	6	50,00	8	42,11	4	57,14
Renda	Até 2 salários-mínimos	5	41,67	3	15,79	1	14,29
	De 2 a 5 salários-mínimos	5	41,67	7	36,84	2	28,57

	Acima de 5 salários-mínimos	2	16,67	9	47,37	4	57,14
Tempo no Programa	Até 5 anos	4	33,33	6	31,58	2	28,57
	De 6 a 10 anos	7	58,33	10	52,63	3	42,86
	Acima de 10 anos	1	8,33	3	15,79	2	28,57
Produto	Giro Individual	10	83,33	14	73,68	5	71,43
	Crediamigo Mais	0	0,00	4	21,05	1	14,29
	Investimento Fixo	2	16,67	1	5,26	1	14,29
Atividade	Comércio	11	91,67	11	57,89	5	71,43
	Serviço	1	8,33	5	26,32	2	28,57
	Indústria	0	0,00	3	15,79	0	0,00
Escolaridade	Até Ensino Fundamental	8	66,67	6	31,58	2	28,57
	Ensino Médio Completo	4	33,33	9	47,37	5	71,43
	Ensino Superior Completo	0	0,00	4	21,05	1	14,29

Nota. Fonte: Dados da pesquisa.

Verificando a frequência das variáveis sociodemográficas em cada um dos *clusters*, é notório o fato de que, no *cluster* 1, predomina o maior percentual de beneficiários do sexo feminino (75,0%), o qual contabiliza mais de 46 anos de idade (50,0%). Neste agrupamento, destaca-se o percentual de beneficiários com ensino fundamental completo (66,67%), que exibe a maior frequência daqueles com renda de dois a cinco salários-mínimos (41,67%), com tempo de programa de seis até dez anos (58,33%), exercendo atividade predominante de comércio (91,67%) e captando, preferencialmente, recursos para capital de giro (83,33%).

No *cluster* 2, está a maior incidência de beneficiários do sexo masculino (68,42%), com idade de até 45 anos (57,89%), denotando as maiores frequências de casos referentes a dois níveis de escolaridade: ensino médio completo (47,37%) e ensino superior completo (21,05%). Registram ganhos acima de cinco salários-mínimos (47,37%), com maior incidência de tempo no programa de seis até dez anos (52,63%). Este grupo é o que possui maior frequência para captação de produto do Crediamigo Mais (21,05%), denotando interesse na aquisição de conhecimentos e capacitações em seus negócios, em ultrapasse ao giro individual (73,68%). Verifica-se, em transposição aos citados fatos, a incidência de negócios do ramo da Indústria (15,79%), indo além dos ramos do Comércio (57,89%) e de Serviços (26,32%).

Em relação ao *cluster* 3, constata-se a segunda maior frequência do sexo feminino (85,71%), com destaque para pessoas com idade de 46 anos ou mais (57,14%), com ensino médio completo (71,43%), renda acima de cinco salários-mínimos (57,14%), contando de seis a dez anos no programa (42,86%), possuindo maior frequência de negócios dos segmentos do Comércio (71,43%) e do Serviço (28,57%).

Os resultados do cruzamento entre os três *clusters* e os dados sociodemográficos evidenciam a predominância do sexo feminino na captação do microcrédito, o que corrobora

experimentações anteriores, consoante as quais, no contexto brasileiro, a participação de mulheres em programas de microcrédito representa circunstância positiva (Silva, Fonseca & Santos, 2016; Salgado & Aires, 2018), especialmente, quando se considera que a falta de acesso ao financiamento impede tanto o empreendedorismo feminino quanto sua participação na moderna economia de mercado.

Nota-se, de outra vertente, que o sexo masculino evidencia melhor propensão à orientação da IS, em virtude de sua maior participação no *cluster* 2, caracterizado por um público mais jovem e que capta recursos para capacitações (Crediamigo Mais) se diferenciando do tradicional capital de giro (Giro individual). De efeito, acrescenta-se à discussão a atenção especial para o tipo de produto a ser captado pelos beneficiários do microcrédito quando se analisa seu comportamento inovador, sugerindo que maior orientação à IS é capaz de estar associada à diversificação do produto captado. Acresce referir, ainda, que em estudos anteriores o sexo feminino, no contexto do microcrédito, demonstra preferência na captação de recursos em grupos solidários e individuais para capital de giro, em virtude de trajetórias mais estáveis e conservadoras de seus negócios (Mendonça & Soares, 2016; Salgado & Aires, 2018), decerto, constituindo tais características fatores limitantes à orientação da IS.

Ademais, observa-se que renda, escolaridade e tempo no programa podem exercer influências positivas quanto à orientação da IS, fato identificado como uma das principais diferenças entre o *cluster* 1 (conservadores) para os *clusters* 2 e 3 (inovadores/visionários). Assim, a captação de microcrédito proporciona vantagens econômicas, políticas e sociais quando contribui para que os microempreendimentos se tornem mais dinâmicos e capazes de evoluir (Mendonça & Soares, 2016), sendo possível valer-se das oportunidades na economia, proporcionando, ainda, melhor inserção social em várias dimensões.

### **3.5 Conclusão**

Os resultados da pesquisa evidenciam que as ações de IS promovidas pelos beneficiários do Programa Crediamigo da unidade Grande Bom Jardim (CE) promovem inclusão social e econômica, permitindo a geração de empregos adicionais, empoderamento e melhora na qualidade de vida, caracterizando inovações incrementais, disruptivas e institucionais em termos de profundidade, do tipo de inovações de produto e/ou serviço, por meio de implementação de novos métodos de *marketing*, propiciando o consumo de pessoas em situação de vulnerabilidade social com cobertura local.

Para chegar a essas conclusões, identificou-se o fato de que, na dimensão “Tipo”, foram desencadeadas na estrutura social e econômica local ações comunitárias de transformações mercadológicas, técnicas e organizacionais. Em relação à dimensão “Profundidade”, observou-se que os arranjos institucionais se caracterizam, principalmente, em IS institucionais e disruptivas em função do aprimoramento e mudanças nas relações sociais, aumentando o nível de participação de grupos socialmente excluídos, bem como pelas transformações das vidas de pessoas em situação de vulnerabilidade, ao enfrentarem desafios sociais, criando justiça social e empoderamento em parcela da população considerada historicamente excluída.

No que é atinente à dimensão “Cobertura”, tem-se que as ações dos beneficiários possuem influxo dentro de uma escala local, notadamente, no Bairro Grande Bom Jardim (CE), e que suas ações apontam para fins essencialmente econômicos e sociais, de interesse familiar (*e.g.*, empoderamento feminino, melhorias na condição de vida e desenvolvimento humano) com vistas a soluções locais mais adequadas ao seu contexto. Ademais, dirigiu-se uma visão diferenciada aos atores sociais (beneficiários do programa) quanto ao seu papel social desempenhado em iniciativas de inovações sociais em circunstâncias de vulnerabilidade. Para as mulheres, em particular, a possibilidade de crédito não apenas aumenta as suas possibilidades empreendedoras, como também promovem um comportamento social ativo via atitudes solidárias ou comunitárias.

Assim, na perspectiva do modelo desenvolvido por D’Amario e Comini (2020), a concessão do microcrédito conforma um instrumento de IS que transcende a inclusão financeira de pessoas socialmente vulneráveis. Proporciona desenvolvimento da capacidade empreendedora e o espírito solidário no plano local. Divisa-se, entretanto, a ideiação de que muitas das iniciativas de IS encontram-se em estágio inicial de organização na unidade Grande Bom Jardim (CE), visto que, atualmente, suas ações denotam menor grau de formalização e profissionalização, passível de reduzir o seu impacto social.

Identificam-se como restrição a falta de capacitação da gestão financeira e ambiental por parte dos beneficiários para implementação de suas atividades. Dessa forma, embora as mudanças sociais e as inovações sociais realizadas aconteçam espontaneamente na unidade Grande Bom Jardim (CE), o programa de microcrédito Crediamigo/BNB requer maior acompanhamento dos resultados das ações já implementadas, como também das novas iniciativas quanto à mensuração e à capacitação de seus beneficiários.

O estudo contribui na discussão sobre políticas públicas de desenvolvimento social, ao evidenciar o papel das microfinanças no fomento de inovações sociais por meio da avaliação

do impacto social de seus programas (Molnár, 2017). Além disso, foram estudados as dimensões de inovações sociais e os papéis dos seus atores, propiciando evidências empíricas a empreendedores sociais ou novos microempreendedores quanto aos tipos/alcance de resultados sociais e econômicos no que se refere à melhor alocação de seus recursos organizacionais. Numa perspectiva gerencial, a classificação dos perfis de beneficiários com orientação à IS (*i.e.*, inovadores, visionários e conservadores) permite que os desenvolvedores definam estratégias de concessão de crédito e acompanhamento, a fim de que o microcrédito cumpra sua função social, contribuindo para o desenvolvimento sustentável em sua área de atuação e reduzindo as desigualdades sociais.

Como limitação, cita-se o acesso aos microempreendimentos do bairro Grande Bom Jardim (CE), pois situa-se em uma região de acesso restrito do Município de Fortaleza (CE). Ressalta-se, também, que esta demanda cumpriu seus propósitos, obtendo resultados relevantes utilizáveis para subsidiar pesquisas futuras, auxiliando-as metodologicamente na construção de modelos de IS abrangente.

#### 4 ARTIGO 3 – DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO E MICROCRÉDITO: PROPOSIÇÃO DE UM *FRAMEWORK* ANALÍTICO DE ECOSISTEMAS DE INOVAÇÃO SOCIAL<sup>3</sup>

##### RESUMO EXPANDIDO

**Propósito:** O presente estudo tem como objetivo propor um *framework* analítico para ecossistemas de inovação social comunitários a partir da experiência empírica entre projetos de desenvolvimento comunitário e de microcrédito. O pressuposto que norteia esta pesquisa é que o processo de desenvolvimento da inovação social no ambiente de microfinanças em uma região urbana de baixo IDH ocorre a partir da articulação entre seus beneficiários e diversos atores sociais por meio de colaborações intersetoriais (público, privado e o terceiro setor), resultando em um Ecossistema de Inovação Social Comunitário [EISC].

**Revisão de Literatura:** O debate teórico sobre Ecossistemas de Inovação Social [EIS] é emergente (Andion *et al.*, 2022). Atualmente, a compreensão de EIS transcendem questões econômicas/financeiras e técnicas, abordando as dinâmicas da inovação social [IS] com objetivo de proporcionar novos estilos de desenvolvimento das cidades (North & Longhurst, 2013; Calzada *et al.*, 2013; Wolfram & Frantzeskaki, 2016, Andion, *et al.*, 2020). A pesquisa parte da conceituação emergente de que a IS pode ser compreendida como adoção de práticas e/ou inovações que atendem às necessidades sociais, modificam uma relação social (Agostini *et al.*, 2020) e criam novas relações ou colaborações sociais, aumentando a capacidade de agir em sociedade (Carayannis *et al.*, 2021). Logo, compreende-se que a IS pode ser considerada tanto como um processo, como um resultado (Murray *et al.*, 2010; Caulier-Grice *et al.*, 2012; Monteiro, 2019) da atividade inovativa. Outra literatura emergente na área de inovação é a discussão da especificação do conceito de ecossistemas de inovação, como uma releitura do conceito de Sistemas (nacionais) de Inovação. Evidencia-se este debate nos estudos de Fialho *et al.*(2021), bem como em estudos anteriores (Mercan & Gökteş, 2011; Tsujimoto *et al.*, 2018) o uso de termos como Ecossistema Industrial, Ecossistemas de Negócios, Ecossistema Empreendedor, Ecossistema de Inovação, e recentemente, Ecossistema de Inovação Social. Tsujimoto *et al.* (2018) destacam que por trás dessas definições há diferentes perspectivas, desde uma visão mais restrita ligada a relações físicas (de troca de recursos entre empresas industriais), até uma perspectiva ampla (de uma “rede de multi-atores”, onde fica claro a

---

<sup>3</sup> Resumo expandido aprovado no *32nd IAMOT Conference 2023*. Novembro/2022, conforme regras do evento. Comprovante em anexo.

posição de organizações do Estado e da sociedade civil). Nota-se que esta abordagem de “rede de multi-atores” converge para as proposições da definição “mais clássica” de “Ecossistema de Inovação” proposto por Adner (2006; 2017). Esta definição de ecossistema suporta a conceptualização de Ecossistemas da Inovação Social [EIS] e, argumenta-se que o sucesso dos EIS está na interação entre os atores e os recursos relacionais gerados que possibilitem a coordenação do processo e do resultado da IS por meio de uma abordagem integrativa. Em decorrência da complexidade dessas relações e desses recursos, torna-se necessário compreender o modelo de gestão (Majchrzak *et al.*, 2015) e a coordenação de rede (Fernandes *et al.*, 2017) em ambientes inovativos sociais por meio das relações colaborativas envolvidas nas parcerias intersetoriais (Andion *et al.*, 2022). Neste contexto, identifica-se como exemplo de integração desses três setores o Programa de Microcrédito do Banco do Nordeste do Brasil S.A – o Crediamigo, que promove a formação de EIS por meio de iniciativas sociais comunitárias realizadas por seus beneficiários, sendo o programa operacionalizado por uma organização do terceiro setor, o Instituto Nordeste Cidadania [INEC]. Assim, faz-se necessário compreender como o processo de desenvolvimento da IS ocorre e em que medida essas iniciativas geram resultados diante das problemáticas vividas nas arenas públicas da cidade (Andion *et al.*, 2022). Para tanto, este artigo visa construir um *framework* analítico que sistematize o processo e o resultado do desenvolvimento de Ecossistemas de Inovação Social Comunitário [EISC].

**Procedimentos Metodológicos:** Esta investigação possui natureza qualitativa, com fins exploratório-descritivos. Trata-se de um estudo de caso, por meio de pesquisa de campo e avaliação qualitativa com 38 beneficiários do Programa de Microcrédito do Banco do Nordeste do Brasil S.A – o Crediamigo, da unidade Bom Jardim (Fortaleza, Ceará), uma das região de menor IDH do Estado do Ceará (IDH: 0,19) (IBGE, 2022).

**Descobertas:** O estudo permitiu identificar os elementos-chave da IS para o desenvolvimento comunitário, subdivididos em três dimensões (motivações, processo e ação social), possibilitando a associação aos estágios de IS na perspectiva de processo constituindo o alicerce para o desenvolvimento de Ecossistemas de Inovação Social Comunitário [EISC]. A partir da parceria intersetorial entre o INEC e o BNB, os projetos de IS institucionalizados promovem uma rede de microempreendedores necessitando de recursos para a difusão de suas iniciativas sociais e econômicas. Para tanto, o microcrédito orientado concedido passa a ser uma oportunidade não apenas de inclusão financeira para seus beneficiários, mas também de

promoção de iniciativas de IS, constituindo na perspectiva de resultado, um mecanismo de fomento para projetos de IS.

**Implicações:** Como contribuições empíricas-teóricas, o estudo avança na compreensão das dinâmicas de IS em comunidades locais e organizações sociais, destacando o papel de parcerias intersetoriais (público, privado e terceiro setor) no combate às vulnerabilidades e às desigualdades sociais. Do mesmo modo, o estudo permitiu sistematizar um *framework* integrando o processo e o resultado de iniciativas de IS aplicados no contexto investigado servindo de mecanismo para o fomento de EIS, bem como instrumento para futuras políticas públicas econômicas e sociais regionais.

**Palavras-chave:** Ecossistema de Inovação Social. Desenvolvimento Comunitário. Microcrédito.

#### **EXTENDED ABSTRACT**

**Purpose:** This study proposes an analytical framework for community social innovation ecosystems based on empirical experience with community development and microcredit. The assumption that guides this work is that the development of social innovation in a microfinance environment in urban regions with low Human Development Index [HDI] is based on the articulation between its beneficiaries and various social actors through intersectoral collaborations (public, private and third sector), resulting in a Community Social Innovation Ecosystem [CSIE].

**Literature Review:** The theoretical debate about Social Innovation Ecosystems [SIEs] is emergent (Andion *et al.*, 2022). Currently, the understanding of SIEs transcends economic/financial issues and techniques, and addresses social innovation [SI] dynamics with the objective being to provide new styles of city development (North & Longhurst, 2013; Calzada *et al.*, 2013; Wolfram & Frantzeskaki, 2016, Andion, *et al.*, 2020). This study is based on the emergent conception that SI can be understood as the practices and/or innovations which meet society's needs, modify social relationships (Agostini *et al.*, 2020), and create new social relationships or collaborations, increasing society's capacity to act (Carayannis *et al.*, 2021). It is understood that SI can be considered a process or a result (Murray *et al.*, 2010; Caulier-Grice *et al.*, 2012; Monteiro, 2019) of innovative activity. Another emerging literature in the area of innovation is the discussion of the specification of the concept of innovation ecosystems as a rereading of the concept of (national) innovation systems. Studies such as Fialho *et al.* (2021) as well as previous studies (Mercan & Gökteş, 2011; Tsujimoto *et al.*, 2018) use terms like

Industrial Ecosystem, Business Ecosystem, Entrepreneurial Ecosystem, Innovation Ecosystem, and recently Social Innovation Ecosystem. Tsujimoto *et al.* (2018) point out that behind these definitions there are various perspectives, ranging from a more restricted vision related to physical relationships (the exchange of resources between industrial firms), to a broader perspective (“a multi-actor network”, where the positions of state organizations and civil society are clear). It should be noted that this “multi-actor network” approach converges with Adner’s (2006; 2017) more classical proposal for an Innovation Ecosystem. This ecosystem definition supports the conceptualization of Social Innovation Ecosystems [SIEs] and argues that the success of SIEs depends on the interactions between the actors and the related generated resources which make it possible to coordinate the process and results of SI through an integrated approach. Due to the complexity of these relationships and resources, it becomes necessary to understand the management model (Majchrzak *et al.*, 2015) and the coordination of the network (Fernandes *et al.*, 2017) in social innovation environments through the collaborative relationships involved in intersectoral partnerships (Andion *et al.*, 2022). Within this context, an example of the integration of these three sectors is the *Crediamigo* Microcredit Program promoted by the Northeastern Bank of Brazil [*Banco do Nordeste do Brasil S.A. – BNB*], which promotes the formation of SIEs through community social initiatives realized for their beneficiaries, with the program operationalized by a third sector organization, the Northeastern Citizenship Institute [*Instituto Nordeste Cidadania - INEC*]. Thus, it is necessary to understand how SI development occurs and to what extent these initiatives generate results in dealing with the problems faced by urban public arenas (Andion *et al.*, 2022). To accomplish this, this article seeks to construct an analytical framework to systematize the process and results of Community Social Innovation Ecosystems [CSIEs].

**Methodological Procedures:** This investigation is qualitative in nature conducted for exploratory-descriptive purposes. It is a case study that uses field research and qualitative evaluations from 38 beneficiaries of the Northeastern Bank of Brazil’s Microcredit Program (*Crediamigo*) in Bom Jardim within the city of Fortaleza, Ceará, one of the regions with the lowest HDIs in the state of Ceará (HDI: 0,19) (Prefeitura de Fortaleza, 2022).

**Findings:** This study has made it possible to identify the key elements of SI for community development, subdivided into three dimensions (motivations, process, and social action), and associate the SI stages using the process perspective, laying the foundation for the development of a Community Social Innovation Ecosystem [CSIE]. Based on an intersectoral partnership between the INEC and BNB, the institutionalized SI projects are promoting a

microentrepreneur network which requires resources to diffuse its social and economic initiatives. To accomplish this, guided microcredit provides an opportunity not only for the financial inclusion of its beneficiaries, but also for the promotion of SI initiatives, constituting a seed mechanism from the results perspective.

**Implications:** As an empirical-theoretical contribution, this study advances the understanding of SI dynamics in local communities and social organizations, highlighting the role of intersectoral partnerships (public, private and third sector) in the fight against vulnerability and social inequality. In the same manner, this study makes it possible to systematize a framework that integrates the process and the results of SI initiatives applied in the investigated context, serving as a seed mechanism for SIEs, as well as an instrument for future public economic policies and regional social policies.

**Keywords:** Social Innovation Ecosystems. Community Development. Microcredit

#### 4.1 Introdução

As cidades são construídas de modo a serem espaços que promovam mudanças em seu desenvolvimento (Andion *et al.*, 2022), na elaboração de soluções dos entraves públicos contemporâneos (e.g., desemprego, desigualdade social, poluição, doenças e violência) (Camboim *et al.*, 2019). Para tanto, estudos sobre empreendedorismo e inovação ganham interesse acadêmico, governamental e social na compreensão de como superar e ajudar os desafios sociais atuais por meio da compreensão da formação de Ecossistemas de Inovação [EI] (Horne *et al.*, 2020; Johnson & Schaltegger, 2020; Kraemer-Eis *et al.*, 2021).

Neste contexto, analisam-se iniciativas desenvolvidas em comunidades de ambientes vulneráveis (Talmage, 2021), que criam suas próprias alternativas para atender suas necessidades sociais minimizando, assim, os impactos negativos de problemas socioeconômicos e ambientais a partir da sua inserção no mundo dos negócios (Altinay *et al.*, 2016). Tal fato reflete a expansão de investimentos e de iniciativas de empreendedorismo social (Kraemer-Eis *et al.*, 2021), que visam promover uma sociedade sustentável, estimular novos modelos de negócios, criando sinergias e impulsionando inovações sociais como alternativas viáveis para soluções dos problemas socioambientais (Ibáñez *et al.*, 2022).

O laço-forte entre o Empreendedorismo e a Inovação Social [IS] têm seus efeitos em termos econômicos (Kraemer-Eis *et al.*, 2021) e sociais (Horne *et al.*, 2020), mas ainda carecem de estruturação teórica devido a busca por quebra de paradigmas (Murray *et al.*, 2010).

Observa-se como uma das barreiras em seu desenvolvimento teórico, a deficiência de habilidades gerenciais úteis para o seu fomento. Isso porque muitas das iniciativas sociais se desenvolvem a partir de grupos comunitários em ambientes vulneráveis, com trabalho voluntário, sem planejamento sustentável e com restrição financeira, constituindo-se uma lacuna operacional (Phillips & Johnson, 2021; Talmage, 2021).

Manifestadas por ações coletivas que visam atender às necessidades sociais (Torres & Correia, 2022), a IS pode ser compreendida como adoção de práticas e/ou inovações que modificam uma relação social (Agostini *et al.*, 2020) e criam novas relações ou colaborações sociais (Murray *et al.*, 2010), aumentando a capacidade de agir em sociedade (Carayannis *et al.*, 2021) e podendo ser considerada tanto como um processo, como um resultado da atividade inovativa (Caulier-Grice *et al.*, 2012; Monteiro, 2019).

Com isso, o debate teórico sobre empreendedorismo (Johnson & Schaltegger, 2020) e IS (Rey-García, Calvo & Mato-Santiso, 2019) busca discutir as experiências de enfrentamento no campo da administração pública, especificamente com estudos sobre políticas públicas, que levam ao entendimento que a ação pública ultrapassa o governo, necessitando promover uma discussão sobre novos modelos de governança pública, emergindo o interesse no estudo de Ecossistemas de Inovação Social [EIS] (Andion *et al.*, 2022; Erpf & Tekula, 2019).

Atualmente, a compreensão de EIS transcende questões econômicas, financeiras e técnicas, abordando as dinâmicas da IS com objetivo de proporcionar novos estilos de desenvolvimento das cidades (North & Longhurst, 2013; Calzada *et al.*, 2013; Wolfram & Frantzeskaki, 2016, Andion, *et al.*, 2020). Desse modo, o estudo sobre EIS em nível de cidade visa fomentar conexões e parcerias entre os atores, do que alguns autores compreendem de quádrupla hélice – academia, governo, empresas e sociedade (Bellandi *et al.*, 2021; Carayannis *et al.*, 2021) – com o propósito de compreender os processos coletivos e parcerias que produzam impactos sustentáveis (Domanski *et al.*, 2020). Embora esses atores possam ter interesses conflitantes, o comportamento e o interesse comuns podem favorecer ou inibir EIS, evidenciando, assim, a necessidade de ampliar a compreensão sobre as formas de difusão da IS para além das experimentações locais (Andion *et al.*, 2022).

Para tanto, argumenta-se que o sucesso dos EIS está na interação entre os atores e os recursos relacionais gerados que possibilitem a coordenação do processo e do resultado da IS por meio de uma abordagem integrativa (Domanski *et al.*, 2020; Torlig *et al.*, 2020). Logo, torna-se necessário compreender o modelo de gestão (Majchrzak *et al.*, 2015) e a coordenação de rede (Fernandes *et al.*, 2017) em ambientes inovativos sociais por meio das relações

colaborativas envolvidas nas parcerias intersetoriais (Andion *et al.*, 2022; Torres & Correira, 2022).

Neste contexto, identifica-se como exemplo de integração intersetorial o Programa de Microcrédito do Banco do Nordeste do Brasil S.A [BNB] – o Crediamigo que promove a formação de EIS por meio de iniciativas sociais comunitárias realizadas por seus beneficiários, sendo o programa operacionalizado por uma organização do terceiro setor, o Instituto Nordeste Cidadania [INEC]. Assim, com o propósito de compreender esta dinâmica, faz-se necessário analisar como o processo de integração de programas sociais de desenvolvimento comunitário e de microcrédito promovem ações de IS e em que medida essas iniciativas geram resultados diante das problemáticas vividas nas arenas públicas da cidade.

Este artigo tem como objetivo propor um *framework* analítico para ecossistemas de inovação social comunitários a partir da experiência empírica entre programas de desenvolvimento comunitário e de microcrédito. O pressuposto que norteia esta pesquisa é que o processo de desenvolvimento da IS no ambiente de microfinanças em uma região urbana de baixo desenvolvimento ocorre a partir da articulação entre seus beneficiários e diversos atores sociais por meio de colaborações intersetoriais (i.e., público, privado e o terceiro setor), resultando em um Ecossistema de Inovação Social Comunitário [EISC].

Esta investigação possui natureza qualitativa, com fins exploratório-descritivos. Trata-se de um estudo de caso, por meio de pesquisa de campo e avaliação qualitativa com 38 beneficiários do Programa de Microcrédito do Banco do Nordeste do Brasil S.A – o Crediamigo, da unidade Bom Jardim (Fortaleza, Ceará), uma das regiões de menor Índice de Desenvolvimento Humano [IDH] do Estado do Ceará (IDH- Bairro (2010): 0,19) (Prefeitura Municipal de Fortaleza, 2022).

Justifica-se a escolha do estudo de caso do Programa Crediamigo, pelo o fato de que o público-alvo primário de beneficiários do Programa compõe uma realidade de exclusão e vulnerabilidade. Ademais, dentre as instituições comprometidas com a causa do desenvolvimento regional, sobressai-se o BNB como o agente operador do maior programa de microcrédito produtivo e orientado urbano do Brasil - o Crediamigo, (BNB, 2022). Com isso, compreender como as práticas de atores e suas conexões se comportam ao longo do tempo em diferentes arenas pública ou campos de causa da cidade constitui-se uma das contribuições deste estudo.

A relevância do estudo permitirá abordar a sistematização da identificação dos elementos-chaves do processo de desenvolvimento comunitário na promoção de iniciativas de IS (aspecto

empírico), bem como na compreensão da articulação entre os beneficiários dos programas de microcrédito e as parcerias intersetoriais constituídas que resultam em soluções e inovações sociais diante de ambientes vulneráveis da cidade, ampliando a reflexão sobre as barreiras e as potencialidades dos EIS em ambientes comunitários de vulnerabilidade social (aspecto teórico).

A seguir, apresenta-se o desenho desse enfoque teórico-metodológico em quatro seções. Além desta introdução, na seção dois discute-se as perspectivas teóricas sobre o processo de criação da IS no desenvolvimento comunitário, seguida dos resultados da IS no ambiente de microfinanças e da interconexão dos atores e recursos na abordagem ecossistêmica da IS. Na terceira seção, apresenta-se os aspectos metodológicos adotados nesta pesquisa. Na quarta seção, expõe-se os resultados que serviram de base na construção do *framework* proposto. Por fim, discute-se as considerações finais.

## 4.2 Referencial Teórico

### 4.2.1 O processo de criação da inovação social no desenvolvimento comunitário

O desenvolvimento comunitário como um campo de estudo tem se concentrado em abordagens baseadas em ativos que analisam a participação pública inclusiva dos membros da comunidade, identificando seus processos participativos com vistas ao bem-estar social (Talmage & Knopf, 2017; Talmage, 2021). Tal abordagem subdivide várias categorias de ativos entrelaçados denominados de “capitais”, como: o capital humano (que incluem formas sociais, políticas, humanas e culturais) e o capital material (que englobam formas naturais, construídas e financeiras), em que os membros da comunidade são vistos como especialistas e agentes de mudança na busca de justiça e equilíbrio social (Talmage, 2021).

Nesta seara, inicialmente, questiona-se: como identificar e criar oportunidades que possibilitem desenvolver produtos ou serviços inovadores, em ambientes restritos de capital humano e de capital material? Como resposta, o debate teórico faz referência ao papel de empreendedores sociais como agentes de mudanças transformacionais (Talmage, 2021; Andion *et al.*, 2022), além de organizações que possibilitem a criação de valor social e impulsionem ideias inovadoras, gerando ambientes de bem-estar para comunidades (Sandeep & Ravishankar, 2015; Martin & Osberg, 2015). Entretanto, qual o entendimento sobre a criação de valor em ambientes vulneráveis?

D’Amario (2018) faz a reflexão de que a criação de valor de uma atividade ocorre quando a utilidade para membros da sociedade aumenta após a mensuração de seus recursos naquela

atividade. Logo, a criação de valor é uma condição necessária à apropriação de valor sustentável. A estratégia de fomento de projetos sociais por meio do empreendedorismo social pode ser realizada com parcerias intersetoriais de organizações sem fins lucrativos, com fins lucrativos, públicas e outros setores empresariais (Balfour & Alter, 2016; Talmage, 2021). Entretanto, observa-se que embora essas parcerias tenham o compromisso em servir a sociedade de contextos fragmentados por problemas socioeconômicos e ambientais (Haugh *et al.*, 2021), pouco tem sido explorado acerca de seu processo e de seu resultado voltados para o desenvolvimento comunitário em economias emergentes (Balfour & Alter, 2016; Rosca *et al.*, 2020; Phillips & Johnson, 2021; Talmage, 2021).

A dificuldade de acesso a financiamentos para entidades que promovam impactos sociais, principalmente em virtude de como demonstrar seus resultados a partir de métricas, além de exigências regulatórias e de conflitos de interesse político do ecossistema (Maher & Hazenberg, 2021), constituem-se fatores limitantes para o seu desenvolvimento (Phillips & Johnson, 2021). Nota-se como um mecanismo de avaliação e análise do processo de criação de valor social, o estudo da IS como alternativa ao paradigma econômico e da inovação, integrando as dimensões sociais (Carl, 2020; Correia *et al.*, 2016) que sejam capazes de identificar novas combinações ou configurações de práticas sociais (Howaldt *et al.*, 2016).

Nessa perspectiva, os estudos sobre o **processo** da IS evoluem sob diferentes abordagens, fases, estágios e dimensões na literatura que visem satisfazer uma necessidade ou problema social de forma colaborativa no processo inovativo (Cloutier, 2003; Tardif & Harrisson, 2005; Mulgan, 2006; André & Abreu, 2006; Murray *et al.*, 2010; Dawson & Daniel, 2010; Harrisson *et al.*, 2010; Cajaiba-Santana, 2014; Choi & Majumdar, 2014; Howaldt *et al.*, 2014; Silva & Bittencourt, 2019). Em comum, verificaram-se alguns construtos de características, como: análise processual (i.e., práticas, processos e serviços); organizacional (i.e., reorganização do trabalho, novos papéis, mudanças de papéis); institucional (i.e., leis, políticas, normas e regras); e material (i.e., tecnologia e produto). Contudo, quando analisadas em conjunto emerge a dificuldade de uma abordagem integrada da IS, a qual possa considerá-la tanto quanto um processo como um resultado, ou seja, como os atores compreendem a maneira de criar valor (e.g., novos conhecimentos e experiências) e como isso afeta as práticas sociais em seu contexto?

Neste debate, Andrew e Klein (2010) identificaram a associação de iniciativas de IS em ações de colaboração e interação entre as organizações e os atores envolvidos, que viabilizam trocas de conhecimentos e aprendizagem (e.g., ações que promovem o desenvolvimento

comunitário em iniciativas socioeducativas, empoderamento do cidadão com estratégias de eventos e cursos regionais), contribuindo, assim, com a inclusão social e o desenvolvimento local (Caulier-Grice *et al.*, 2012; Ziegler *et al.*, 2017; Souza *et al.*, 2019). Já no estudo de Caulier-Grice *et al.*, (2012), o modelo proposto sob a perspectiva integrada do **processo** da IS, contempla seis estágios: (i) solicitação (diagnóstico), (ii) proposta (desenvolvimento), (iii) prototipagem (testes), (iv) sustentabilidade (prática cotidiana), (v) escala e difusão (expansão) e (vi) mudança sistêmica (*re-design* e novos paradigmas) que possibilita a compreensão dos elementos-chave da IS (i.e., **motivações, processo e ação social**) no decurso do tempo.

Compreende-se que as “motivações” representam o diagnóstico da demanda da comunidade, já o “processo” contempla o planejamento e o desenvolvimento da ação comunitária e, por fim “ação social” caracteriza-se na execução da iniciativa de IS no contexto analisado (Caulier-Grice *et al.*, 2012).

Desse modo, a IS pode ser considerada como novas ideias, produtos, serviços e modelos que visem atender as necessidades sociais, podendo criar novas relações, práticas ou colaborações sociais (Murray *et al.*, 2010) capazes de gerar valor social (Comini, 2016). Acrescenta-se que o valor social denota a promoção do bem-estar social por meio da produção inovadora de bens públicos (Andrikopoulos & Triantafillou, 2021). Estes, por sua vez, em economia, são todos aqueles bens que são determinados pela não rivalidade e pela não exclusão. A primeira característica diz respeito aos bens em que seu consumo não afeta disponibilidade de oferta, já a segunda aos que são disponíveis para todos, ou seja, implicando que ninguém pode ser excluído do seu consumo (Andrikopoulos & Triantafillou, 2021).

Portanto, seja em nível individual, organizacional ou comunitário, a IS abrange processos colaborativos, demanda a formação de parcerias entre indivíduos, setores e organizações, tornando-se necessário fomentar Ecossistema de Inovação Social Comunitário [EISC], enquanto redes de suporte para geração de valor social.

#### ***4.2.2 Os resultados de inovações sociais no ambiente de microfinanças***

O microcrédito emergiu como uma ferramenta inovadora de combate à pobreza em países subdesenvolvidos (Mustafa *et al.*, 2018), constituindo-se um instrumento de baixo custo para microempreendedores, em virtude da dificuldade de acesso aos recursos no sistema bancário tradicional (Ribeiro *et al.*, 2022). Neste contexto, o microcrédito passa a ser considerado um mecanismo de grande impacto no combate à pobreza e a desigualdade social, entretanto, questiona-se os **resultados** dessa ferramenta em seus beneficiários (Ribeiro *et al.*, 2022).

Neste debate, os resultados do microcrédito não se restringem apenas aos seus efeitos financeiros (e.g., emprego e renda), mas também, sobre os impactos sociais na educação, saúde e nutrição, pois analisa-se seu impacto de forma multidimensional inclusiva (Khavul *et al.*, 2013; Miller *et al.* 2012). Estudos anteriores relacionam as microfinanças com diversas temáticas, como: práticas de gestão; direcionamento de clientes; regulamentos; políticas públicas; inovações sociais; e avaliação de impactos sociais e econômicos. Atualmente, observa-se um novo olhar sobre o desempenho das microfinanças, em especial, sobre seus beneficiários (Akhter *et al.*, 2020; Ribeiro *et al.*, 2022).

Yunus (2003) destaca que indivíduos pobres possuem habilidades inatas para gerir negócios, onde sua própria subsistência reflete as capacidades das suas habilidades de sobrevivência. Para tanto, faz-se necessário buscar recurso alternativo, o qual não está disponível para essas pessoas na rede tradicional de crédito, pois tais indivíduos não possuem garantias para fornecer (Stiglitz, 1990). Logo, a oferta de crédito constitui-se elemento-chave para a superação das desigualdades sociais por meio de atitudes inovadoras (Yunus, 2003; Ribeiro *et al.*, 2022).

Neste contexto, considera-se o microcrédito como um exemplo de IS em virtude do preenchimento de três requisitos: i) **inclusão financeira** (atende a satisfação de necessidades humanas não satisfeitas por via do mercado), ii) **inclusão social** (geração de renda e empregos adicionais), e iii) **desenvolvimento de capacidades** (aquisição de competências, conhecimento, empoderamento e melhoria de qualidade de vida de seus beneficiários), propiciando, assim, mudança social em seu espaço-rede (André & Abreu, 2006). Entretanto, como identificar IS por meio do microcrédito?

Em resposta, Baringa (2017) argumenta a necessidade de proporcionar condições igualitárias de recursos por meio do engajamento de atores que promovam a mudança nas estruturas institucionais, com o propósito de geração de valor social dos territórios. Comini (2016) acrescenta que a criação de valor social parte da própria base, ou seja, são desenvolvidas pela própria comunidade, emergindo organizações capazes de desenvolver inovações sociais como respostas aos desafios sociais de seu espaço e território (Ciccarino *et al.*, 2022). Assim, o debate teórico direciona-se na análise do desenvolvimento das capacidades dos atores sociais e organizacionais, em especial, de empreendedores sociais como criadores de valor social (Ibrahim, 2017; Comim, 2016; D’Amario & Comim, 2020; Batista & Correia, 2020; Comini *et al.*, 2022).

Neste contexto, o estudo sobre empreendedorismo social busca identificar e avaliar maneiras eficientes de como minimizar os problemas sociais atuais (Horne *et al.*, 2020; Souza *et al.*, 2021). Construir modelos de negócios que considerem o equilíbrio entre o social e o econômico constituem-se lacunas a serem preenchidas (Comini *et al.*, 2022). Além disso, observa-se que a maioria dos estudos sobre avaliação da IS são abordados na seara da criação de valor em empreendimentos sociais (Christlieb, 2012; D’Amario & Comini, 2020), sendo representada majoritariamente por instituições do terceiro setor, mas também é factível de se encontrar no âmbito das políticas instituídas pelo Governo e medidas de responsabilidade social adotadas por empresas privadas (Quirino *et al.*, 2015; Correia *et al.*, 2016, Comini *et al.*, 2022).

Sendo assim, o estudo visa compreender a difusão da IS, analisar os principais agentes e condutores, identificar as mudanças sociais estabelecidas quanto às **tipologias, profundidade e cobertura** da IS (D’Amario & Comini, 2020) e compreender os impactos sociais gerados (Van der Have & Rubalcaba, 2016), estabelecendo, assim, um novo paradigma de inovação abrangente (Torlig *et al.*, 2020, Ziegler *et al.*, 2017, Franzoni & Silva, 2016).

Para tanto, este estudo considera o microcrédito como uma inovação de domínio econômico e social, tendo em vista a emancipação econômica que transcende aspectos financeiros e que se constitui um meio para o objetivo multidimensional da inclusão social de seus beneficiários. Portanto, o alcance dos resultados das microfinanças está sendo repensado devido ao surgimento do financiamento coletivo com acesso imediato para *startups*, empresas sociais e *fintechs* lançadas por microempreendedores e mulheres empoderadas (Ribeiro *et al.*, 2022), que desenvolvem iniciativas de IS, necessitando da compreensão de seus resultados de forma ecossistêmica (Bellandi *et al.*, 2021).

Logo, analisar um ecossistema propício para a difusão de IS em comunidades vulneráveis por meio de beneficiários do microcrédito, constitui-se um dos propósitos desta pesquisa.

#### ***4.2.3 Ecossistema de Inovação Social [EIS]: como promover a interconexão de seus atores e recursos?***

Na área de inovação, a discussão da especificação do conceito de ecossistemas de inovação, como uma releitura do conceito de Sistemas (nacionais) de Inovação é emergente. Estudos anteriores (Fialho *et al.*, 2021; Mercan & Göktaş, 2011; Tsujimoto *et al.*, 2018) evidenciam o uso de termos como Ecossistema Industrial, Ecossistemas de Negócios, Ecossistema Empreendedor, Ecossistema de Inovação, e, recentemente, Ecossistema de Inovação Social [EIS]. Ademais, Tsujimoto *et al.* (2018) destacam que por trás dessas definições há diferentes perspectivas, desde uma visão mais restrita ligada a relações físicas (de

troca de recursos entre empresas industriais), até uma perspectiva ampla (de uma “rede de multi-atores”), onde fica clara a posição de organizações do Estado e da sociedade civil.

Nota-se que esta abordagem de “rede de multi-atores” converge para as proposições da definição “mais clássica” de “Ecossistema de Inovação” proposta por Adner (2006; 2017). Esta definição de ecossistema suporta a conceptualização de EIS e, argumenta-se que o sucesso dos EIS está na interação entre os atores e os recursos relacionais gerados que possibilitem a coordenação do processo e do resultado da IS por meio de uma abordagem integrativa. Tal entendimento deve-se ao fato de que a IS necessita de interfaces e colaborações entre os atores da chamada Quadrupla Hélice [QH]: governo, empresas, sociedade civil e academia (Caulier-Grice *et al.*, 2012; Bellandi *et al.*, 2021). Entretanto, como promover a interação entre esses atores em ambientes vulneráveis?

Em resposta, estudos anteriores (Fogelberg & Thorpenberg, 2012; Brem & Radziwon, 2017; Bellandi *et al.*, 2021) apontam que o tempo, a flexibilidade organizacional, a capacidade dos parceiros em *networking* e sua orientação para a resolução de problemas constituem-se fatores necessários para esta interação. Logo, tratar a IS sob uma visão sistêmica, aplicada a necessidades sociais mediante a participação e a cooperação de todos os atores envolvidos, propicia o desenvolvimento de processos e resultados coletivos, do tipo de QH (Bellandi *et al.*, 2021).

Entretanto, observa-se que a abordagem da QH tem sido usada, principalmente, para analisar a macroestrutura das relações das hélices no nível nacional e regional (Lew *et al.*, 2018; Bellandi *et al.*, 2021). Recentemente, estudos têm focado em analisar o nível micro dos mecanismos de interação entre diferentes atores da QH (Hasche *et al.*, 2019; Bellandi *et al.*, 2021) com o propósito de aprofundar a compreensão sobre o papel que cada ator desempenha, bem como identificar os interesses divergentes dos atores e quaisquer agendas que possam dificultar tais processos (Domanski *et al.*, 2019).

Neste contexto, os papéis instituídos de cada ator sob abordagem ecossistêmica, conforme a QH são: (i) **governo** (representado pela esfera pública, exerce o papel colaborativo, podendo ser além de um agente regulador e fiscalizador, um financiador e/ou apoiador da IS) (Carayannis *et al.*, 2021); (ii) **empresas** (representado por entes privados ou terceiro setor, exercem os papéis de facilitadores ou fomentadores de projetos/iniciativas de IS, ao estabelecerem as estratégias de parcerias, transferência de conhecimento, modelos e propósitos organizacionais) (Sanzo *et al.*, 2015; Mirvis *et al.*, 2016); (iii) **academia** (representado pelas universidades ou sistemas de ensino superior, exercem o papel de capacitadores na geração e

na mediação do conhecimento) (Bellandi *et al.*, 2021); e (iv) **sociedade civil** (exercem o papel de beneficiários, mas também de criadores de IS) (Correia *et al.*, 2018).

Portanto, considera-se que a integração destes atores propicia um ambiente capaz de promover a difusão da IS e de fomentar a constituição de novos projetos públicos voltados para o progresso humano com foco no desenvolvimento comunitário.

Por fim, Torlig *et al.* (2020) acrescentam que, no âmbito da IS, identificar ecossistemas compartilhados de interações e interrelações com base em uma abordagem integrada e sustentável para o desenvolvimento econômico, social e ambiental, constituem-se desafios a serem enfrentados. Dialogando com este desafio, seus avanços e suas lacunas, este estudo apresenta análise do processo e de resultados empíricos a partir de experiências de beneficiários do programa de microcrédito – o Crediamigo em uma região do município de Fortaleza (Ceará), os quais serão apresentados os aspectos metodológicos a seguir.

### 4.3 Procedimentos Metodológicos

Esta investigação possui natureza qualitativa, com fins exploratório-descritivos (Yin, 2015), uma vez que pretende propor um *framework* analítico para ecossistemas de inovação social comunitários (objeto de estudo), a partir da experiência empírica entre programas de desenvolvimento comunitário e de microcrédito (contexto), a fim de compreender um fenômeno que se apresenta emergente na literatura e ampliar o seu conhecimento (Gil, 2010).

O estudo tem como unidade de análise 38 beneficiários do Programa de Microcrédito do BNB – o Crediamigo, da unidade Bom Jardim (Fortaleza, Ceará), uma das regiões de menor desenvolvimento do Estado do Ceará (IDH- B: 0,19) (Prefeitura Municipal de Fortaleza, 2022). O Grande Bom Jardim [GBJ] é um composto espacial, com dimensões regionais, formado por cinco bairros oficiais da cidade de Fortaleza: Granja Lisboa, Granja Portugal, Bom Jardim, Canindezinho e Siqueira. Abriga população de 211 mil habitantes (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2022), compondo o quadro dos dez mais pobres bairros da cidade de Fortaleza.

Destaca-se que, com a criação do Crediamigo, o BNB foi considerado o primeiro banco público do Brasil a ter um modelo inovador de atuação voltado exclusivamente para o microcrédito (INEC, 2022), sendo operacionalizado por uma organização do terceiro setor, o Instituto Nordeste Cidadania [INEC], por meio de um termo de parceria. Evidenciam-se como resultados desta parceria o atendimento anual de cerca de 3,6 milhões de microempreendedores

e agricultores familiares com mais de R\$ 15 bilhões investidos em 2020 (BNB, 2022). Dessa forma, dada sua relevância social nos processos de mitigação da desigualdade regional e potencial para gerar ações sociais, um olhar particular para esse caso é fundamental para a ampliação e consolidação da temática IS no campo científico.

O recolhimento dos indicadores foi operacionalizado no mês de agosto de 2021, por meio da técnica da observação direta (Cooper & Schindler, 2011) e aplicação de um *survey* de experiência com avaliação qualitativa (Gil & Reis Neto, 2021). Os instrumentos de coleta de dados adotados foram: *survey* de experiência, pesquisa documental e observação direta. Logo, foram utilizadas múltiplas fontes de dados (Yin, 2015), de modo a permitir uma triangulação para melhor explorar os dados e garantir a validade construtiva da pesquisa.

Em relação ao *survey* de experiência, destaca-se que o seu uso no campo da Administração com propósitos profissionais e acadêmicos, constitui-se uma nova visão em estudos exploratórios com avaliações qualitativas (Gil & Reis Neto, 2021). O *survey* foi construído a partir das lentes teóricas principais dos trabalhos de Caulier-Grice *et al.* (2012) e de D'Amario e Comini (2020), que versam sobre o processo e resultado de IS, respectivamente, abrangendo 35 questões ao total, 5 questões sobre o perfil do entrevistado, 6 questões sobre a descrição das atividades realizadas no programa e 24 questões que caracterizam as 3 dimensões da IS (tipologias, profundidade e cobertura). Obteve-se uma amostra de 38 partícipes do programa ora analisado definidos por meio do ponto de saturação (Glaser & Strauss, 2017).

O perfil da amostra caracteriza-se com a predominância do gênero feminino (73,7%), com idade média acima de 40 anos (60,0%), ensino médio completo (34,2%) e com preferência de captação de recursos para o produto do giro individual (73,7%). Tal perfil corrobora estudos anteriores, em que o público-alvo do microcrédito é de mulheres, com baixa escolaridade e com a finalidade de captação de recursos para o giro de mercadorias ou abertura de seus negócios (Schönerwald & Vernengo, 2016; Salgado & Aires, 2018). Acrescenta-se que foram priorizados os microempreendedores individuais com tempo de atuação superior a 1 (um) ano naquela localidade, com o propósito de garantir diversidade e maturidade de atuação na amostra analisada.

A pesquisa documental foi desenvolvida com amparo na análise das fontes acadêmicas nacionais e internacionais, bem como exame de documentos oficiais (manuais e cartilhas de procedimentos do programa).

A coleta de dados foi realizada em dois momentos: inicialmente, em uma visita exploratória no INEC/BNB e, posteriormente, visitas de campo à comunidade ora analisada.

No primeiro momento, ocorreram conversações esclarecedoras da atuação do programa e, em seguida, realizou-se o *survey* com os beneficiários em seus estabelecimentos comerciais que foram gravadas e transcritas para o *software* Atlas.ti. As informações registradas no diário de campo constituem o conjunto dos dados primários coletados nesta pesquisa.

Os dados foram analisados a partir da análise de conteúdo (Bardin, 2011). A categorização dos dados foi subdividida em três dimensões norteadoras: (i) **Processo** de análise dos três estágios de IS (Motivações, Processo e Ação Social), propostos por Caulier-Grice *et al.* (2012), os quais foram denominados de *Background* para o desenvolvimento IS comunitárias; (ii) **Resultado** das três subcategorias de análise da IS (Tipologias, Profundidade e Cobertura), propostos por D’Amario e Comini (2020), intitulados de *Outputs*; e (iii) **Abordagem Ecológica** de IS, identificando o papel desempenhado entre os atores da QH (Governo, Academia, Empresa e Sociedade), evidenciados no Quadro 1.

**Quadro 1.** *Dimensões e subcategorias de análise*

Dimensões norteadoras	Subcategorias de análise			
Processo ( <i>Background</i> )	Motivações	Processo	Ação Social	
Resultados ( <i>Outputs</i> )	Tipologias	Profundidade	Cobertura	
Abordagem Ecológica	Governo	Academia	Empresas	Sociedade

*Nota.* Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

Conforme exposto no Quadro 1, realizou-se uma análise de entendimento teórico da substância dos textos coletados por meio do *survey*, das anotações em diário de campo e da pesquisa documental, buscando-se a decomposição dos conteúdos em fragmentos mais simples, os quais foram qualificados nas dimensões e subcategorias de análise de conteúdo, consoante Bardin (2011): (i) pré-análise (organização do material a ser analisado, com transcrição dos dados em *Microsoft Office Word*); (ii) exploração do material (exportação dos dados para o Atlas.ti do material textual coletado, a fim de definição das dimensões ou subcategorias de análise); e (iii) tratamento dos resultados, inferência e interpretação (condensação dos dados relevantes, momento de análise reflexiva e crítica dos conteúdos desde as fases anteriores), que posteriormente, geraram relatórios para construção do *framework* proposto (Miles *et al.*, 2013).

#### 4.4 Análise e Discussão dos Resultados

Com base na literatura revisada e na pesquisa empírica de projetos sociais voltados para o desenvolvimento comunitário e do microcrédito, discute-se nesta seção a dinâmica comum pela qual tais programas intersetoriais de IS são desenvolvidos, caracterizados e analisados a

partir de uma abordagem integrativa, contemplando três dimensões e subcategorias interrelacionadas, as quais são apresentadas separadamente a seguir.

#### **4.4.1 Processo (Background)**

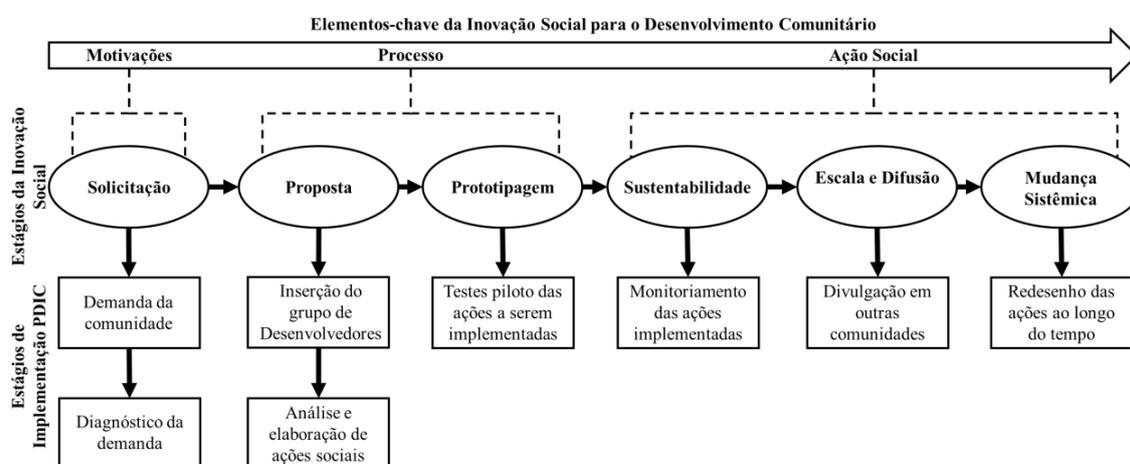
Esta dimensão considera a dinâmica do processo para a implementação das ações de IS, promovidas por programas sociais, analisando as transformações econômicas e sociais de seus beneficiários e das comunidades vulneráveis.

Para tanto, na fase de análise exploratória e documental sobre o Programa Crediamigo/BNB, identificou-se uma estratégia organizacional social para a sustentabilidade dos microempreendimentos de seus beneficiários: o fomento de projetos sociais desenvolvidos pelo INEC por meio da parceria intersetorial estabelecida. A exemplo disso, cumpre-se destacar o Programa de Desenvolvimento e Integração Comunitária [PDIC], que tem como objetivo valorizar a identidade individual e coletiva, por meio do incentivo à organização comunitária, da transformação de lugares e do cuidado com as pessoas e com a natureza (INEC, 2022). Acrescenta-se que o INEC trabalha de forma autônoma, pois não pertence nem à esfera pública nem à privada, podendo receber subvenções do Estado, através de editais e convocatórias públicas de captação de fundos (INEC, 2022).

Além do suporte financeiro do BNB, por meio da concorrência de editais públicos, o programa obteve apoio de vários parceiros organizacionais e institucionais como: Petrobras, Sodexo e de Universidades, constituindo parcerias colaborativas para a formação do conhecimento e de práticas socioambientais dos desenvolvedores do programa (INEC, 2022). Com isso, evidencia-se que as ações implementadas por meio de parcerias intersetoriais, englobam diversos objetivos, como: realização de atividades sociais, culturais e de negócios, fomentando um trabalho socioeducativo, de inclusão social e bancária; além de formação humana e cidadã aos seus beneficiários e desenvolvedores, constituindo-se, assim, o alicerce para o desenvolvimento socioambiental de comunidades vulneráveis (Andrade, 2013; INEC, 2022).

A implantação do PDIC nas comunidades vulneráveis abrange oito etapas: (i) identificação da demanda da comunidade; (ii) diagnóstico; (iii) inserção do grupo de desenvolvedores; (iv) análise e elaboração de ações sociais; (v) testes piloto das ações a serem implementadas; (vi) monitoramento das ações implementadas; (vii) divulgação do programa em outras comunidades; e (viii) redesenho das ações ao longo do tempo. (INEC, 2022). Identifica-se, assim, um nexo comum entre o processo de implantação do PDIC com os

elementos-chave da IS para o desenvolvimento comunitário (i.e., motivações, processo e ação social), associando-os aos estágios de IS na perspectiva de Caulier-Grice *et al.*, (2012), que compreende os seguintes aspectos: solicitação; proposta; prototipagem; sustentabilidade; escala e difusão; e mudança sistêmica. Compreende-se que esses seis estágios percorrem os elementos-chave da IS para o desenvolvimento comunitário. Na Figura 1, resume-se a perspectiva construída no estudo sobre os elementos-chave da IS para o desenvolvimento comunitário.



**Figura 1.** Elementos-chave da inovação social para o Desenvolvimento Comunitário.  
Nota. Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Considerando os elementos-chave da IS para o desenvolvimento comunitário, defende-se que as “motivações” incluem a demanda da comunidade e o diagnóstico das necessidades e desafios sociais. Além disso, o “processo” consiste na inserção do grupo de desenvolvedores no planejamento (i.e., análise, elaboração e testes piloto) das iniciativas de IS na comunidade. Por fim, a “ação social” reúne iniciativas que promovem a IS por meio de esforços conjuntos de cocriação, envolvimento, empoderamento do cidadão e colaboração intersetorial.

Destaca-se que a participação ativa da comunidade/beneficiário por meio do engajamento de diferentes atores ao longo do processo inovativo representa a combinação de forças que resultará em soluções mútuas das necessidades não atendidas, permitindo o compartilhamento de informações e desenvolvimento de práticas sociais sustentáveis com alocação dos recursos conforme a demanda social identificada (Klitsie *et al.*, 2018; Sadabadi & Rahimi Rad, 2021).

Tais elementos constituem o *Background* do *framework* proposto, em destaque para “ação social” como a responsável por desencadear impactos mais fortes no desenvolvimento local, práticas sociais sustentáveis, criação negócios e mudanças no espaço-rede.

Para tanto, evidencia-se que a constituição de parcerias intersetoriais no processo de IS promove novas formas de apoio, participação e colaboração em cada estágio de seu desenvolvimento, corroborando estudos anteriores que sugerem que a ausência de fronteiras setoriais possibilita a troca de ideias e valores, combinando fontes e modelos de financiamento como mecanismos para criação de valor (Phills *et al.*, 2008; Murphy *et al.*, 2012; Klitsie *et al.*, 2018).

Por fim, ressalta-se que a integração do PDIC com o programa de microcrédito do BNB contempla diversos resultados e benefícios junto aos seus beneficiários que serão discutidos a seguir.

#### 4.4.2 Resultados (Outputs)

Os impactos nas comunidades estão no centro da definição da IS no que diz respeito às mudanças nas relações existentes no capital social, na distribuição de poder, na reconfiguração das práticas sociais e na melhoria do bem-estar comunitário (Ravazzoli & Valero, 2020). Logo, considerando que a exclusão social e a degradação ambiental são questões crônicas, a análise da difusão de iniciativas de IS com diferentes lógicas no ecossistema de IS é relevante, além do uso de tecnologias para aumentar a escala do impacto social (Comini *et al.*, 2022).

Com isso, esta dimensão avalia os resultados gerados por meio da análise de três dimensões: profundidade, tipologia e cobertura das IS geradas pelos beneficiários do Programa Crediamigo/BNB na unidade do Bom Jardim (CE). Utiliza-se a escala de classificação da IS dos pesquisadores D’Amario e Comini (2020), conforme ilustrado na Figura 2.



**Figura 2.** Dimensões da Inovação Social.

*Nota.* Fonte: Rede gerada no Atlas.ti, com base nos dados da pesquisa de campo (2022).

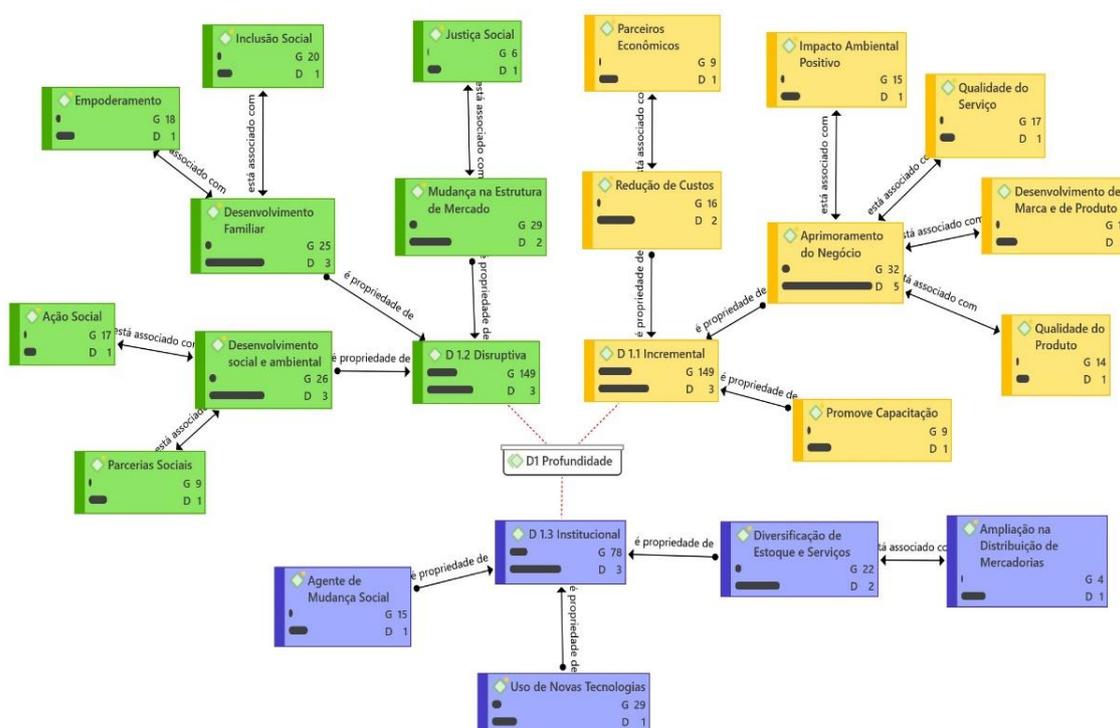
O *software* Atlas.ti. auxiliou na organização, integração e sintetização das informações obtidas, conforme Figura 2. A partir da análise da magnitude de cada dimensão que evidencia a quantidade de citações (*quotations*) atribuídas a um determinado código. Quanto maior o número de *quotations*, maior a relevância do indicador para os entrevistados.

Foram criados 55 códigos e catalogadas 643 *quotations* ao total. Todos os entrevistados indicaram em suas falas as três dimensões de análise, porém, em proporcionalidades diferentes. A seguir, seguem os resultados por dimensão.

#### 4.4.2.1 Dimensão Profundidade

A dimensão “Profundidade” contempla três subcategorias (disruptiva, institucional e incremental), apresentando maior magnitude em relação a todas as dimensões analisadas (377 *quotations*). A análise desta dimensão visa a compreensão das IS que promovam mudanças qualitativas que desconstruem práticas e conhecimentos comuns em uma área específica subdivididas em IS incrementais, disruptivas e institucionais (D’Amaro & Comini, 2020).

Desse modo, na análise dos dados, identificaram-se os arranjos institucionais e operacionais estabelecidos, principalmente, de IS incrementais (149 *quotations*) e disruptivas (149 *quotations*), com menor proporção a IS institucionais (78 *quotations*), conforme ilustrado na Figura 3.



**Figura 3.** Dimensão Profundidade

Nota. Fonte: Rede gerada no Atlas.ti, com base nos dados da pesquisa de campo (2022).

As inovações incrementais são direcionadas para suprir uma falha de mercado, sendo caracterizadas como qualquer tipo de melhoria em produtos e/ou serviços que já tinham curso,

mas que não afetam o seu uso (D'Amario, 2018). Considerada relevante sob o ponto de vista da produtividade, não introduzem mudanças estruturais na economia, entretanto, os seus produtos e/ou serviços visam atender as necessidades de maneira mais eficiente e efetiva (Nicolls, Simon & Gabriel, 2015).

Assim, estabeleceu-se três propriedades de IS incrementais: redução de custos (16 *quotations*), aprimoramento do negócio (32 *quotations*) e promoção de capacitações (9 *quotations*) junto à comunidade local. As ações voltadas a impactos ambientais positivos (e.g., uso de energias renováveis, tratamento de resíduos sólidos), a melhora da qualidade do serviço/produto e o desenvolvimento de marca representaram forte associação ao aprimoramento do negócio. Além de mudanças nas relações sociais por meio da formação de novos parceiros econômicos (9 *quotations*) e promoção de capacitações (9 *quotations*), que aumentaram o nível de participação de grupos socialmente excluídos.

Quanto às inovações sociais disruptivas, são aquelas que alteram o sistema social, envolvendo empreendedores que identifiquem problemas sistêmicos e que propõem soluções transformacionais (D'Amario, 2018). Logo, as IS disruptivas identificadas foram: mudanças na estrutura de mercado (29 *quotations*), desenvolvimento familiar (25 *quotations*), desenvolvimento socioambiental (26 *quotations*) - gerando transformações nas vidas de pessoas em situação de vulnerabilidade, principalmente no que se refere ao enfrentamento de desafios sociais - criando justiça social (6 *quotations*), inclusão social (20 *quotations*) e empoderamento (18 *quotations*).

Ressalta-se forte associação de ações sociais (17 *quotations*) e constituição de parcerias sociais (9 *quotations*) junto às escolas, igrejas e organizações comunitárias para o desenvolvimento socioambiental, como: feiras criativas, bazar solidários e convênios educacionais para população considerada historicamente excluída. Com isso, verifica-se a influência social proveniente do microcrédito, conforme estudos anteriores (Cervantes, Lemus & Montalvo, 2017; Schönerwald & Vernengo, 2016), que evidenciaram as melhorias proporcionadas no ambiente familiar e no desenvolvimento socioeconômico.

Já as inovações institucionais são aquelas que reconfiguram as estruturas e padrões de mercado (D'Amario, 2018), geralmente pelo reposicionamento de novas tecnologias mais direcionadas ao social em vez do econômico (Nicholls & Murdock, 2012). Assim, em menor proporção as IS institucionais (78 *quotations*) constituídas evidenciaram o uso de novas tecnologias (29 *quotations*), diversificação de estoque e serviços (22 *quotations*) e caracterização de agentes de mudança social (15 *quotations*).

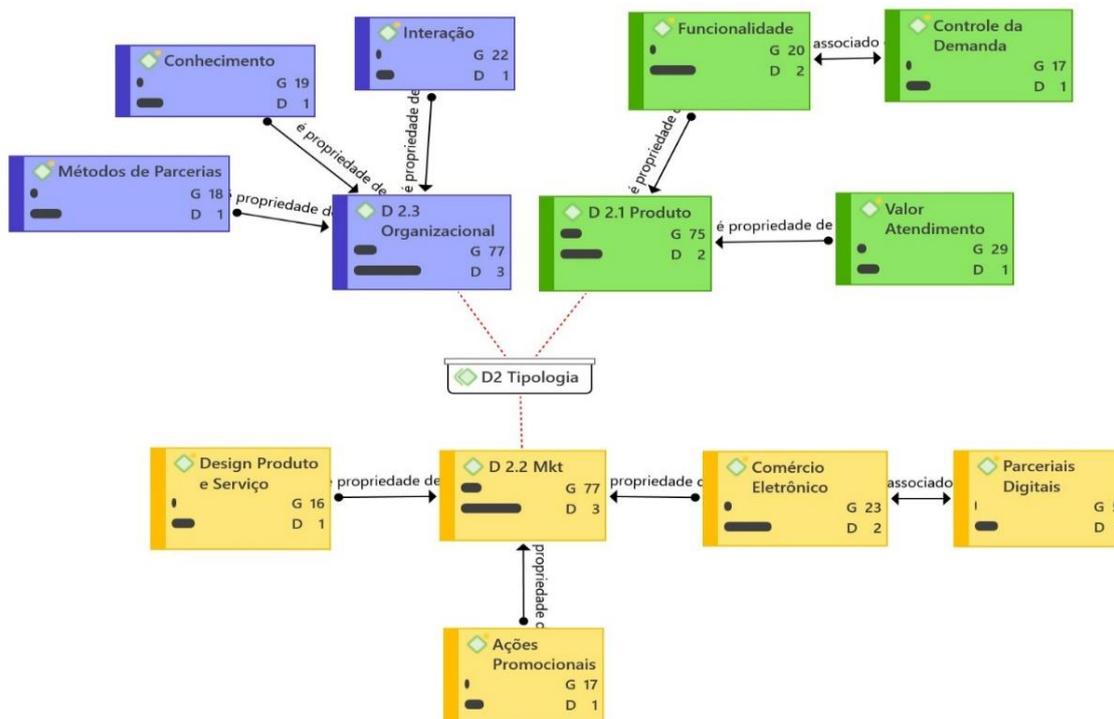
Observa-se nos relatos das entrevistadas B13 e B38 (2022) que a principal mudança social proveniente da captação do microcrédito foi no ambiente familiar, pois possibilitou empoderamento feminino (filhas e/ou irmãs), criando oportunidade de emprego por meio do empreendedorismo. Acrescentam que são exemplos de inspiração/motivação para os moradores da comunidade, destacando que, no início do negócio, eram sacoleiras e, com o desenvolvimento, tornaram-se empreendedoras.

Portanto, o papel do microfinanciamento objetiva reduzir a pobreza, desenvolver o microempreendedor, que vai desde a concessão do microcrédito até a abertura do negócio e o suporte no desenvolvimento de novos negócios, propondo medidas políticas que melhorem o capital e a produtividade de seus beneficiários de maneira sustentável (Molnár, 2017; Mahmuda, Baskarn & Pancholi, 2014).

#### 4.4.2.2 Dimensão Tipologia

A dimensão “Tipologia” abrange três subcategorias (produtos, *marketing* e organizacional), com o propósito de compreender como os modelos de negócios de microempreendimentos são geradores de inovação socioambiental, observando as soluções de produtos, de marketing e organizacionais, que tivessem o potencial de ensejar valor socioambiental para uma comunidade (D’Amario & Comini, 2020). No caso analisado contemplaram um total de 228 *quotations*.

Com isso, foram desencadeadas na estrutura social e econômica local ações comunitárias de transformações mercadológicas (77 *quotations*), produto (75 *quotations*) e organizacionais (77 *quotations*), conforme ilustrado na Figura 4.



**Figura 4.** Dimensão Tipologia

Nota. Fonte: Rede gerada no Atlas.ti, com base nos dados da pesquisa de campo (2022).

A IS de produto (75 *quotations*) é compreendida como a introdução de um bem ou serviço novo ou significativamente aprimorado em termos de suas características ou usos (*Manual de Oslo*, 1977). Observaram-se, *in hoc sensu*, as melhorias significativas na funcionalidade (20 *quotations*), como: em especificações técnicas, componentes e materiais, *softwares* incorporados, facilidade de uso ou características funcionais nos microempreendimentos, bem como valor agregado no atendimento (29 *quotations*).

Molnár (2017) relata que o acesso ao microcrédito permite satisfazer necessidades não satisfeitas por via do mercado, introduzindo novos produtos, aprimorando processos, implementando mudanças significativas no posicionamento do produto, caracterizando tipologias de inovações sociais para o alcance de suas metas sociais.

Assim, identificada a necessidade dos consumidores, os microempreendedores ressaltam que as alterações pretendidas ou realizadas em seus produtos/serviços visam melhor atender às demandas dos consumidores em que os valores percebidos por seus clientes geram afeto, sentimento de confiança, gratidão, satisfação, sonhos, alegria e felicidade, ao reunir qualidade na prestação do serviço/produto (B1; B13; B14; B15; B27; B29; B34, 2022).

A IS de *marketing* é analisada como a implementação de um novo método de *marketing* com mudanças significativas no *design* do produto ou em sua embalagem, no posicionamento do produto, na promoção ou na fixação de preços (*Manual de Oslo*, 1977). Destacaram-se

melhorias quanto ao *design* do produto/serviço (16 *quotations*), ações promocionais (17 *quotations*) e comércio eletrônico (23 *quotations*).

Com o advento da pandemia da covid-19, muitos microempreendedores necessitaram de adaptação na maneira de revender seus produtos/serviços. Destacam-se o uso e a interação por meio das mídias digitais e das ferramentas tecnológicas em seus negócios (B1, B8, B10, B19, B29, 2022).

Embora a crescente interação dos beneficiários com as mídias digitais tenha sido ocasionada com o advento da pandemia da covid-19, observa-se nos estudos correlatos o interesse da mobilidade global das políticas de microfinanças como uma nova abordagem de mercado (Cordeiro, 2020).

Quanto à IS organizacional, caracteriza-se por meio da implementação de um novo método organizacional nas práticas de negócios da microempresa, na organização do local de trabalho ou nas relações externas (*Manual de Oslo*, 1977). Observaram-se o desencadeamento de ações voltadas para: métodos de parcerias (18 *quotations*), conhecimento (19 *quotations*) e interação (22 *quotations*), que possibilitaram interações sociais e compartilhamento de conhecimento, engajamento, conscientização ambiental por meio de ações solidárias e uso de tecnologias sociais.

Consoante Tardif e Harrisson (2005), os principais tipos de inovações sociais são: técnica (de produto ou tecnologia); sociotécnica (uma tecnologia no contexto organizacional); organizacional (uma tecnologia no âmbito organizacional que traga melhorias especificamente aos trabalhadores); institucional (soluções procedentes da atuação do Estado) e social (desenvolvidas por agentes da sociedade civil).

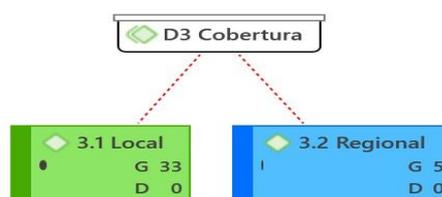
Neste contexto, é válido assinalar que a inovação desenvolvida pelos microempreendedores beneficiários do microcrédito no Grande Bom Jardim é do tipo técnica, pois conforma inovações que inserem melhorias nos produtos/serviços em termos de suas características ou usos, com o objetivo de ensejar melhorias direcionadas ao bem comum.

#### 4.4.2.3 Dimensão Cobertura

A dimensão “Cobertura” abrange quatro subcategorias (local, regional, nacional e global) de análise verificando a difusão da IS em organizações locais, regionais, nacionais e globais (D’Amario & Comini, 2020).

Verificou-se que as ações dos beneficiários possuem influxo dentro de uma escala local (33 *quotations*), notadamente, no Bairro Grande Bom Jardim (CE), e que suas ações apontam

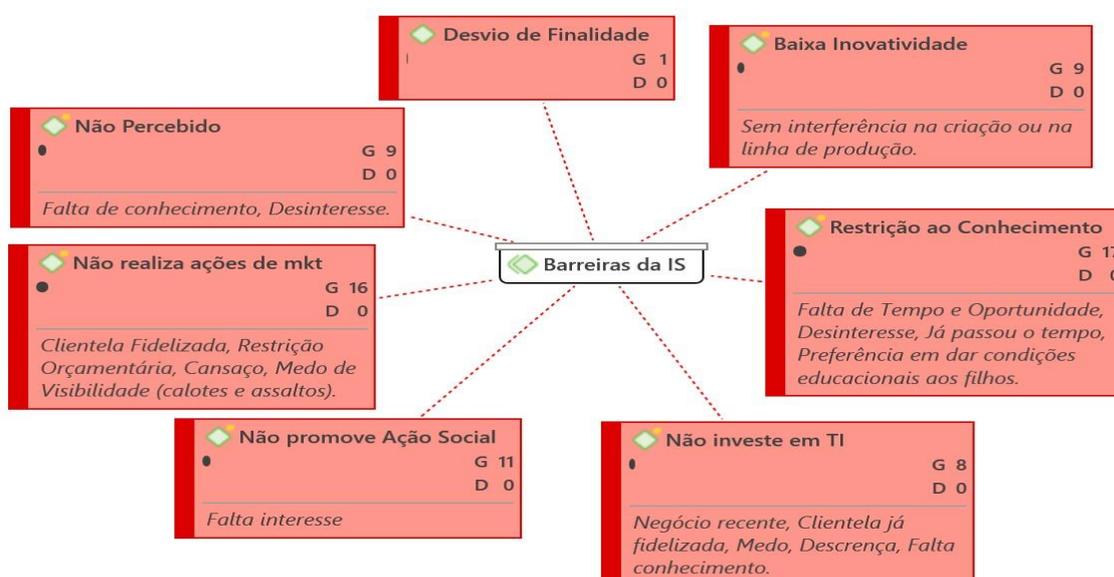
para fins essencialmente econômicos e sociais, de interesse familiar (e.g., empoderamento feminino, melhorias na condição de vida e desenvolvimento humano), com vistas a soluções locais mais adequadas ao seu contexto. Tais evidências foram consolidadas na Figura 5.



**Figura 5.** Dimensão Cobertura.

*Nota.* Fonte: Rede gerada no Atlas.ti, com base nos dados da pesquisa de campo (2022).

Ademais, dirigiu-se uma visão diferenciada aos atores sociais (beneficiários do programa) quanto ao seu papel social desempenhado em iniciativas de IS em circunstâncias de vulnerabilidade. Com isso, além das dimensões propostas por D’Amario e Comini (2020), foi possível identificar as **barreiras** existentes ao desenvolvimento ou envolvimento de iniciativas de IS, conforme ilustrado na Figura 6.



**Figura 6.** Barreiras da Inovação Social.

*Nota.* Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Nota-se que as barreiras da IS instituídas representaram as limitações ou as dificuldades enfrentadas pelos beneficiários para a não implementação de ações sociais ou iniciativas de IS em seus negócios, categorizadas em: baixa inovatividade, desvio de finalidade, restrição ao

conhecimento, não percepção ou não realização de ações sociais e de mkt voltadas ao seu contexto vulnerável.

Tal fato é factível de ser justificado em relação ao perfil da amostra dos entrevistados, por serem sujeitos maduros, com idade média acima de 40 anos (60,0%), e com longo relacionamento com o programa de microcrédito, contabilizando dez anos (69,0%). Ajunta-se a falta de necessidade de novas capacitações ou novos métodos de interação, por já se enquadrarem como “satisfeitos” com os resultados de seus negócios, ou por já terem clientela fidelizada (B2, B3, B9, B10, B11, B13, B16, B17, B20, B21, B23, B31, B32, B36, B37, B38, 2022). Além disso, o cansaço por exercerem diversas atividades setoriais, o medo e a restrição orçamentária em realizar novos investimentos em sua comunidade corroboram os resultados de estudos anteriores (Howaldt *et al.*, 2016; Phillips & Johnson, 2021; Talmage, 2021) como fatores limitantes para a difusão de IS.

Por fim, o valor social das microfinanças, especificamente do microcrédito, quanto ao seu desempenho social, revela que os resultados do microcrédito advêm mais dos aspectos dos indivíduos do que de externalidades (Crepon *et al.*, 2015; Ribeiro *et al.*, 2022).

#### 4.4.3 Abordagem Ecológica

Esta dimensão trata dos papéis desempenhados entre os atores da QH que possibilitaram as interfaces e as colaborações entre os setores do governo, empresas, sociedade civil e academia.

Com base na abordagem ecológica, foi possível caracterizar os atores da QH com os papéis desempenhados entre a parceria intersetorial do BNB com o INEC, categorizados em: (i) **Ator Financiador** (Governo); (ii) **Ator Intermediário** (Empresas); (iii) **Ator Transformador** (Sociedade Civil); e (iv) **Ator Capacitador** (Academia), descrevendo o envolvimento e a cooperação dos atores sociais, institucionais e organizacionais nos programas sociais desenvolvidos, conforme Quadro 2.

**Quadro 2.** Descrição dos papéis dos Atores da *Quádrupla Hélice*

Atores da QH	Descrição dos Papéis		
	Representante	Ação	Finalidade
Governo	Instituição financeira múltipla ( <b>Ator Financiador</b> )	Realizar parcerias com organizações do terceiro setor, entes privados ou pessoas físicas.	Agente regulador, fiscalizador e/ou financiador de IS.
Empresas	Organização do Terceiro Setor ( <b>Ator Intermediador</b> )	Realizar parcerias ou colaborações com entes privados, públicos ou do terceiro setor.	Atuam como facilitadores, fomentadores ou executores de IS.

Sociedade Civil	Indivíduos da sociedade e/ou Organizações Sociais <b>(Ator Transformador)</b>	Atuar como parceiro ou beneficiário com entes privados, públicos ou do terceiro setor.	Exercem o papel de beneficiários, mas também de criadores de IS.
Academia	Universidades ou sistemas educacionais <b>(Ator Capacitador)</b>	Realizar colaborações ou capacitações com entes privados, públicos ou do terceiro setor.	Exercem o papel de capacitadores na geração e na mediação do conhecimento dos projetos de IS.

*Nota.* Fonte: Elaborado pela autora (2022).

No Quadro 2, identifica-se que o Governo desempenha o papel de um **Ator Financiador**, ou seja, aquele que fomenta as inovações, regula a relação com os fornecedores ou outros profissionais por meio da parceria estabelecida com diversas entidades (terceiro setor, setor privado ou pessoas físicas), podendo exercer, também, o papel de agente fiscal ou administrador dos projetos de IS. No caso estudado, é representado pelo BNB, uma instituição financeira múltipla, organizada sob a forma de sociedade de economia mista, principal responsável pelo fomento indireto dos projetos de IS desenvolvidos pelo INEC (representante do terceiro setor), bem como pelo fomento de agentes econômicos, institucionais e pessoas físicas na concessão de microcrédito e de incubadoras sociais (BNB, 2022).

Quanto às Empresas, caracterizam-se como um **Ator Intermediário**, exercendo diferentes finalidades entre os parceiros, desde um facilitador, fomentador ou executor dos projetos de IS. Neste estudo, é representado pelo INEC, uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público [Oscip], responsável pela operacionalização do programa de microfinanças urbano – o Crediamigo/BNB, no Nordeste Brasileiro, bem como pelo Programa de Desenvolvimento e Integração Comunitária [PDIC], nos municípios de Itapiúna, Milagres, Meruoca e Fortaleza (INEC, 2022). Assim, o INEC intermedia a contribuição monetária dos beneficiários do Crediamigo, bem como facilita o acesso a novas tecnologias sociais e desenvolve projetos de IS em comunidades vulneráveis.

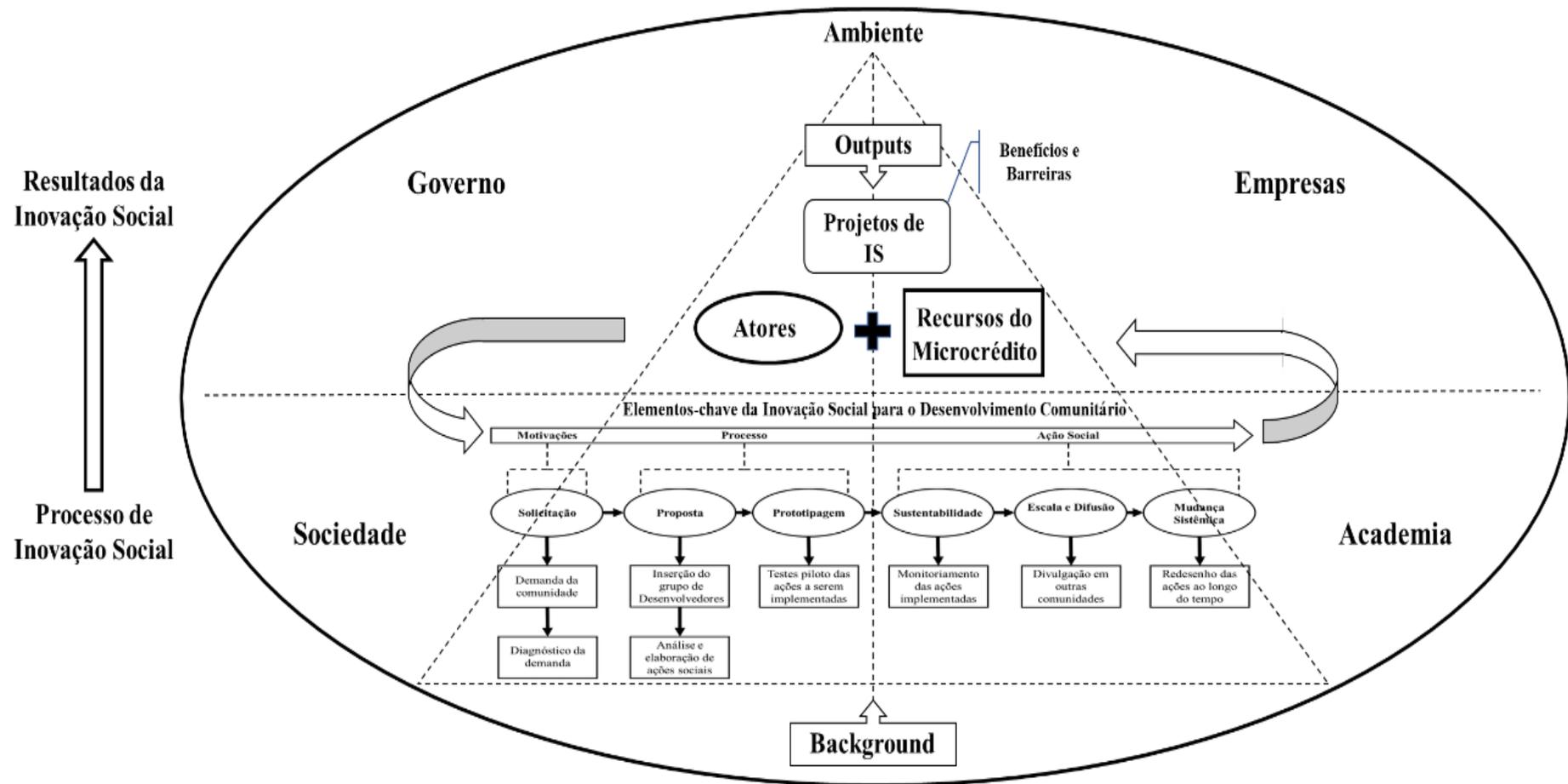
Já a Sociedade Civil caracteriza-se como um **Ator Transformador**, representa aquele capaz de inovar, mobilizar e engajar projetos de IS constituindo-se como um criador ou como um beneficiário da ação. Identificaram-se diversos atores sociais no contexto analisado, como: associações, líderes comunitários, beneficiários dos programas de microfinanças e do desenvolvimento comunitário que representam a força motriz para a IS, pois potencializam suas capacidades sociais e ambientais por meio de ações colaborativas e voluntárias integradas com os desenvolvedores dos projetos sociais, no caso o INEC e o BNB.

Por fim, o papel da Academia é desempenhado como um **Ator Capacitador**, atuando como produtores ou mediadores de diferentes campos do conhecimento, com o propósito de

criar valores sociais e ambientais capazes de atender as necessidades comunitárias. Foi possível identificar parcerias com universidades e sistemas educacionais, como: Sebrae, Universidades Estaduais e Federais do Estado do Ceará por meio de ações intersetoriais em conjunto com núcleos de pesquisas e de desenvolvimento socioambiental.

Assim, evidencia-se que o fomento de projetos de IS emerge de um conjunto de processos cocriativos, baseados em redes colaborativas que envolvem diversos atores, oriundos de desafios e necessidades sociais comuns (Guida & Maiolini, 2013), com o propósito de gerar resultados que agreguem valor social (Torlig *et al.*, 2020). Portanto, a IS exige uma “rede de multi-atores”, que envolve cada vez mais parcerias e processos do tipo QH (Bellandi *et al.*, 2021).

Em síntese, propõe-se o *framework* desenvolvido a partir da experiência empírica de programas sociais de desenvolvimento comunitário e de microcrédito que integra os atores da QH (governo, empresas, sociedade e academia) em diferentes fases e finalidades, promovendo um Ecossistema de Inovação Social Comunitário [EISC], conforme apresentado na Figura 7.



**Figura 7.** Framework do Ecosistema de Inovação Social Comunitário [EISC].  
 Nota. Fonte: Elaborado pela autora (2022).

O ponto de partida para o EISC é o nexo comum entre os setores (público, privado e terceiro setor) sob a perspectiva da abordagem ecossistêmica que visa a geração de resultados sociais duradouros. No caso analisado, com a parceria intersetorial constituída entre o BNB e o INEC, o processo de desenvolvimento da IS ocorre de baixo para cima, sendo alicerçado pela implementação de ações com foco no desenvolvimento comunitário em que se faz necessário identificar os elementos-chaves (motivações, processo e ação social) da IS para o seu sucesso.

O objetivo do desenvolvimento comunitário é gerar inclusão social, com base em formas alternativas de conhecer, fazer e organizar novas relações sociais e novas formas de governança, que possam ajudar a enfrentar os desafios sociais locais. Com isso, promove-se uma rede de microempreendedores sociais com lógica de mercado (Recursos), os quais considera-se o *Background* do processo de IS.

A dinâmica colaborativa proveniente do desenvolvimento comunitário necessita de recursos para sua sustentabilidade. Assim, o microcrédito orientado concedido passa a ser um instrumento para a difusão de IS, pois, além de promover inclusão financeira para os microempreendedores, gera também a oportunidade e o fomento de iniciativas de IS, constituindo-se os resultados (*Outputs*) do ecossistema.

Para as mulheres, em particular, a possibilidade de crédito não apenas aumenta as suas possibilidades empreendedoras, como também promovem um comportamento social ativo via atitudes solidárias ou comunitárias, constituindo-se um dos principais resultados do ecossistema. Por outro lado, barreiras à IS podem ser instituídas (e.g., restrição ao conhecimento, desvio de finalidade, baixa inovatividade e restrição orçamentária) caracterizando-se como os interesses divergentes dos atores que possam dificultar o processo de difusão da IS.

Com isso, a parceria intersetorial entre o BNB e o INEC, possibilitou o fomento do programa de desenvolvimento comunitário e a criação de microempreendimentos com impacto social, integrando a colaboração da Academia e da comunidade com práticas sociais ao longo do tempo, caracterizando-se como uma parceria do tipo QH.

Por fim, a abordagem ecossistêmica promove um processo interativo e cooperativo, além de resultados sociais entre seus beneficiários, dado um nexo comum entre eles, qual seja promover a inclusão social e financeira de comunidades vulneráveis. Desse modo, a IS é capaz de desafiar as instituições sociais existentes por ações colaborativas, desenvolvendo redes sociais mais amplas, nas quais mudanças de atitudes, comportamentos ou percepções das

pessoas envolvidas na rede conduzem a novas e melhores maneiras de ações colaborativas (Benneworth & Cunha, 2015; Terstriep & Kleverbeck, 2020).

#### 4.5 Conclusão

O estudo permitiu sistematizar um *framework* integrando o processo e o resultado de iniciativas de IS aplicados no contexto investigado, servindo de mecanismo para a formação de um Ecossistemas de Inovação Social Comunitários [EISC], bem como instrumento metodológico para futuras políticas públicas econômicas e sociais regionais.

Como contribuições teórico-empíricas, o estudo avança na compreensão das dinâmicas de IS em comunidades locais e organizações sociais, destacando o papel de parcerias intersetoriais (público, privado e terceiro setor) no combate às vulnerabilidades e às desigualdades sociais. Como contribuições sociais, o trabalho permitiu identificar os elementos-chave da IS para o desenvolvimento comunitário, subdivididos em três dimensões (motivações, processo e ação social), possibilitando a associação aos estágios de IS na perspectiva de processo constituindo o alicerce (*Background*) para o desenvolvimento do EISC.

Do ponto de vista gerencial, o estudo contribui para a compreensão das dinâmicas de gestão e governança comunitárias, trazendo reflexões sobre o papel desempenhado dos atores da QH (governo, empresas, sociedade civil e academia) no processo de planejamento, articulação, coordenação e implementação de práticas inovadoras e empreendedoras nos campos social, cultural, educacional, ambiental e econômico.

Portanto, conclui-se que o principal diferencial entre os modelos tradicionais de análise da inovação social do *framework* proposto neste estudo é possibilitar a compreensão da dinâmica entre os atores sociais de programas de desenvolvimento comunitário e de microcrédito em suas iniciativas locais na formação de Ecossistemas de Inovação Social [EIS]. Com isso, apresenta-se significativas diferenças, pois são orientadas para coletividade, em que priorizam a participação de todos os atores sociais envolvidos (em destaque para solidariedade dos beneficiários dos programas, com foco no impacto social comunitário), que, por sua vez, possuem liberdade e responsabilidade no processo (criação conjunta) enfatizando as parceriais e colaborações intersetoriais. Logo, o desenvolvimento da inovação social é suportado pela rede, resultando no bem-estar social comunitário, o que minimiza conflitos, se comparado à inovação tradicional, em que a maximização de resultados econômicos poderia criar um ambiente hostil entre os atores da rede.

Os resultados trouxeram *insights* sobre a dinâmica dos atores (escala micro) nas estruturas analíticas de dois programas sociais sob a perspectiva do processo e do resultado da IS, revelando a importância de uma abordagem ecossistêmica para uma melhor compreensão das relações entre os atores sociais e a gestão de recursos de forma inovadora.

Recomenda-se que pesquisas futuras avaliem as diferentes estratégias utilizadas pelos microempreendimentos para ampliar a escala de impacto, observando o valor social gerado *versus* o valor econômico proporcionado. Como limitação, menciona-se o acesso aos microempreendimentos do bairro Grande Bom Jardim (CE), pois situa-se em uma região de acesso restrito do Município de Fortaleza (CE). Contudo, ressalta-se, que esta demanda cumpriu seus propósitos, obtendo resultados relevantes utilizáveis para subsidiar pesquisas futuras, auxiliando-as teórica e metodologicamente.

## 5 CONCLUSÃO

Esta pesquisa teve como tese a proposição de que iniciativas de inovação social no ambiente de microfinanças e de comunidades vulneráveis ocorre a partir da articulação entre seus beneficiários e diversos atores sociais por meio de colaborações intersetoriais (público, privado e o terceiro setor), nos quais diferentes públicos se engajam na solução de problemas sociais que podem ser explicados em uma abordagem ecossistêmica e analisados por meio de um *framework* de Ecossistema de Inovação Social Comunitário [EISC], constituindo-se, assim, uma possível política pública inovadora cocriada com os cidadãos para soluções de problemas sociais.

Com o propósito de responder a seguinte indagação de pesquisa: **Como as interações entre os atores sociais de programas de desenvolvimento comunitário e de microcrédito podem promover um ecossistema de inovação social?**, a partir de um encadeamento metodológico cujo percurso teórico origina-se na avaliação empírica das iniciativas de IS junto à atores sociais (beneficiários) de dois programas sociais: i) Programa de Desenvolvimento e Integração Comunitária [PDIC], desenvolvido por uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público [OSCIP], intitulada de Instituto Nordeste Cidadania [INEC] e ii) Programa de microfinanças – Crediamigo, do Banco do Nordeste do Brasil S/A [BNB] e segue até a proposição teórica de um *framework* analítico para ecossistemas de inovação social comunitário.

Para tanto, delineou-se como objetivo geral da pesquisa: Compreender a dinâmica do processo e do resultado de iniciativas de inovação social por meio da experiência empírica de programas de desenvolvimento comunitário e de microcrédito.

Considerando o contexto de atuação dos programas PDIC/INEC e do Crediamigo/BNB foram elaborados os seguintes objetivos específicos: (i) investigar as características da inovação social em uma comunidade local beneficiária de programa de desenvolvimento comunitário na perspectiva de processo; (ii) avaliar as dimensões das inovações sociais e os papéis dos atores sociais do microcrédito na perspectiva de resultado e (iii) propor um *framework* analítico de inovação social comunitário na perspectiva da abordagem ecossistêmica.

A fundamentação teórica que suporta esta investigação advém do enquadramento teórico da inovação social com temáticas sobre desenvolvimento de território, criação de valor social e ecossistemas de inovação social, fundamentando-se nas lentes teóricas de Tardif e Harrison (2005), D’Amario e Comini (2020) e Andion *et al.*, (2022).

Com bases metodológicas, utilizaram-se os modelos de caracterização das dimensões da inovação social de Tardif e Harrisson (2005) e a escala de classificação de IS de D'Amario e Comini (2020) para construção dos instrumentos de coleta de dados. Os dados foram coletados e analisados qualitativamente com o suporte dos *softwares* Atlas.ti e NVivo. Ademais, utilizou-se *software* SPSS para identificação dos papéis desempenhados pelos atores sociais nas iniciativas de IS.

Para atender o objetivo geral desta pesquisa, foram concebidos três artigos científicos interligados oferecendo à comunidade científica uma visualização sistematizada e coerente do conhecimento produzido.

Em relação ao primeiro objetivo específico: investigar as características da inovação social na perspectiva de processo, em uma comunidade local beneficiária de programa de desenvolvimento comunitário, evidenciou-se no primeiro artigo os fatores que motivaram a implementação do PDIC na comunidade analisada, em que a ação social desencadeada em busca de soluções para mitigar os problemas sociais presentes, possibilitaram verificar a escala de atuação, o tipo e a finalidade de IS, bem como os atores envolvidos. Assim, identificou-se os elementos-chave da IS para o desenvolvimento comunitário (ou seja, motivações, processo e ação social) que possibilitou sua associação aos estágios de IS na perspectiva de Caulier-Grice *et al.*, (2012), que compreende os seguintes aspectos: solicitação, proposta, prototipagem, sustentabilidade, escala e difusão e mudança sistêmica. Com isso, os resultados demonstraram um **modelo de inovação social de processo** constituindo-se como um mecanismo para o desenvolvimento de territórios, pois cultiva ativos e abordar desafios comunitários, promovendo o desenvolvimento local comunitário destacando-se os arranjos institucionais constituídos e práticas dos diversos atores socioeconômicos.

Quanto ao segundo objetivo específico: avaliar as dimensões das inovações sociais e os papéis dos atores sociais do microcrédito na perspectiva de resultado, observou-se no segundo artigo que as ações de IS promovidas pelos beneficiários do Programa Crediamigo no contexto analisado, promovem inclusão social e econômica, permitindo a geração de empregos adicionais, empoderamento e melhora na qualidade de vida, caracterizando inovações incrementais, disruptivas e institucionais em termos de profundidade, do tipo de inovações de produto e/ou serviço, por meio de implementação de novos métodos de *marketing*, propiciando o consumo de pessoas em situação de vulnerabilidade social com cobertura local. Além disso, foram estudados os papéis dos seus atores, propiciando evidências empíricas a empreendedores sociais ou novos microempreendedores quanto a classificação dos perfis de seus beneficiários

com orientação à IS (i.e., inovadores, visionários e conservadores) permitindo que os desenvolvedores definam estratégias de concessão de crédito e acompanhamento em sua área de atuação. Assim, os resultados apontam o alcance/impacto do microcrédito no desenvolvimento local ao permitir **avaliar as inovações sociais a partir de uma perspectiva de resultado** por considerar como *locus* da inovação social microempresas com fins lucrativos.

No tocante ao terceiro objetivo específico: propor um *framework* analítico de inovação social comunitário na perspectiva da abordagem ecossistêmica, o terceiro artigo permitiu sistematizar um *framework* integrando o processo e o resultado de iniciativas de IS aplicados no contexto investigado, servindo de mecanismo para o fomento de **Ecosistemas de Inovação Social Comunitários [EISC]**, bem como instrumento metodológico para futuras políticas públicas econômicas e sociais regionais. Com isso, discutiu-se a dinâmica comum pela qual tais programas intersetoriais de IS são desenvolvidos e caracterizados a partir de uma abordagem integrativa, contemplando três dimensões de análise (processo, resultado e abordagem ecossistêmica) e subcategorias interrelacionadas, devido à abrangência da análise adotada em uma Instituição Pública e dos resultados coletados nos artigos 1 e 2.

Isto posto, os resultados desta tese fornecem contribuições específicas: (i) teóricas: ampliando os estudos recentes que mostram as interações dos atores sociais com o desenvolvimento de território por meio de práticas de inovações sociais comunitárias; (ii) empíricas: as instituições públicas e privadas, pois suas discussões propiciarão contribuições para a tomada de decisões estratégicas, sobre a alocação de recursos e seus efeitos na esfera social e econômica; (iii) gerenciais: aos investidores e microempreendedores, ao verificar o impacto das inovações sociais de forma efetiva e sustentável; e (iv) a sociedade, proporcionando entendimento aos microempreendedores sobre as inovações geradas por suas atividades, revelando a intenção de cada empreendedor com a mudança social gerada pelas inovações sociais.

Além das contribuições apontadas nesta tese, pode-se elencar algumas implicações teórico-empíricas para agenda do campo de Ecosistemas de Inovação Social [EIS] e de políticas públicas voltadas para o desenvolvimento de comunidades. Primeiro, os resultados provenientes de programas de microcrédito integrados a programas de desenvolvimento comunitário transcendem os aspectos econômicos, pois o fomento de projetos de IS possibilitam a identificação de resultados sociais, como: desenvolvimento familiar, conscientização ambiental, práticas socioambientais sustentáveis, empoderamento feminino e justiça social em ambientes vulneráveis. Em segundo lugar, a visão diferenciada dada aos atores

sociais (beneficiários dos programas) permitiu a identificação e a compreensão das barreiras de IS (e.g., restrição ao conhecimento, desvio de finalidade, baixa inovatividade e restrição orçamentária) bem como os interesses divergentes dos atores que possam dificultar o processo de difusão da IS. Terceiro, o estudo revelou que microempreendimentos com lógicas de mercado promovem resultados sociais e desempenham diferentes papéis, contribuindo de forma diferenciada para a proposição de alternativas para um desenvolvimento sustentável. Nesse sentido, pode-se afirmar que a contribuição de tais empreendimentos é qualitativa e com maior profundidade de impacto.

Desta forma, destaca-se o ineditismo desta tese pela apresentação de um *framework* que possibilita o fomento de Ecossistemas de Inovação Social Comunitários, resultante da análise empírica de programas sociais voltados para o desenvolvimento de territórios e para criação de valor social. Além disso, ressalta-se a utilidade do método científico adotado nesta pesquisa, por proporcionar o refinamento do problema estudado, o conhecimento de características do universo pesquisado e do estabelecimento de critérios de análise de dados no campo qualitativo da Administração.

Assim, esta pesquisa teve como foco os atores sociais que compõem o EISC dos programas ora analisados. Com base na abordagem ecossistêmica, foi possível caracterizar os atores da QH com os papéis desempenhados entre a parceria intersetorial do BNB e o INEC, categorizados em: (i) **Ator Financiador** (Governo); (ii) **Ator Intermediário** (Empresas); (iii) **Ator Transformador** (Sociedade Civil); e (iv) **Ator Capacitador** (Academia), descrevendo o envolvimento e a cooperação dos atores sociais, institucionais e organizacionais nos programas sociais desenvolvidos. Logo, outras investigações poderiam ser conduzidas, estendendo-se a mais comunidades e programas de microfinanças com o propósito de promover o desenvolvimento de territórios. Destaca-se a possibilidade de adoção da abordagem longitudinal para investigar tendências com a finalidade de comparar o alcance dos resultados e as barreiras constituídas para difusão da IS.

Por fim, pressupõe-se que outras variáveis referentes às barreiras da IS devem ser melhor compreendidas, como: baixa inovatividade e restrição ao conhecimento voltadas ao seu contexto vulnerável, com o propósito de compreender melhor a relação do tempo e da idade do beneficiário no programa. Ademais, sugere-se a aplicação do *framework* em estudos adicionais sobre políticas de fomento e apoio à Inovação Social.

## REFERÊNCIAS

- Adner, R. (2006). Match your innovation strategy to your innovation ecosystem. *Harvard Business Review*, 84(4), 98. [www.hbrreprints.org](http://www.hbrreprints.org)
- Adner, R. (2017). Ecosystem as structure: An actionable construct for strategy. *Journal*
- Agostini, M. R., D'Agostini, M., Morás, C., & Alves Carra, L. V. (2020). An overview of the theme of social innovation in the three sectors: A research in the studies of the Gaucho Universities. *Revista de Administração da UFSM*, 13(Special Issue), 1571-1590. <https://doi.org/10.5902/1983465944270>
- Akhter, A., Hossain, M. U., & al Asheq, A. (2020). Influential factors of social entrepreneurial intention in Bangladesh. *Journal of Asian Finance, Economics and Business*, 7(8). <https://doi.org/10.13106/jafeb.2020.vol7.no8.645>
- Albuquerque, M. V. D., & Ribeiro, L. H. L. (2020). Desigualdade, situação geográfica e sentidos da ação na pandemia da COVID-19 no Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 36(12). <https://doi.org/10.1590/0102-311X00208720>
- Alijani, S., Luna, A., Castro-Spila, J., & Unceta, A. (2016). Building capabilities through social innovation: implications for the economy and society. In *Finance and economy for society: integrating Sustainability*, 11, 293-313. Emerald Group Publishing Limited. <https://doi.org/10.1108/S2043-905920160000011016>
- Altınay, L., Sigala, M., & Waligo, V. (2016). Social value creation through tourism enterprise. *Tourism Management*, 54, 404-417. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2015.12.011>
- Alcaide Lozano, V., Moliner, L. A., Murillo, D., & Buckland, H. (2019). Understanding the effects of social capital on social innovation ecosystems in Latin America through the lens of Social Network Approach. *International Review of Sociology*, 29(1), 1-35. <https://doi.org/10.1080/03906701.2019.1609747>
- Andion, C., Alperstedt, G. D., Graeff, J. F., & Ronconi, L. (2022). Social innovation ecosystems and sustainability in cities: A study in Florianópolis, Brazil. *Environment, Development and Sustainability*, 24, 1259–1281. <https://doi.org/10.1007/s10668-021-01496-9>
- Andion, C., Alperstedt, G. D., & Graeff, J. F. (2020). Social innovation ecosystems, sustainability, and democratic experimentation: a study in Florianópolis, Brazil. *Revista de Administração Pública*, 54, 181-200. <https://doi.org/10.1590/0034-761220180418x>

- Andrade, C. R. X. (Org.). (2013). *Vida comunitária: ação-diálogo e desenvolvimento*. Expressão Gráfica e editora.
- André, I., & Abreu, A. (2006). Dimensões e espaços da inovação social. *Finisterra*, 41(81), 121-141. <https://doi.org/10.18055/Finis1465>
- Andrew, C., & Klein, J. L. (2010). *Social Innovation: What is it and why is it important to understand it better*, In: *Crises*. Québec: Centre de Recherche Sur Les Innovations Sociales Cahiers du Crise.
- Andrikopoulos, A., & Triantafyllou, A. (2021). *The Essentials of Social Finance*. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781003230366>
- Ardill, N., & Lemes de Oliveira, F. (2018). Social innovation in urban spaces. *International Journal of Urban Sustainable Development*, 1–15. <https://doi.org/10.1080/19463138.2018.1526177>
- Ashta, A., Couchoro, M., & Musa, A. M. (2014). Dialectic evolution through the social innovation process: from microcredit to microfinance. *Journal of Innovation and Entrepreneurship*, 3(4), 1-23. <https://doi.org/10.1186/2192-5372-3-4>
- Audretsch, D. B., Eichler, G. M., & Schwarz, E. J. (2022). Emerging needs of social innovators and social innovation ecosystems. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 1-38. <https://doi.org/10.1007/s11365-021-00789-9>
- Avelino, F., Wittmayer, J. M., Pel, B., Weaver, P., Dumitru, A., Haxeltine, A., ... O’Riordan, T. (2017). Transformative social innovation and (dis)empowerment. *Technological Forecasting and Social Change*. <https://doi.org/10.1016/j.techfore.2017.05.002>
- Balfour, B., & Alter, T. R. (2016). Mapping community innovation: Using social network analysis to map the interactional field, identify facilitators, and foster community development. *Community Development*, 47(4), 431-448. <https://doi.org/10.1080/15575330.2016.1153493>
- Banco do Nordeste do Brasil [BNB]. *Sobre o Banco do Nordeste*. <https://www.bnb.gov.br/sobre-o-bnb>.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. 4ªed. Edições, 70(1977), 99-120.
- Barinaga, E. (2017). Tinkering with space: The organizational practices of a nascent social venture. *Organization Studies*, 38(7), 937-958. <https://doi.org/10.1177/0170840616670434>
- Batista, L. F. & Correia, S. É. N. (2020, October 14-16). *Desenvolvimento de capacidades coletivas em iniciativas de inovação social: proposição de um framework*. [Paper

- presentation]. 44th ANPAD Conference - EnANPAD 2020, São Paulo, SP, Brasil. [http://anpad.org.br/eventos.php?cod\\_evento\\_edicao=106](http://anpad.org.br/eventos.php?cod_evento_edicao=106)
- Batista, L. F. (2020). Desenvolvimento de capacidades coletivas em inovações sociais: análise da Rede Paraibana de Bancos Comunitários. [Master's thesis, Universidade Federal de Campina Grande]. SISTEMOTECA – Sistema de Bibliotecas da UFCG. <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/16167>
- Bellandi, M., Donati, L., & Cataneo, A. (2021). Social innovation governance and the role of universities: Cases of quadruple helix partnerships in Italy. *Technological Forecasting and Social Change*, 164, 120518. <https://doi.org/10.1016/j.techfore.2020.120518>
- Bellemare, G., & Klein, J. L. (2011). La question territoriale des pratiques sociales, des pratiques scientifiques et des savoirs. In G. Bellemare & J. L. Klein (Orgs.), *Innovation sociale et territoire: convergences théoriques et pratiques* (pp. 1-16). Presses de l'Université du Québec.
- Benneworth, P., & Cunha, J. (2015). Universities' contributions to social innovation: reflections in theory & practice. *European journal of innovation management*. <https://doi.org/10.1108/EJIM-10-2013-0099>
- Bignetti, L. P. (2011). As inovações sociais: uma incursão por ideias, tendências e focos de pesquisa. *Ciências Sociais Unisinos*, 47(1), 3-14. <https://doi.org/10.4013/1040>
- Bourdieu P. (1986). The forms of capital. In J. G. Richardson (Ed.), *Handbook of theory and research for the sociology of education* (pp. 241-258). Greenwood.
- Brem, A., & Radziwon, A. (2017). Efficient Triple Helix collaboration fostering local niche innovation projects—A case from Denmark. *Technological Forecasting and Social Change*, 123, 130-141. <https://doi.org/10.1016/j.techfore.2017.01.002>.
- Bruyne, P., Herman, J. & Schoutheete, M. (1991). *Dinâmica da pesquisa em ciências sociais*. (5ª ed). Francisco Alves.
- Butkevičienė, E. (2009). Social innovations in rural communities: Methodological framework and empirical evidence. *Socialiniai Mokslai*, 63(1), 80-88.
- Cajaiba-Santana, G. (2014). Social innovation moving the field forward: A conceptual framework. *Technological Forecasting & Social Change*, 82(2), 42-51. <https://doi.org/10.1016/j.techfore.2013.05.008>

- Calzada, I., Chautón, A., & Di Siena, D. (2013). Macro, meso, micro: Systemic territory framework from the perspective of social innovation. *SSRN Electronic Journal*. <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.2506938>
- Camboim, G. F., Zawislak, P. A., & Pufal, N. A. (2019). Driving elements to make cities smarter: Evidences from European projects. *Technological Forecasting and Social Change*, 142, 154-167. <https://doi.org/10.1016/j.techfore.2018.09.014>
- Carayannis, E. G., Grigoroudis, E., Stamati, D., & Valvi, T. (2021). Social business model innovation: A quadruple/quintuple helix-based social innovation ecosystem. *IEEE Transactions on Engineering Management*, 68(1), 235-248. <http://dx.doi.org/10.1109/TEM.2019.2914408>
- Carl, J. (2020). From technological to social innovation—the changing role of principal investigators within entrepreneurial ecosystems. *Journal of Management Development*, 39(5), 739-752. <https://doi.org/10.1108/JMD-09-2019-0406>
- Caroli, M. G., Fracassi, E., Maiolini, R., & Carnini Pulino, S. (2018). Exploring Social Innovation Components and Attributes: A Taxonomy Proposal. *Journal of Social Entrepreneurship*, 9(2), 94–109. <https://doi.org/10.1080/19420676.2018.1448296>
- Caulier-Grice, J., Davies, A., Patrick, R., & Norman, W. (2012). *Defining social innovation – Part 1*. The Young Foundation. <https://youngfoundation.org/wp-content/uploads/2012/12/TEPSIE.D1.1.Report.DefiningSocialInnovation.Part-1-defining-social-innovation.pdf>
- Center de Recherche sur les Innovations Sociales [CRISES]. (2010). *Rapport annuel des activités scientifiques du CRISES*. Center de Recherche sur les Innovations Sociales. <https://crises.uqam.ca/>
- Cervantes, M., Lemus, D., & Montalvo, R. (2017). Implementing innovative financial models in different cultures: A comparative analysis of China and Mexico. *Cross Cultural & Strategic Management*, 24(3), 508-528. <https://doi.org/10.1108/CCSM-09-2016-0170>
- Choi, N., & Majumdar, S. (2014). Social entrepreneurship as an essentially contested concept: Opening a new avenue for systematic future research. *Journal of Business Venturing*, 29(3), 363-376. <https://doi.org/10.1016/j.jbusvent.2013.05.001>
- Christlieb, J. (2012) *Measuring social value creation: A quantitative study among social entrepreneurs* [Master's thesis Universiteit Twente]. Student These. <http://essay.utwente.nl/62631/>

- Ciccarino, I. D. M., Silva, J. F & Rodrigues, S. C. S. F. (2022, September 21-23). Social initiatives types: classification and contexto. [Paper presentation]. 46th ANPAD Conference - EnANPAD 2022, São Paulo, SP, Brasil. [http://anpad.com.br/pt\\_br/event/details/120/1873](http://anpad.com.br/pt_br/event/details/120/1873)
- Cloutier, J. (2003). *Qu'est-ce que l'innovation sociale?*. Center de Recherche sur les Innovations Sociales. <https://crises.uqam.ca/cahiers/et0314-quest-ce-que-linnovation-sociale/>
- Comini, G. M. (2016). *Negócios sociais e inovação social: Um retrato de experiências brasileiras* [Doctoral dissertation, Universidade de São Paulo]. Digital Library USP. <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/livredocencia/12/tde-15122016-143942/en.php>
- Comini, G.M., Fischer, R.M. & D'Amario, E.Q. (2022). Social business and social innovation: the Brazilian experience. *Innovation & Management Review*, 19(2), 140-155. <https://doi.org/10.1108/INMR-06-2020-0081>
- Coletto, C., Calliari, L., Souza, D. B. & Menezes, D. C. A dinâmica dos atores nas estruturas analíticas de ecossistemas de inovação: Um ensaio teórico. (2022, November 08-11). [Paper presentation]. XXV SemeAD Conference, São Paulo, SP, Brasil. <https://submissao.semead.com.br/25semead/anais/arquivos/989.pdf?>
- Cooper, D. R.; Schindler, P. S. (2011). *Métodos de pesquisa em Administração* (10. ed.). Bookman
- Cordeiro, B. O. (2020). Global mobility of microfinance policies. *Policy and Society*, 39(1), 19-35. <https://doi.org/10.1080/14494035.2019.1659472>
- Correia, S. É. N., Gomez, C. R. P. & Oliveira, V. M. (2018). Inovações sociais e seus níveis de análise: O caso Patac-Pb. *Gestão e Desenvolvimento*, 15(2), 157-180. <https://doi.org/10.25112/rgd.v15i2.1544>
- Correia, S. É. N., Oliveira, V. M., & Gomez, C. R. P. (2016). Dimensions of social innovation and the roles of organizational actor: the proposition of a framework. *RAM. Revista de Administração Mackenzie*, 17(6), 102-133. <http://dx.doi.org/10.1590/1678-69712016/administracao.v17n6p102-133>
- Costa, P., Ramos, H., & Pedron, C. (2019). Proposição de Estrutura Alternativa para Tese de Doutorado a Partir de Estudos Múltiplos. *Revista Ibero-Americana De Estratégia*, 18(2), 155-170. <https://doi.org/10.5585/ijsm.v18i2.2783>
- Crépon, B., Devoto, F., Duflo, E., & Parienté, W. (2015). Estimating the impact of microcredit on those who take it up: Evidence from a randomized experiment in Morocco. *American*

- Economic Journal: Applied Economics*, 7(1), 123-50. <https://doi.org/10.1257/app.20130535>
- Cunha, J., Ferreira, C., Araújo, M., Nunes, M. L., & Ferreira, P. (2022). Social innovation projects link to sustainable development goals: case of Portugal. *International Journal of Sustainable Development & World Ecology*, 29(8), 725-737. <https://doi.org/10.1080/13504509.2022.2084795>
- Currie, W. L., & Guah, M. W. (2007). Conflicting institutional logics: a national programme for IT in the organisational field of healthcare. *Journal of Information Technology*, 22(3), 235–247. <https://doi.org/10.1057/palgrave.jit.2000102>
- D'Amario, E. Q., & Comini, G. M. (2020). Social Innovation in Brazilian Social Entrepreneurships: A proposed scale for its classification. *Revista Brasileira de Gestão de Negócios*, 22(1), 104-122. <https://doi.org/10.7819/rbgn.v22i1.4037>
- D'Amario, E. Q. (2018). *Inovação social: uma proposta de escala para a sua mensuração* [Doctoral dissertation, Universidade de São Paulo]. Digital Library USP. <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/12/12139/tde-11072018-151654/en.php>
- Dawson, P., & Daniel, L. (2010). Understanding social innovation: A provisional framework. *International Journal of Technology Management*, 51(1), 9-21. <https://doi.org/10.1504/IJTM.2010.033125>
- Diário do Nordeste. (2016, December 16). *Comunidade São Vicente resgata autoestima e busca sustentabilidade por meio de projetos sociais*. <http://blogs.diariodonordeste.com.br/zonanorte/sobral /comunidade-sao-vice-resgata-autoestima-e-busca-sustentabilidade-por-meio-de-projetos-sociais/9638>
- Diário do Nordeste. (2018, July 6). *Meruoca: Comunidade São Vicente comemora bons resultados do V Festival de Arte e Ecologia*. <http://blogs.diariodonordeste.com.br/zonanorte/sobral /meruoca-comunidade-sao-vice-comemora-bons-resultados-do-v-festival-de-arte-e-ecologia/13331>
- Domanski, D., Howaldt, J., & Kaletka, C. (2020). A comprehensive concept of social innovation and its implications for the local context—on the growing importance of social innovation ecosystems and infrastructures. *European Planning Studies*, 28(3), 454-474. <https://doi.org/10.1080/09654313.2019.1639397>
- Drucker, P. (1969). *The age of discontinuities*. Transaction Publications.

- Erpf, P., Tekula, R., & Neuenschwander, J. (2019). Clustering social enterprises: an empirically validated taxonomy. *Social Enterprise Journal*. <https://doi.org/10.1108/SEJ-12-2018-0081>
- Evers, A., Ewert, B., Brandsen, T., Eds. (2014). *Social Innovations for social cohesion*. Liege: WILCO. <https://repository.ubn.ru.nl/bitstream/handle/2066/127760/127760.pdf>
- Fávero, L. P., Belfiore, P., Silva, F. D., & Chan, B. L. (2009). *Análise de dados: modelagem multivariada para tomada de decisões*. Campus.
- Fernandes, C. C., Oliveira Jr., M. D. M., Sbragia, R., & Borini, F. M. (2017). Strategic assets in technology-based incubators in Brazil. *European Journal of Innovation Management*, 20(1), 153-170. <https://doi.org/10.1108/EJIM-04-2016-0043>
- Fialho, C. B., Costa, V. M. F., Nunes, A. D. F. P., Castro, B. L. G. D., & Rodrigues, M. C. M. (2021). Relação entre os atores e o ambiente: uma análise dos sentimentos positivos e negativos sobre um Ecossistema Empreendedor. *Revista de Administração da UFMS*, 15(1), 15-36. <https://doi.org/10.5902/1983465966335>
- Fogelberg, H., & Thorpenberg, S. (2012). Regional innovation policy and public-private partnership: The case of Triple Helix Arenas in Western Sweden. *Science and Public Policy*, 39(3), 347-356. <https://doi.org/10.1093/scipol/scs023>.
- Foroudi, P., Akarsu, T. N., Marvi, R., & Balakrishnan, J. (2020). Intellectual evolution of social innovation: A bibliometric analysis and avenues for future research trends. *Industrial Marketing Management*, 93, 446-465. <https://doi.org/10.1016/j.indmarman.2020.03.026>
- Fortunato, M. W-P. (2015). Entrepreneurship, innovation and regional development. *Community Development*, 46(5), 601-603. <https://doi.org/10.1080/15575330.2015.1085716>
- Franzoni, G. B., & da Silva, T. N. (2016). Inovação social e tecnologia social: O caso da cadeia curta de agricultores familiares e a alimentação escolar em Porto Alegre/RS. *Desenvolvimento em Questão*, 14(37), 353-386. <https://doi.org/10.21527/2237-6453.2016.37.353-386>
- Gallouj, F., Rubalcaba, L., Toivonen, M., & Windrum, P. (2018). Understanding social innovation in services industries. *Industry and Innovation*, 25(6), 551-569. <https://doi.org/10.1080/13662716.2017.1419124>
- George, D., & Mallery, P. (2019). *SPSS for Windows Step by Step: A simple guide and reference*. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780429056765>
- Gil, A. C. (2010). *Como elaborar projetos de pesquisa* (5th ed.). Atlas.

- Gil, A. C., & dos Reis Neto, A. C. (2021). Survey de Experiência como Pesquisa Qualitativa Básica em Administração. *Ciencias da Administração*, 22(56), 125-137. <https://doi.org/10.5007/2175-8077.2020.e74026>
- Gillwald, K. (2000). Konzepte sozialer innovation [Working Paper]. Wissenschaftszentrum Berlin für Sozialforschung -WZB. <http://hdl.handle.net/10419/50299>
- Glaser, B. G., & Strauss, A. L. (2017). *The discovery of grounded theory: Strategies for qualitative research*. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780203793206>
- Godoy, A. S. (1995). Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. *RAE - Revista de Administração de Empresas*, 35(3), 20-29. <https://www.scielo.br/j/rae/a/ZX4cTGrqYfVhr7LvVyDBgdb/?format=pdf&lang=pt>
- Guida, F., & Maiolini, R. (2014). Social Innovation, Actors, Contexts and Trends. Opening the Black Box. *Enabling Social Innovation for Community-led Territorial Development*. Rome: Fondazione Giacomo Brodolini, 13-20.
- Guile, D. (2008). O que distingue a economia do conhecimento? Implicações para a educação. *Cadernos de Pesquisa*, 38(135), 611-636. <https://doi.org/10.1590/S0100-15742008000300004>
- Hair, J. F., Black, W. C., Babin, B. J., Anderson, R. E., & Tatham, R. L. (2009). *Análise multivariada de dados*. Bookman.
- Harrisson, D., Klein, J. L., & Browne, P. L. (2010). *Social innovation, social enterprise and services*. Edward Elgar Publishing.
- Hasche, N., Höglund, L., & Linton, G. (2019). Quadruple helix as a network of relationships: creating value within a Swedish regional innovation system. *Journal of Small Business & Entrepreneurship*, 32(6), 523-544. <https://doi.org/10.1080/08276331.2019.1643134>
- Haug, H., Robson, P., Hagedoorn, J., & Sugar, K. (2021). The nascent ecology of social enterprise. *Small Business Economics*, 58(3), 1223-1242. <https://doi.org/10.1007/s11187-020-00442-9>
- Holland, J. H., Hatcher, W., & Poole, V. B. (2018). Social entrepreneurship in Trujillo, Peru: The case of Nisolo. *Community Development*, 49(3), 312-323. <https://doi.org/10.1080/15575330.2018.1462837>
- Horne, J., Recker, M., Michelfelder, I., Jay, J., & Kratzer, J. (2020). Exploring entrepreneurship related to the sustainable development goals-mapping new venture activities with semi-

- automated content analysis. *Journal of Cleaner Production*, 242, 118052. <https://doi.org/10.1016/j.jclepro.2019.118052>
- Howaldt, J., Butzin, A., Davis, A., Domanski, D., & Kaletka (Eds.). (2014). *Theoretical approaches to social innovation: A critical literature review*. Sozialforschungsstelle. <https://www.zsi.at/en/object/publication/3718>
- Howaldt, J., Domanski, D., & Kaletka, C. (2016). Social Innovation: Towards a new innovation paradigm. *RAM. Revista de Administração Mackenzie*, 17(6), 20-44. <https://doi.org/10.1590/1678-69712016/administracao.v17n6p20-44>
- Howaldt, J., Kopp, R., & Schwarz, M. (2015). *On the theory of social innovations: Tarde's neglected contribution to the development of a sociological innovation theory*. Social Science Open Access Repository. <https://nbn-resolving.org/urn:nbn:de:0168-ssoar-419633>
- Howaldt, J., Schröder, A., Butzin, A., & Rehfeld, D. (Eds.) (2017). *Towards a general theory and typology of social innovation*. Social Innovation: Driving Force of Social Change - SI-DRIVE. [https://si-drive.archiv.zsi.at/wp-content/uploads/2018/01/SI-DRIVE-Deliverable-D1\\_6-Theory-Report-2017-final-20180131.pdf](https://si-drive.archiv.zsi.at/wp-content/uploads/2018/01/SI-DRIVE-Deliverable-D1_6-Theory-Report-2017-final-20180131.pdf)
- Ibáñez, M. J., Guerrero, M., Yáñez-Valdés, C., & Barros-Celume, S. (2022). Digital social entrepreneurship: the N-Helix response to stakeholders' COVID-19 needs. *The Journal of technology transfer*, 47(2), 556-579. <https://doi.org/10.1007/s10961-021-09855-4>
- Ibrahim, S. (2017) How to build collective capabilities: The 3C-model for grassroots-led development. *Journal of Human Development and Capabilities*, 18(2), 197-222. <https://doi.org/10.1080/19452829.2016.1270918>
- Instituto Brasileiro de Desenvolvimento e Sustentabilidade [IABS]. (2019). *Prêmio Mandacaru*. <http://iabs.org.br/premiomandacaru/a-experiencia-das-edicoes-anteriores/>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE]. (2022). *Cidades e Estados - Meruoca*. <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ce/meruoca.html>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE]. (2022). *Cidades e Estados - Fortaleza*. <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ce/fortaleza.html>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE]. *Censo 2010 - Resultados do universo, aspectos populacionais e moradia/Sistema Integrado de dados agregados*. <http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/popul/default.asp?z=t&o=25&i=P>.
- Instituto Nordeste Cidadania [INEC]. *Programa de Desenvolvimento e Integração Comunitária*. <http://www.inec.org.br/>

- Jackson, E. T. (2013). Evaluating social impact bonds: Questions, challenges, innovations, and possibilities in measuring outcomes in impact investing. *Community Development*, 44(5), 608-616. <https://doi.org/10.1080/15575330.2013.854258>
- Jacobides, M. G., Cennamo, C., & Gawer, A. (2018). Towards a theory of ecosystems. *Strategic management journal*, 39(8), 2255-2276. <https://doi.org/10.1002/smj.2904>
- Jang, S. (2017). Cultural brokerage and creative performance in multicultural teams. *Organization Science*, 28(6), 993-1009. <https://doi.org/10.1287/orsc.2017.1162>
- Johnson, M. P., & Schaltegger, S. (2020). Entrepreneurship for sustainable development: A review and multilevel causal mechanism framework. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 44(6), 1141-1173. <https://doi.org/10.1177/1042258719885368>
- Khavul, S., Chavez, H., & Bruton, G. D. (2013). When institutional change outruns the change agent: The contested terrain of entrepreneurial microfinance for those in poverty. *Journal of Business Venturing*, 28(1), 30-50. <https://doi.org/10.1016/j.jbusvent.2012.02.005>
- Klitsie, E. J., Ansari, S., & Volberda, H. W. (2018). Maintenance of cross-sector partnerships: The role of frames in sustained collaboration. *Journal of Business Ethics*, 150(2), 401-423. <https://doi.org/10.1007/s10551-018-3859-5>
- Kraemer-Eis, H., Botsari, A., Gvetadze, S., Lang, F., & Torfs, W. (2021). European Small Business Finance Outlook 2021 (No. 2021/75). EIF Working Paper. [https://www.eif.org/news\\_centre/publications/EIF\\_Working\\_Paper\\_2021\\_75.htm](https://www.eif.org/news_centre/publications/EIF_Working_Paper_2021_75.htm)
- Lévesque, B. (2008). Le potentiel d'innovation et de transformation de l'économie sociale: quelques éléments de problématique. *Interações*, 9(2), 191-216. <https://doi.org/10.1590/S1518-70122008000200008>
- Lew, Y. K., Khan, Z., & Cozzio, S. (2018). Gravitating toward the quadruple helix: international connections for the enhancement of a regional innovation system in Northeast Italy. *R&D Management*, 48(1), 44-59. <https://doi.org/10.1111/radm.12227>
- Liang, Saraf, Hu, & Xue. (2007). Assimilation of Enterprise Systems: The Effect of Institutional Pressures and the Mediating Role of Top Management. *MIS Quarterly*, 31(1), 59. <https://doi.org/10.2307/25148781>
- Lietz, C. A., & Zayas, L. E. (2010). Evaluating qualitative research for social work practitioners. *Advances in Social work*, 11(2), 188-202. <https://doi.org/10.18060/589>

- Maher, M., & Hazenberg, R. (2021). Floating down the river: Vietnamese community-led social innovation. *Social Enterprise Journal*, 17(1), 1-19. <https://doi.org/10.1108/SEJ-04-2020-0024>
- Mahmuda, I., Baskaran, A., & Pancholi, J. (2014). Financing social innovation for poverty reduction: A case study of microfinancing and microenterprise development in Bangladesh. *Science Technology & Society*, 19(2), 249-273. <https://doi.org/10.1177/0971721814529879>
- Mair, J., & Martí, I. (2006). Social entrepreneurship research: A source of explanation, prediction, and delight. *Journal of World Business*, 41(1), 36–44. <https://doi.org/10.1016/j.jwb.2005.09.002>
- Majchrzak, A., Jarvenpaa, S. L., & Bagherzadeh, M. (2015). A Review of Interorganizational Collaboration Dynamics. *Journal of Management*, 41(5), 1338-1360. <https://doi.org/10.1177/0149206314563399>
- Maloney, M. P., & Ward, M. P. (1973). Ecology: Let's hear it from the people – An objective scale for measurement of ecological attitudes and knowledge. *American Psychologist*, 28(7), 583-586. <https://doi.org/10.1037/h0034936>
- Manzini, E. (2015). *Design, when everybody designs: An introduction to design for social innovation*. MIT press. <https://www.jstor.org/stable/j.ctt17kk7sv>
- Martin, R. L., & Osberg, S. (2015). *Getting beyond better: How social entrepreneurship works*. Harvard Business Review Press.
- Matitz, Q. R. S., & Schlemm, M. M. (2012). Aplicações do conhecimento em atividades operacionais de gestão de redes: aplicação de um framework de pesquisa no campo de empreendedorismo social. *Revista de Administração Unimep*, 10(3), 110-134. <http://www.raunimep.com.br/ojs/index.php/rau/article/view/540/510>
- Maurer, A. M. (2011). *As dimensões de inovação social em empreendimentos econômicos solidários do setor de artesanato gaúcho* [Master's thesis, Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. Repositório digital LUME UFRGS. <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/35828>
- Medeiros, C. B., & Gómez, C. R. P. (2019). Inovação social na análise do ciclo de expansão do programa 1 milhão de cisternas. *Revista de Gestão Social e Ambiental*, 13(3), 44-59. <https://doi.org/10.24857/rgsa.v13i3.2064>

- Mendonça, K. V., & Soares, R. B. (2016). Trajetória de crescimento para microempreendedores: Diferencial de gênero dos clientes do programa crediamigo. *Estudos Econômicos*, 46(3), 701- 731. <https://doi.org/10.1590/0101-416146373kvr>
- Mercan, B., & Goktas, D. (2011). Components of innovation ecosystems: a cross-country study. *International Research Journal of Finance and Economics*, 76(16), 102-112. <http://www.internationalresearchjournaloffinanceandeconomics.com/>
- Miles, M. B., Huberman, A. M., & Saldaña, J. (2013). *Qualitative data analysis: A methods sourcebook* (3rd ed.). Sage.
- Miller, T. L., Grimes, M. G., McMullen, J. S., & Vogus, T. J. (2012). Venturing for others with heart and head: How compassion encourages social entrepreneurship. *Academy of management review*, 37(4), 616-640. <https://doi.org/10.5465/amr.2010.0456>
- Mirvis, P., Herrera, M. E. B., Googins, B., & Albareda, L. (2016). Corporate social innovation: How firms learn to innovate for the greater good. *Journal of Business Research*, 69(11), 5014–5021. <https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2016.04.073>
- Molnár, G. (2017). Capability building combined with microcredit: the loan alone is insufficient. *Journal of Social Entrepreneurship*, 8(3), 354-374. <https://doi.org/10.1080/19420676.2017.1371632>
- Monteiro, A. (2019). What is social innovation? Conceptual malleability and practical implications. *Dados*, 62(3), e20170009. <https://doi.org/10.1590/001152582019187>
- Moreira, T. P. (2017). *Dimensões da inovação social: o caso da Fundação Casa Grande – Memorial do Homem Kariri* [Master's thesis, Universidade Federal do Ceará]. Repositório Institucional UFC. <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/29130>
- Moulaert, F, Maccallum, D, Mehmood, A., & Hamdouch, A. (Eds.). (2013). *The international handbook on social innovation: Collective action, social learning and transdisciplinary research*. Edward Elgar Publishing.
- Moulaert, F. (2009). Social innovation: Institutionally embedded, territorially (re)produced. In D. MacCallum, F. Moulaert, J. Hillier & S. V. Haddock (Eds.), *Social Innovation and Territorial Development* (pp. 11-24). Ashgate Publishing.
- Moulaert, F., & Sekia, F. (2003). Territorial innovation models: A critical survey. *Regional Studies*, 37(3), 289-302. <https://doi.org/10.1080/0034340032000065442>

- Moulaert, F., Martinelli, F., Swyngedouw, E., & Gonzalez, S. (2005). Towards alternative model (s) of local innovation. *Urban studies*, 42(11), 1969-1990. <https://doi.org/10.1080/00420980500279893>
- Moulaert, F., Mehmood, A., MacCallum, D., Leubolt, B., Eds. (2017). *Social innovation as a trigger for transformations*. European Commission. <https://doi.org/10.2777/68949>
- Mulgan, G. (2006). The process of social innovation. *Innovations*, 145-164.
- Mulgan, G., Tucker, S., Ali, R. & Sanders, B. (2007). *Social innovation: What it is, why it matters and how it can be accelerated*. The Young Foundation. <https://i3w7d2w8.stackpathcdn.com/wp-content/uploads/2012/10/Social-Innovation-what-it-is-why-it-matters-how-it-can-be-accelerated-March-2007.pdf>
- Murphy, M., Perrot, F., & Rivera-Santos, M. (2012). New perspectives on learning and innovation in cross-sector collaborations. *Journal of Business Research*, 65(12), 1700-1709. <https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2012.02.011>
- Murray, R., Caulier-Grice, J., & Mulgan, G. (2010). *The open book of social innovation*. The Young Foundation. [http://temp.uefiscdi.ro/edigiregion\\_v2/the\\_open\\_book\\_of\\_social\\_innovationNESTA.pdf](http://temp.uefiscdi.ro/edigiregion_v2/the_open_book_of_social_innovationNESTA.pdf)
- Mustafa, F., Khursheed, A., & Fatima, M. (2018). Impact of global financial crunch on financially innovative microfinance institutions in South Asia. *Financial Innovation*, 4(1), 1-11. <https://doi.org/10.1186/s40854-018-0099-8>
- Neumeier, S. (2012). Why do social innovations in rural development matter and should they be considered more seriously in rural development research? - Proposal for a stronger focus on social innovations in rural development research. *Sociologia Ruralis*, 52(1), 48-69. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9523.2011.00553.x>
- Nicholls, A., & Murdock, A. (2012). The nature of social innovation. In Nicholls, A., Murdock, A. (Eds), *Social Innovation* (pp. 1-30). Palgrave Macmillan. [https://doi.org/10.1057/9780230367098\\_1](https://doi.org/10.1057/9780230367098_1)
- Nicholls, A., Simon, J., & Gabriel, M. (2015). *New frontiers in social innovation research*. Springer Nature. <https://doi.org/10.1057/9781137506801>
- North, P., & Longhurst, N. (2013). Grassroots localisation? The scalar potential of and limits of the 'transition' approach to climate change and resource constraint. *Urban Studies*, 50(7), 1423-1438. <https://doi.org/10.1177/0042098013480966>

- Oliveira, L. M. B. (2009). Ação e experimentação: o caso da Fundação Casa Grande. *Políticas Culturais em Revista*, 2(2), 60-71. <https://doi.org/10.9771/1983-3717pcr.v2i2.4279>
- Organisation for Economic Co-operation and Development [OECD]. (2012). *Development Co-operation Report: lessons in linking sustainability and development*. OECD Publishing. <http://dx.doi.org/10.1787/dcr-2012-en>
- Oslo, Manual de. (1997). *Diretrizes para coleta e interpretação de dados sobre inovação* (3rd ed.). OECD Publishing. <http://www.finep.gov.br/images/apoio-e-financiamento/manualoslo.pdf>
- Paiva, L. E. B., Lima, T. C. B. de, Sousa, E. S., & Pontes, E. S. (2019). Sustainability, Innovation, and Entrepreneurship: A Research with Administration and Secretariat Students. *Revista de Negócios*, 24(3), 7-26. <https://doi.org/10.7867/1980-4431.2019v24n3p7-26>
- Pazetto, A. Z., Nunes, N. A., do Livramento Gonçalves, G., & de Menezes, S. B. (2022). Abordando o espectro da inovação social: uma discussão teórico-conceitual. *Revista de Ciências da Administração*, 24(63), 89-101. <https://doi.org/10.5007/2175-8077.2022.e90394>
- Pel, B., Wittmayer, J., Dorland, J., & Sjøgaard Jørgensen, M. (2020). Unpacking the social innovation ecosystem: an empirically grounded typology of empowering network constellations. *Innovation: The European Journal of Social Science Research*, 33(3), 311-336. <https://doi.org/10.1080/13511610.2019.1705147>
- Peredo, A. M., & McLean, M. (2006). Social entrepreneurship: A critical review of the concept. *Journal of World Business*, 41(1), 56–65. <https://doi.org/10.1016/j.jwb.2005.10.007>
- Phillips, S. D., & Johnson, B. (2021). Inching to impact: The demand side of social impact investing. *Journal of Business Ethics*, 168(3), 615-629. <https://doi.org/10.1007/s10551-019-04241-5>
- Phillips, W., Lee, H., Ghobadian, A., O'Regan, N., & James, P. (2014). Social Innovation and Social Entrepreneurship. *Group & Organization Management*, 40(3), 428–461. <https://doi.org/10.1177/1059601114560063>
- Phills, J., Deiglmeier, K., & Miller, D. (2008). Rediscovering social innovation. *Stanford Social Innovation Review*, 34–43.
- Pinto, H., Ferreira, S., & Guerreiro, J. A. (2021). The emergence of a Social Innovation Ecosystem in Portugal: An exploratory approach based on the perspective of strategic

- stakeholders. *European Public & Social Innovation Review*, 6(2), 15-34. <https://doi.org/10.31637/epsir.21-2.2>
- Pol, E., & Ville, S. (2009). Social innovation: Buzz word or enduring term? *The Journal of Socio-Economics*, 38(6), 878–885. <https://doi.org/10.1016/j.socec.2009.02.011>
- Portales, L. (2019). *Social innovation and social entrepreneurship: Fundamentals, Concepts, and Tools*. Palgrave Macmillan. [https://www.researchgate.net/profile/Luis-Derbez/publication/332602672\\_Impact\\_Investment\\_a\\_Key\\_Element\\_in\\_the\\_Promotion\\_of\\_Social\\_Innovation/links/60071c9d92851c13fe23876f/Impact-Investment-a-Key-Element-in-the-Promotion-of-Social-Innovation.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Luis-Derbez/publication/332602672_Impact_Investment_a_Key_Element_in_the_Promotion_of_Social_Innovation/links/60071c9d92851c13fe23876f/Impact-Investment-a-Key-Element-in-the-Promotion-of-Social-Innovation.pdf)
- Porter, M. E., & Kramer, M. R. (2018). Creating Shared Value. *Managing Sustainable Business*, 327–350. [https://doi.org/10.1007/978-94-024-1144-7\\_16](https://doi.org/10.1007/978-94-024-1144-7_16)
- Prefeitura de Fortaleza, Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico. (2022). *Desenvolvimento Humano, por bairro, em Fortaleza*. <http://salasituacional.fortaleza.ce.gov.br:8081/acervo/documentById?id=22ef6ea5-8cd2-4f96-ad3c-8e0fd2c39c98>
- Quandt, C., Ferraresi, A., Kudlawicz, C., Martins, J., & Machado, A. (2017). Social innovation practices in the regional tourism industry: Case study of a cooperative in Brazil. *Social Enterprise Journal*, 13(1), 78-94. <https://doi.org/10.1108/SEJ-12-2015-0038>
- Quirino, B. S., Neto, R. C. D. A., Carvalho, R. B., & Goulart, I. B. (2015). Análise do programa habitacional Minha Casa, Minha Vida nas perspectivas da inovação social e a evolução das políticas públicas. *Revista de Gestão Social e Ambiental-RGSA*, 9(3), 97-117. <https://doi.org/10.5773/rgsa.v9i3.1031>
- Raderstrong, J., & Boyea-Robinson, T. (2016). The why and how of working with communities through collective impact. *Community Development*, 47(2), 181-193. <https://doi.org/10.1080/15575330.2015.1130072>
- Ravazzoli, E., & Valero, D. E. (2020). Social innovation: An instrument to achieve the sustainable development of communities. In W. Leal Filho, A. Azul, L. Brandli, P. Özuyar, T. Wall (Eds.), *Sustainable Cities and Communities* (pp. 1-10). Springer. [https://doi.org/10.1007/978-3-319-71061-7\\_108-1](https://doi.org/10.1007/978-3-319-71061-7_108-1)

- Rey-García, M., Calvo, N., & Mato-Santiso, V. (2018). Collective social enterprises for social innovation: Understanding the potential and limitations of cross-sector partnerships in the field of work integration. *Management Decision*, 57(6), 1415–1440. <https://doi.org/10.1108/MD-01-2017-0091>
- Ribeiro, J. P. C., Duarte, F., & Gama, A. P. M. (2022). Does microfinance foster the development of its clients? A bibliometric analysis and systematic literature review. *Financial Innovation*, 8(1), 1-35. <https://doi.org/10.1186/s40854-022-00340-x>
- Rock, D., Grant, H., & Grey, J. (2016). Diverse teams feel less comfortable - and that's why they perform better. *Harvard Business Review*. <https://hbr.org/2016/09/diverse-teams-feel-less-comfortable-and-thats-why-they-perform-better>
- Rosca, E., Agarwal, N., & Brem, A. (2020). Women entrepreneurs as agents of change: A comparative analysis of social entrepreneurship processes in emerging markets. *Technological Forecasting and Social Change*, 157, 120067. <https://doi.org/10.1016/j.techfore.2020.120067>
- Rubin, A. (2000). Standards for rigor in qualitative inquiry. *Research on Social Work Practice*, 10(2), 173-178. <https://doi.org/10.1177/104973150001000201>
- Saccol, A. Z. (2010). Um retorno ao básico: compreendendo os paradigmas de pesquisa e sua aplicação na pesquisa em administração. *Revista De Administração Da UFSM*, 2(2), 250–269. <https://doi.org/10.5902/198346591555>
- Sachs, I. (1998). O desenvolvimento enquanto apropriação dos direitos humanos. *Estudos Avançados*, 12(33), 149-156. <https://doi.org/10.1590/S0103-40141998000200011>
- Sadabadi, A. A., & Rahimi Rad, Z. (2022). How can cross-sector partnership promote social innovation?. *Systemic Practice and Action Research*, 35(4), 471-490. <https://doi.org/10.1007/s11213-021-09581-w>
- Salgado, C. C. R. & Aires, R. F.F. (2018). Microcredit and Gender: Are there differences in the credit conditions?. *BAR- Revista da Administração Brasileira*, 15(2). <https://doi.org/10.1590/1807-7692bar2018180019>
- Sandeep, M. S., & Ravishankar, M. N. (2015). Social innovations in outsourcing: An empirical investigation of impact sourcing companies in India. *The Journal of Strategic Information Systems*, 24(4), 270-288. <https://doi.org/10.1016/j.jsis.2015.09.002>

- Sanzo, M. J., Alvarez, L. I., Rey, M., & García, N. (2015). Business–nonprofit partnerships: a new form of collaboration in a corporate responsibility and social innovation context. *Service Business*, 9(4), 611-636. <https://doi.org/10.1007/s11628-014-0242-1>
- Sarason, Y., Dean, T., & Dillard, J. F. (2006). Entrepreneurship as the nexus of individual and opportunity: A structuration view. *Journal of Business Venturing*, 21(3), 286–305. <https://doi.org/10.1016/j.jbusvent.2005.02.007>
- Satrústegui, K. U. (2013). Desenvolvimento, subdesenvolvimento, mau-desenvolvimento e pós-desenvolvimento: um olhar transdisciplinar sobre o debate e suas implicações. *Revista Perspectivas do Desenvolvimento*, 1(1), 34-69.
- Schönerwald, C., & Vernengo, M. (2016). Microfinance, Financial Inclusion, and the Rhetoric of Reaction: The Evolution and Limitations of Microfinance in Brazil. *Latin American Policy*, 7(2), 356-376. <https://doi.org/10.1111/lamp.12101>
- Scaringella, L., & Radziwon, A. (2018). Innovation, entrepreneurial, knowledge, and business ecosystems: Old wine in new bottles?. *Technological Forecasting and Social Change*, 136, 59-87. <https://doi.org/10.1016/j.techfore.2017.09.023>
- Seidman, E. (2003). Fairweather and ESID: Contemporary Impact and a Legacy for the Twenty-First Century. *American Journal of Community Psychology*, 32(3-4), 371–375. <https://doi.org/10.1023/b:ajcp.0000004755.51641.d3>
- Sell, C. E. (2016). Max Weber e o átomo da sociologia: um individualismo metodológico moderado? *Civitas - Revista de Ciências Sociais*, 16(2), 323. <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2016.2.22167>
- Sen, A. (1993). O desenvolvimento como expansão de capacidades. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, (28-29), 313-334. <https://doi.org/10.1590/S0102-64451993000100016>
- Sen, A. (1999). *Development as Freedom*. Oxford University Press.
- Silva, C. R. M., & Crisóstomo, V. L. (2019). Fiscal management, public management efficiency and socioeconomic development of Ceará municipalities. *Revista de Administração Pública*, 53(4), 791-801. <https://doi.org/10.1590/0034-761220180234x>

- Silva, L. S. (2007). *Indicadores para políticas de proximidade: o caso Prêmio Cultura Viva* [Doctoral dissertation, Universidade de São Paulo]. Biblioteca Digital USP. <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-22072009-183232/pt-br.php>
- Silva, S. B., & Bitencourt, C. C. (2019). Open social innovation in living labs. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, 13(3), 16-34. <https://doi.org/10.12712/rpca.v13i3.32914>
- Silva, W. A. C., Fonseca, R. F., & Santos, A. O. (2016). Desenvolvimento dos micronegócios e a qualidade de vida das famílias dos microempreendedores. *Revista de Administração Mackenzie*, 17(4), 176-200. <http://dx.doi.org/10.1590/1678-69712016/administracao.v17n4p176-200>
- Slimane, K. B., & Lamine, W. (2017). A transaction-based approach to social innovation. *The international journal of entrepreneurship and innovation*, 18(4), 231-242. <https://doi.org/10.1177/1465750317741879>
- Souza, A. C. A. A. (2014). *Dimensões da inovação social no semiárido cearense: o caso Agência de Desenvolvimento Econômico Local (ADEL)* [Master's thesis, Universidade Federal do Ceará]. Repositório Institucional UFC. <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/15084>
- Souza, A. C. A. A., Lessa S., B., & Silva Filho, J. C. L. (2019). Social innovation and the promotion of local economic development. *Innovation & Management Review*. 16(1), 55-71. <https://doi.org/10.1108/INMR-10-2018-0074>
- Souza, M. F., Santos, A. C. M. Z., Henriqson, E. & Souza, M. Q. B. (2021, May 17-18). *Construção Paradigmática do Empreendedorismo Social: uma Revisão Sistemática de Literatura*. [Paper presentation]. XXXI SIMPÓSIO DE GESTÃO DA INOVAÇÃO TECNOLÓGICA - Simpósio 2021, Evento On-line. <http://anpad.com.br/uploads/articles/112/approved/92c8c96e4c37100777c7190b76d28233.pdf>
- Stiglitz, J. E. (1990). Peer monitoring and credit markets. *The world bank economic review*, 4(3), 351-366. <https://doi.org/10.1093/wber/4.3.351>
- Stoustrup, S. W. (2022). A rural laboratory in the Austrian alm—Tracing the contingent processes fostering social innovation at the local level. *Sociologia Ruralis*, 62(3), 542-563. <https://doi.org/10.1111/soru.12372>

- Talmage, C. (2021). Social entrepreneurship: A needed tool for contemporary community development education. *International Journal of Community Well-Being*, 4, 227-243. <https://doi.org/10.1007/s42413-021-00112-y>
- Talmage, C., & Knopf, R. C. (2017). Rethinking diversity, inclusion, and inclusiveness: The quest to better understand indicators of community enrichment and well-being. In *New dimensions in community well-being* (pp. 7-27). Springer, Cham. [https://doi.org/10.1007/978-3-319-55408-2\\_2](https://doi.org/10.1007/978-3-319-55408-2_2)
- Tardif, C., & Harrisson, D. (2005). *Complémentarité, convergence et transversalité: la conceptualisation de l'innovation sociale au CRISES*. Center de Recherche sur les Innovations Sociales. <https://crises.uqam.ca/wp-content/uploads/2018/10/ET0513.pdf>
- Tardif, C., & Harrisson, D. (2005). *Complémentarité, convergence et transversalité: la conceptualisation de l'innovation sociale au CRISES*. Center de Recherche sur les Innovations Sociales. <https://crises.uqam.ca/wp-content/uploads/2018/10/ET0513.pdf>
- Terstriep, J., Rehfeld, D., & Kleverbeck, M. (2020). Favourable social innovation ecosystem (s)?—An explorative approach. *European Planning Studies*, 28(5), 881-905. <https://doi.org/10.1080/09654313.2019.1708868>.
- The Theoretical, Empirical and Policy Foundations for Building Social Innovation in Europe [TEPSIE]. (2014). *Social innovation theory and research: A guide for researchers*. DG Research. [https://iupe.files.wordpress.com/2015/11/tepsie-research\\_report\\_final\\_web.pdf](https://iupe.files.wordpress.com/2015/11/tepsie-research_report_final_web.pdf)
- Torlig, E., Junior, P. C. R., Fujihara, R. K., & Montezano, L. (2020). Framework integrativo de inovação social colaborativa a partir do projeto Rondon. *Desenvolvimento em Questão*, 18(53), 330-351. <https://doi.org/10.21527/2237-6453.2020.53.330-351>
- Torres, G.M.B, & Correia, S. É. N. Projetos Intersetoriais de Inovação Social: Proposição de um Modelo Teórico (2022, September 21-23). [Paper presentation]. 46th ANPAD Conference - EnANPAD 2022, São Paulo, SP, Brasil. [http://anpad.com.br/pt\\_br/event/details/120/1873](http://anpad.com.br/pt_br/event/details/120/1873)
- Tsujimoto, M., Kajikawa, Y., Tomita, J., & Matsumoto, Y. (2018). A review of the ecosystem concept – Towards coherent ecosystem design. *Technological Forecasting and Social Change*, 136, 49-58. <https://doi.org/10.1016/j.techfore.2017.06.032>
- Ullrich, D. R., de Oliveira, J. S., Basso, K., & Visentini, M. S. (2012). Reflexões teóricas sobre confiabilidade e validade em pesquisas qualitativas: Em direção à reflexividade analítica. *Análise*, 23(1), 19-30.

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/iberoamericana/N%C3%83%C6%92O%20>  
<https://www.scimagojr.com/index.php/face/article/view/11329>

- Unceta, A., Guerra, I., & Barandiaran, X. (2021). Integrating social innovation into the curriculum of higher education institutions in latin america: Insights from the students4change project. *Sustainability*, 13(10), 5378. <https://doi.org/10.3390/su13105378>
- Unceta, A., Luna, Á., Castro, J., & Wintjes, R. (2020). Social Innovation Regime: an integrated approach to measure social innovation. In *The Economics of Social Innovation* (pp. 54-72). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781003291510>
- Van der Have, R. P., & Rubalcaba, L. (2016). Social innovation research: An emerging area of innovation studies?. *Research Policy*, 45(9), 1923-1935. <https://doi.org/10.1016/j.respol.2016.06.010>
- Voorberg, W. H., Bekkers, V. J. J. M., & Tummers, L. G. (2015). A systematic review of co-creation and co-production: Embarking on the social innovation journey. *Public Management Review*, 17(9), 1333-1357. <https://doi.org/10.1080/14719037.2014.930505>
- Williams, G. (2011). *Data mining with Rattle and R: The art of excavating data for knowledge discovery*. Springer Science & Business Media. <https://doi.org/10.1007/978-1-4419-9890-3>
- Wolfram, M., & Frantzeskaki, N. (2016). Cities and systemic change for sustainability: prevailing epistemologies and an emerging research agenda. *Sustainability*, 8(2), 1-18. <https://doi.org/10.3390/su8020144>
- Yin, R. K. (2015). *Estudo de Caso: Planejamento e métodos*. Bookman.
- Yunus, M. (2003). *O Banqueiro dos pobres*. Ática.
- Zahra, S. A., Gedajlovic, E., Neubaum, D. O., & Shulman, J. M. (2009). A typology of social entrepreneurs: Motives, search processes and ethical challenges. *Journal of Business Venturing*, 24(5), 519–532. <https://doi.org/10.1016/j.jbusvent.2008.04.00>
- Ziegler, R. (2010). Innovations in doing and being: Capability innovations at the intersection of Schumpeterian political economy and human development. *Journal of Social Entrepreneurship*, 1(2). 255-272. <https://doi.org/10.1080/19420676.2010.511818>

Ziegler, R., Molnár, G., Chiappero-Martinetti, E. & von Jacobi, N. (2017). Creating (economic) space for social innovation. *Journal of Human Development and Capabilities*, 18(2), 293-298. <https://doi.org/10.1080/19452829.2017.1301897>

Zuckerman, S. J. (2020). “Why can’t this work here?”: social innovation and collective impact in a micropolitan community. *Community Development*, 51(4), 401-419. <https://doi.org/10.1080/15575330.2020.1789183>

## APÊNDICE I – ESTUDOS EMPÍRICOS DE ECOSSISTEMA DE INOVAÇÃO SOCIAL

Autor, Ano	Título	Objetivo	Aspectos Metodológico	Resultados
Stoustrup (2022)	A rural laboratory in the Austrian alm—Tracing the contingent processes fostering social innovation at the local level.	Compreender como os processos de IS surgem e evoluem no nível local.	Estudo de caso da região austríaca de Mühlviertel.	Defende-se um foco maior em como os ecossistemas e infraestruturas de inovação social são cruciais para promover e apoiar o surgimento de novas percepções, objetivos e práticas. Usando a metáfora do 'laboratório' como um quadro conceitual para ver o desenvolvimento rural, o artigo descreve o surgimento e a evolução de longo prazo da inovação social no nível local.
Audretsch, Eichler & Schwarz (2022)	Emerging needs of social innovators and social innovation ecosystems.	Lançar luz sobre as necessidades emergentes dos inovadores sociais.	Estudo exploratório com análise qualitativa aprofundada de um contexto territorial exemplar com base em 28 entrevistas semiestruturadas e coleta de dados secundários.	O estudo explora semelhanças e diferenças entre o ecossistema de inovação social e o ecossistema empreendedor. O modelo de ecossistema empreendedor de Isenberg é aproveitado para o desenvolvimento de um novo modelo de ecossistema de inovação social.
Cunha <i>et al.</i> (2022)	Social innovation projects link to sustainable development goals: case of Portugal.	Explorar como a inovação social pode contribuir para o alcance dos objetivos de desenvolvimento sustentável (ODS)	Estudo de caso que compreende uma análise de conteúdo seguida de análise de correspondência múltipla. Examinou-se 209 projetos de inovação social financiados pelo programa <i>Portugal Social Innovation</i> em três dimensões: empoderamento, conteúdo e processo.	Os achados evidenciam a interação entre inovação social e ODS, portanto, a inovação social sustenta as três dimensões da sustentabilidade: economia, sociedade e meio ambiente. Nesse sentido, é possível concluir que os ODS constituem um arcabouço que posiciona a inovação social, trazendo clareza e estrutura para o campo. Essa identificação e classificação podem promover a criação de um mercado de oferta e demanda de inovações sociais, fortalecendo o ecossistema de inovação social.
Andion <i>et al.</i> (2022)	Social innovation ecosystems and sustainability in cities: a study in Florianópolis, Brazil.	Propor uma nova abordagem teórico-metodológica que se inspira em uma perspectiva pragmática e	O estudo de caso de uma plataforma digital colaborativa que permitiu fazer uma cartografia da rede que forma o EIS da cidade, lançando luz sobre a articulação	Os resultados da pesquisa contribuem para levantar aspectos-chave em cada escala do EIS que podem fomentar ou dificultar a dinâmica da inovação social. Nesse sentido, além de contribuir para uma melhor compreensão da dinâmica dos EISs, o

		apresenta resultados de sua aplicação empírica no mapeamento e análise do SIE na cidade de Florianópolis, Brasil.	entre micro-meso-macro-escalas dos EISs.	objetivo deste estudo foi analisar a configuração, o alcance e os limites dos EISs para reforçar os processos de experimentação democrática e fortalecer a sustentabilidade das cidades, especialmente em países do Sul, onde esses estudos ainda são escassos.
Pinto, Ferreira & Guerreiro (2021)	The emergence of a Social Innovation Ecosystem in Portugal: An exploratory approach based on the perspective of strategic stakeholders.	Discutir o conceito de ecossistema de inovação social e apresenta uma abordagem exploratória para o seu mapeamento.	Com base em entrevistas com <i>stakeholders</i> estratégicos da economia social e solidária e empresas sociais, o estudo desenvolve as especificidades do ecossistema de inovação social.	O ecossistema português é constituído por três subecossistemas que apresentam pesos distintos, ligações limitadas e sobreposições: a economia social, o negócio social e o ecossistema da solidariedade social. O artigo conclui com uma visão geral do estado atual da inovação social, enfatizando as perspectivas dos stakeholders sobre as experiências recentes que o Estado português tem desenvolvido no estabelecimento de diálogo no seio de organizações que integram dinâmicas de inovação social.
Unceta, Guerra & Barandiaran (2021)	Integrating social innovation into the curriculum of higher education institutions in latin america: Insights from the students4change project.	Entender o papel das IES latino-americanas na promoção de IS, analisando as experiências de 10 universidades participantes para formalizar um programa pedagógico de IS e Empreendedorismo Social (ES) em suas instituições.	Estudo de caso do projeto <i>Students4Change</i> promovido pela Comissão Europeia para aprofundar o conceito, dinâmica e impactos da IS, integrando nos currículos e nos ambientes de aprendizagem a IS e o ES em Universidades na América Latina.	Os resultados sugerem que ainda há necessidade de formalizar um currículo acadêmico especificamente desenhado para promover IS e capacitar as universidades nesse sentido. Este artigo contribui para a identificação das principais alavancas de mudança, pontos fortes e desafios que as universidades latino-americanas enfrentam para institucionalizar IS e ES em seus contextos.
Carayannis (2021)	Social Business Model Innovation: A Quadruple/Quintuple Helix-Based Social Innovation Ecosystem.	Propor uma abordagem de ecossistema que possa fornecer uma estrutura integrada para modelos de negócios sociais.	Adota-se os modelos de inovação de hélice quádrupla/quíntupla que são capazes de promover a inovação social, permitindo um processo empreendedor de descoberta e exploração de conhecimento centrado no locus e no triplo resultado final.	Tal estrutura pode ajudar a estudar o papel, a natureza e a dinâmica dos ecossistemas fractais de cooperação social, com ênfase na sociedade civil, estruturas políticas, meio ambiente e sustentabilidade. Além disso, os estudos de caso de IS apresentados neste documento destacam que a inovação aberta direcionada é um elemento-chave para o The business model innovation (BMI).

Pel <i>et al.</i> (2020)	Unpacking the social innovation ecosystem: an empirically grounded typology of empowering network constellations.	Analisar como a IS se espalha, como pode ser estimulada e como “ecossistemas” favoráveis de IS podem ser criados.	Mapea-se a variedade de constelações de rede estudadas em uma comparação internacional de 20 redes SI transnacionais, uma tipologia de ecossistemas SI é construída. Distingui-se cinco tipos ideais de ecossistemas SI, desde centros de cocriação vagamente integrados e focados localmente até movimentos políticos globalmente conectados e amplamente ressonantes, a tipologia informa uma abordagem diferenciada para sua compreensão e desenvolvimento.	Esta contribuição descompacta o conceito de “ecossistemas de IS”, especificando como o empoderamento proporcionado pelas redes de IS se baseia em (1) incorporação local, (2) conectividade transnacional e (3) ressonância discursiva.
Unceta <i>et al.</i> (2020)	Social Innovation Regime: an integrated approach to measure social innovation.	Analisar o desenvolvimento de uma perspectiva exploratória integrada para entender e medir os Ecossistemas de Inovação Social através da noção de Regime de Inovação Social.	Propõe-se um quadro exploratório interessante para explorar os fatores socioestruturais através dos quais um país ou região apresenta um conjunto de vulnerabilidades que podem se transformar em problemas sociais não atendidos.	Este artigo sugere a hipótese de que existe uma inter-relação entre a força dos Regimes de Bem-Estar e dos Ecossistemas de Inovação Social, num momento em que as Políticas Sociais e os Estados de Bem-Estar em todo o mundo se encontram enfraquecidos ou em crise, abrindo portas à inovação social, contribuindo para as metodologias de medição e impacto do IS ao determinar a taxa de vulnerabilidade regional – social, econômica, institucional, ambiental – dentro dos regimes de bem-estar.
Terstriep, Rehfeld & Kleverbeck (2020)	Favourable social innovation ecosystem(s)? An explorative approach.	Refletir sobre as características comuns e as diferenças entre a IS e outras formas de inovação e os requisitos daí decorrentes para um Ecossistema de Inovação Social (EIS).	Com base nos dados dos dois projetos de investigação europeus, SIMPACT e SI-DRIVE, reflete-se sobre o EIS na perspectiva dos Sistemas Regionais de Inovação (RIS) enquanto enquadramento analítico e conceito estratégico e de gestão.	Argumenta-se que, devido à multiplicidade de atividades de IS e sua inserção local, não existe a melhor solução para o EIS. Postula-se que o estabelecimento de um EIS requer (1) um modo de governança que integre atores da sociedade civil, do campo social, econômico e acadêmico; (2) centros de inovação social, laboratórios e centros de transferência como intermediários que aceleram as atividades de inovação social; e (3) a integração de diferentes modos de inovação em estratégias de

				inovação transformacional.
Domanski, Howaldt & Kaletka (2020)	A comprehensive concept of social innovation and its implications for the local context—on the growing importance of social innovation ecosystems and infrastructures.	Contribuir para uma base teórica comum na teoria da inovação social, elaborando um conceito abrangente de inovação social fundamentado na teoria social e discutindo as consequências para as inovações sociais no contexto urbano.	Ensaio teórico sobre os fundamentos teóricos da IS e investiga a relação entre IS e mudança social, discutindo as consequências de um conceito abrangente de inovação social para o nível local, destacando sua perspectiva multissetorial. Os ecossistemas de inovação social são apresentados como uma abordagem teórica emergente e um modelo heurístico especialmente para a inovação social urbana	Os resultados de um mapeamento global realizado pelo projeto de pesquisa internacional SI-DRIVE fornecem informações empíricas sobre a diversidade e o estado atual das iniciativas de inovação social.
Andion <i>et al.</i> (2020)	Social innovation ecosystems, sustainability, and democratic experimentation: A study in Florianópolis, Brazil.	Compreender em que medida o EIS responde a problemas vivenciados nos espaços públicos da cidade.	Propõe-se uma abordagem teórico-metodológica de inspiração pragmatista para a cartografia e análise do EIS que está sendo aplicada na cidade de Florianópolis.	Por meio da coconstrução de uma plataforma digital colaborativa, a pesquisa observa atores, suas interações e práticas, para entender “se” e “como” essa rede favorece a “indagação pública” ou a experimentação democrática e/ou promove dinâmicas de desenvolvimento mais sustentáveis na cidade.
Alcaide Lozano <i>et al.</i> (2019)	Understanding the effects of social capital on social innovation ecosystems in Latin America through the lens of Social Network Approach.	Explorar o papel do capital social na criação de ecossistemas de inovação social e na promoção do impacto social.	Estudo de dois casos, escolhidos por suas experiências pioneiras no campo do combate à pobreza na América Latina: <i>Socialab</i> e <i>Compartamos con Colombia</i> .	Com foco em sua estrutura de interações (através de indicadores em nível de rede e em nível de nó), examinamos as características estruturais dos dois ecossistemas estudados. Em seguida, correlacionamos dados relacionais para estudar a associação entre o impacto social percebido e os aspectos estruturais. Os resultados confirmam ecossistemas heterofílicos e altos níveis de impacto percebido como bons impulsores para o fortalecimento de futuras colaborações.
Slimane & Lamine (2017)	A transaction-based approach to social innovation.	Fornecer uma abordagem baseada em transações para a IS com base nos três modos de coordenação e governança de transações	Ensaio teórico em que se produziu um modelo que explica como a IS pode ser implementada no mercado, nas hierarquias ou nas redes	Este trabalho traz uma série de contribuições teóricas. (1) fornece um quadro integrador de inovação social que está firmemente enraizado na teoria da organização; (2) introduziu-se dois novos conceitos: orientação ao empreendedorismo social e

		identificados por Powell.		ecossistema de inovação social, acreditando que esses conceitos podem contribuir para uma melhor compreensão do campo da IS no contexto do desenvolvimento sustentável.
Alijani <i>et al.</i> (2016)	Building capabilities through social innovation: Implications for the economy and society	Enfatizar a importância das capacidades potenciais e realizadas na construção e sustentação de inovações sociais e investigar o "micro-meso-macro" das ligações que fundamentam o processo da IS.	Mede os resultados e o impacto das IS por meio de um modelo agregativo, que leva em consideração diferentes formas de capacidades que são engendradas no processo ou como resultado da IS. Esta metodologia destaca a importância dos impulsionadores da IS e dos contextos em que a exploração e a exploração do conhecimento levam à criação de capacidades que ajudam os inovadores sociais a responder às necessidades sociais não satisfeitas	Oferece uma nova perspectiva sobre como a abordagem de capacidade pode ser usada para avaliar e medir ações individuais e coletivas ao enfrentar desafios sociais.

**Fonte:** Elaborado pela autora (2022).

## APÊNDICE II – ROTEIRO DE ENTREVISTAS ARTIGO 1

### ARTIGO 1 - INOVAÇÃO SOCIAL EM UMA COMUNIDADE LOCAL NO BRASIL

#### PARTE I - ROTEIRO PARA ENTREVISTA - ADMINISTRAÇÃO INEC

<b>ROTEIRO PARA ENTREVISTA – ADMINISTRAÇÃO INEC</b>
Roteiro elaborado com base nas Dimensões da Inovação Social propostas por Tardif e Harrisson (2005) e no estudo conduzido por Maurer (2011)
<b>1. PERFIL DO ENTREVISTADO</b>
1.1 Cargo ou função na INEC?
1.2 Idade?
1.3 Grau de escolaridade?
1.4 Ano em que iniciou o seu envolvimento com a INEC?
<b>2. INFORMAÇÕES SOBRE O INEC</b>
2.1 Localização?
2.2 Ano de fundação?
2.3 Número de integrantes?
2.4 Público beneficiado?
2.5 Atividades desenvolvidas?
2.6 Qual é o objetivo principal do INEC?
2.7 Qual é a principal fonte de recursos do INEC?
2.8 Como surgiu a ideia para a formação da Programa de Desenvolvimento e Integração Comunitária (PDIC) ?
2.9 Como surgiu a ideia para a sua integração à INEC?
<b>3 DIMENSÕES DA INOVAÇÃO SOCIAL</b>
<b>(1) TRANSFORMAÇÕES</b>
3.1 <b>Contextual:</b> Como era o contexto da cidade (ou do bairro) antes da formação do INEC/PDIC ?
3.2 <b>Econômico:</b> Como se caracterizava a situação econômica do município e das pessoas envolvidas na época da formação da organização?
3.3 <b>Social:</b> Quanto aos aspectos sociais, como se caracterizam a época do contexto descrito?
<b>EXTRA:</b> Como a formação do INEC/ PDIC foi vista na comunidade no qual está inserido? O que motivou a buscar uma atuação no campo escolhido?
<b>(2) CARÁTER NOVIDADE</b>
3.4 <b>Modelos:</b> Qual o modelo de ações adotado pelo INEC/PDIC? Há participação do poder público?
3.5 <b>Economia:</b> Como o INEC/ PDIC busca gerar valor econômico?
3.6 <b>Ação Social:</b> Antes da formação do INEC/PDIC que tipo de ações sociais foram desenvolvidas na região buscando responder aos desafios contextuais apontados?
<b>(3) INOVAÇÃO</b>
3.7 <b>Escala:</b> Qual a capilaridade das ações do INEC/ PDIC?
3.8 <b>Tipo:</b> Como se desenvolve a inovação social promovida pelo INEC/PDIC?
3.9 <b>Finalidade:</b> Qual a finalidade das ações desenvolvidas pelo INEC/ PDIC?
<b>(4) ATORES</b>

3.10 <b>Sociais:</b> Quais os atores sociais envolvidos na promoção da inovação social através do INEC/PDIC ?
3.11 <b>Organizacionais:</b> Quais os atores organizacionais envolvidos na promoção da inovação social em parceria com do INEC/PDIC?
3.12 <b>Instituições:</b> Quais instituições envolvidas na promoção da inovação social em conjunto com o INEC/ PDIC?
3.13 <b>Intermediários:</b> Quais os atores intermediários envolvidos na promoção da inovação social a partir das ações desenvolvidas pelo INEC/ PDIC?
<b>EXTRA:</b> Quais os atores que participaram do processo inicial de formação? Quais eram os papéis desenvolvidos por cada um deles? Quais atores mais se destacaram na formação do INEC/ PDIC? Por quê? As políticas públicas também tiveram alguma influência no processo de formação do INEC?
<b>(5) PROCESSOS</b>
3.14 <b>Modos de coordenação:</b> Como são coordenadas as atividades do INEC/ PDIC?
3.15 <b>Meios:</b> Que tipo de relações são estabelecidas entre as partes envolvidas?
3.16 <b>Restrições:</b> Que tipo de restrições foram / são encontradas para o desenvolvimento das atividades do INEC/PDIC?
<b>EXTRA:</b> Foram enfrentadas dificuldades no processo de formação? Explique. Como foi estabelecida a forma de trabalho no INEC? Como o INEC é visto por outros empreendedores sociais? O empreendimento foi disseminado para outros contextos? Caso sim, desde quando?
<b>OBSERVAÇÃO</b>
Conforme as respostas sejam fornecidas pelos entrevistados, as informações requisitadas devem acompanhar as falas, flexibilidade que deve permitir alterações na condução das entrevistas, no sentido de torna-las mais dinâmicas, sem comprometer o alcance das informações necessárias à pesquisa.

## PARTE II - ROTEIRO PARA ENTREVISTA – BENEFICIÁRIOS PDIC

<b>ROTEIRO PARA ENTREVISTA – BENEFICIADOS PDIC/INEC</b>
<b>1. PERFIL DO ENTREVISTADO</b>
1.1 Função na atividade?
1.2 Idade?
1.3 Grau de escolaridade?
1.4 Ano em que iniciou o seu envolvimento com a atividade?
<b>2. INFORMAÇÕES SOBRE A ATIVIDADE (PDIC)</b>
2.1 Localização?
2.2 Ano de fundação?
2.3 Número de integrantes?
2.4 Público beneficiado?
2.5 Atividades desenvolvidas?
2.6 Qual é a principal fonte de recursos para manutenção da Atividade?
<b>3. DIMENSÕES DA INOVAÇÃO SOCIAL</b>
<b>(1) TRANSFORMAÇÕES</b>

<p>3.1 Como era o contexto da cidade (ou do bairro) antes da contribuição dada pelo INEC?</p> <p>3.2 Em termos econômicos e sociais, como era a vida das pessoas da comunidade?</p> <p>3.3 Como o desenvolvimento da nova Atividade foi vista na comunidade no qual está inserida?</p> <p>3.4 O que motivou a buscar uma atuação no campo escolhido?</p>
<p><b>(2) CARÁTER INOVADOR</b></p>
<p>3.5 Que tipo de tentativa de mudança já havia sido feita antes da colaboração vinda do PDIC?</p> <p>3.6 Como são desenvolvidos os trabalhos na execução da atividade?</p> <p>3.7 Em termos gerais, o que se ganha (econômico ou socialmente) com essa atividade?</p>
<p><b>(3) INOVAÇÃO</b></p>
<p>3.8 Qual é o objetivo principal da Atividade (PDIC)?</p> <p>3.9 Como o PDIC é visto pela comunidade?</p> <p>3.10 Como surgiu a ideia para trabalhar com essa Atividade?</p>
<p><b>(4) ATORES</b></p>
<p>3.11 Quais são as pessoas (atores) envolvidos com a atividade? Fale sobre o que cada uma delas faz.</p> <p>3.12 Existe alguma ajuda do Governo, de alguma empresa privada?</p>
<p><b>(5) PROCESSOS</b></p>
<p>3.13 Como são coordenadas as atividades?</p> <p>3.14 Como os envolvidos se relacionam?</p> <p>3.15 Quais as dificuldades encontradas?</p>

### APÊNDICE III – ROTEIRO DO *SURVEY* ARTIGO 2

#### ARTIGO 2- DIMENSÕES DA INOVAÇÃO SOCIAL E OS PAPÉIS DOS ATORES SOCIAIS NO CONTEXTO DO MICROCRÉDITO

##### PARTE I – PERFIL DO BENEFICIÁRIO – INFORMAÇÕES SOCIOECONÔMICAS

A fonte primária de dados da primeira etapa da pesquisa, será coletada a partir da aplicação de um questionário/entrevista socioeconômico dos beneficiários do programa Crediamigo.

<b>1. Sexo</b>
<input type="checkbox"/> Masculino
<input type="checkbox"/> Feminino
<b>2. Idade (anos completos):</b> _____
<b>3. Estado civil</b>
<input type="checkbox"/> Solteiro (a)
<input type="checkbox"/> Casado (a)/União conjugal
<input type="checkbox"/> Separado (a)/Divorciado (a)
<input type="checkbox"/> Viúvo (a)
<b>4. Escolaridade</b>
<input type="checkbox"/> Ensino fundamental incompleto
<input type="checkbox"/> Ensino fundamental completo
<input type="checkbox"/> Ensino médio incompleto
<input type="checkbox"/> Ensino médio completo
<input type="checkbox"/> Ensino superior incompleto
<input type="checkbox"/> Ensino superior completo
<b>5. Qual o seu rendimento</b>
<input type="checkbox"/> Até 1,0 salário mínimo
<input type="checkbox"/> De 1 a 2 salários mínimos
<input type="checkbox"/> De 2 a 3 salários mínimos
<input type="checkbox"/> De 3 a 4 salários mínimos
<input type="checkbox"/> De 4 a 5 salários mínimos
<input type="checkbox"/> Acima de 5 salários mínimos
<b>6. Onde se localiza a sua unidade de trabalho</b>
<input type="checkbox"/> Ceará (CE)
<input type="checkbox"/> Maranhão (MA)
<input type="checkbox"/> Piauí (PI)
<input type="checkbox"/> Rio Grande do Norte (RN)
<input type="checkbox"/> Paraíba (PB)
<input type="checkbox"/> Pernambuco (PE)
<input type="checkbox"/> Alagoas (AL)
<input type="checkbox"/> Sergipe (SE)
<input type="checkbox"/> Bahia (BA)
<input type="checkbox"/> Minas Gerais (MG)
<input type="checkbox"/> Espírito Santo (ES)
<b>7. Há quanto tempo você é cliente do Programa Crediamigo (em anos):</b> _____
<b>8. Qual produto vc adquiriu no Programa Crediamigo:</b>
<input type="checkbox"/> Giro solidário
<input type="checkbox"/> Giro individual
<input type="checkbox"/> Investimento Fixo
<input type="checkbox"/> Crediamigo Comunidade
<input type="checkbox"/> Crediamigo Mais
<b>9. Em que atividade atua</b>
<input type="checkbox"/> Serviço
<input type="checkbox"/> Comercio
<input type="checkbox"/> Indústria

Especificar o ramo de atividade _____
<b>10. Você já fez algum curso ou capacitação relacionado à educação financeira no Programa Crediamigo. Se sim, qual o seu papel no seu negócio ?</b>
( ) Sim.
( ) Não
<b>11. Qual o propósito do microcrédito no seu negócio ?</b>

## PARTE II – ESCALA DE CLASSIFICAÇÃO DAS INOVAÇÕES SOCIAIS

A fonte primária de dados da segunda etapa da pesquisa, será coletada a partir da aplicação de um *survey* de experiência estruturado formatado em escala *Likert* de 6 (seis) pontos (1 = discordo totalmente e 6 = concordo totalmente) do estudo de D’Amario e Comini (2020), composta por 24 variáveis, com foco nos três eixos – tipologia, profundidade e cobertura da classificação das inovações sociais.

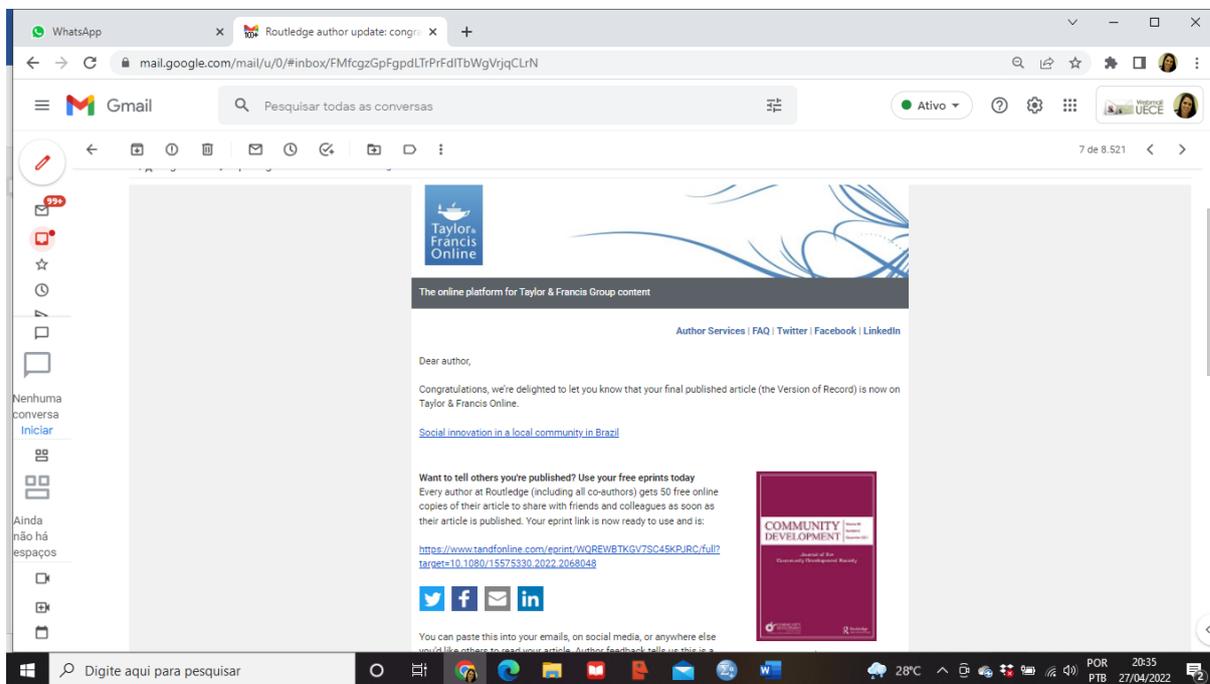
**Indique, por favor, a sua opinião acerca das afirmativas abaixo, de acordo com as escalas indicadas: 1-Discordo totalmente, 2- Discordo, 3- Nem discordo, nem concordo, 4- Concordo, 5- Concordo parcialmente, 6- Concordo totalmente. A partir dos indicadores apontados abaixo, solicitar que os entrevistados dissertem sobre como estes elementos estão relacionados ao processo e ao resultado das iniciativas de IS.**

Dimensão: Profundidade da inovação social	ESCALA					
Variáveis de inovação social incremental (produto)	1	2	3	4	5	6
11-Nossos produtos/serviços já existiam, mas nós os <b>aprimoramos e reduzimos custos</b> para que pessoas que estão em situação de vulnerabilidade social possam ter acesso a eles.						
12- <b>Desenvolvemos</b> novos produtos/serviços mais baratos que os que já existiam e que atendem às populações socialmente vulneráveis.						
13- <b>Melhoramos os produtos e/ou serviços que já existiam para reduzir o impacto ambiental e/ou</b> conhecer pessoas em situação de vulnerabilidade social.						
Variáveis de inovação disruptiva (estruturas sociais)	1	2	3	4	5	6
14-Nossos novos produtos/serviços possibilitam a <b>participação social e/ou política de pessoas</b> em situação de vulnerabilidade social.						
15-Nossos novos produtos/serviços <b>transformam</b> a vida das pessoas em situações de vulnerabilidade.						
16-Nossos novos produtos/serviços <b>enfrentam um desafio que cria igualdade, justiça social e empoderamento.</b>						
17-Nossos produtos/serviços são novas alternativas oferecidas a indivíduos e organizações como forma de <b>alcançar mudanças sociais</b> em suas comunidades.						
18-Nossos novos produtos/serviços <b>mudaram a estrutura do mercado para atender pessoas em situação</b> de vulnerabilidade social.						

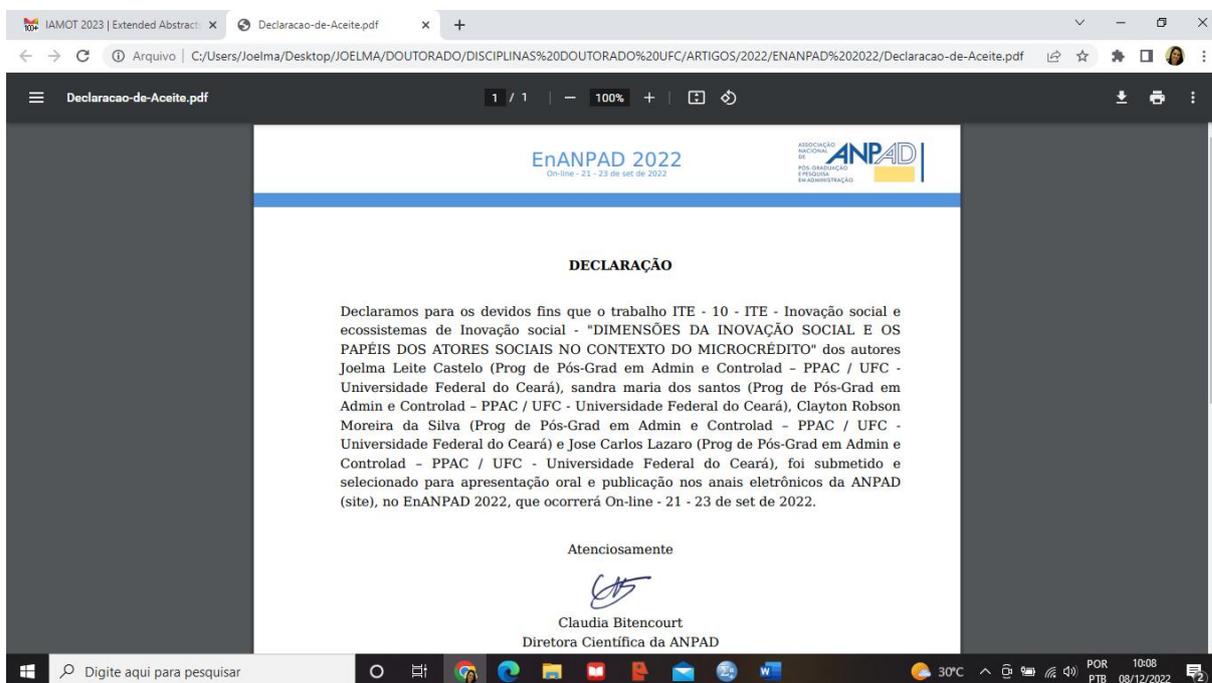
<b>Variáveis de inovação social institucional (estruturas de mercado)</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
19-Nossos novos produtos/serviços promovem <b>mudanças nas relações sociais, aumentando o nível de participação de grupos socialmente vulneráveis.</b>						
20-Realizamos <b>atualizações em produtos/serviços que</b> levam à inclusão de grupos historicamente excluídos.						
21-Nossos novos produtos/serviços se concentram na reconfiguração das estruturas sociais e econômicas existentes, com <b>novas tecnologias mais direcionadas às minorias</b> que estão em situação de vulnerabilidade social.						
22-Nossos novos produtos/serviços <b>reescrevem e criam novos mercados para atender pessoas que estão</b> em situação de vulnerabilidade social.						
<b>Dimensão: Tipos de inovação social</b>						
<b>Variáveis de inovação social de produto</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
23-Nossos produtos/serviços <b>possuem características funcionais inovadoras</b> que atendem às demandas e/ou perfil do consumidor em situação de vulnerabilidade social.						
24-Nossos produtos/serviços apresentam alterações que não alteram sua função ou uso pretendido, mas <b>melhor atendem às demandas</b> dos consumidores em situação de vulnerabilidade social.						
25-Nossos produtos/serviços apresentam alterações em suas características que são percebidas <b>como valiosas pelos consumidores</b> , principalmente aqueles em situações de vulnerabilidade social.						
<b>Variáveis de inovação social de marketing</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>
26-Utilizamos o <b>marketing</b> para gerar uma nova concepção do produto e/ou serviço, a fim de facilitar o uso por pessoas em situação de vulnerabilidade social e/ou causar menos impacto ambiental.						
27-Utilizamos um <b>novo método de promoção ou venda de preços</b> , a fim de possibilitar o consumo de pessoas em situação de vulnerabilidade social e/ou causar menor impacto ambiental.						
28-Nossos produtos/serviços têm um <b>novo design que</b> se encaixa no perfil do consumidor em situação de vulnerabilidade social e/ou que o impacto ambiental é mínimo.						
29-Pretendemos <b>aumentar o volume de vendas</b> através de mudanças no posicionamento de nossos produtos/serviços, a fim de torná-los acessíveis aos consumidores em situação de vulnerabilidade social.						
<b>Variáveis de inovação social organizacional</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>

30-Nossa organização <b>atinge seus objetivos sociais</b> e/ou ambientais utilizando <b>novos métodos de parceria</b> com outras organizações para aprender novas formas de trabalhar.						
31-Buscamos <b>adquirir conhecimento e interagir</b> com outras organizações para atingir nossos objetivos sociais e/ou ambientais.						
32-Nossa organização <b>emprega novos métodos de interação</b> com outras empresas para compartilhar conhecimento e alcançar objetivos sociais e/ou ambientais.						
33-Nossos produtos/serviços <b>fazem parte de novas iniciativas e parcerias</b> que visam reduzir problemas sociais e ambientais.						
<b>Dimensão: Cobertura da inovação social (local-regional-nacional-global)</b>						
<b>34- Nossos produtos/serviços atendem os consumidores de</b> <input type="checkbox"/> um determinado local (comunidade, cidade) <input type="checkbox"/> uma Região (Estado, Região Sul, Sudeste, Norte, Nordeste) <input type="checkbox"/> um País <input type="checkbox"/> vários Países						
<b>35- Como vc definiria o papel do microcrédito no seu empreendimento ?</b>						

## APÊNDICE IV – COMPROVANTE DE PUBLICAÇÃO DO ARTIGO 1



## APÊNDICE V – COMPROVANTE DE APROVAÇÃO DO ARTIGO 2



## APÊNDICE VI – COMPROVANTE DE APROVAÇÃO DO RESUMO EXPANDIDO DO ARTIGO 3

